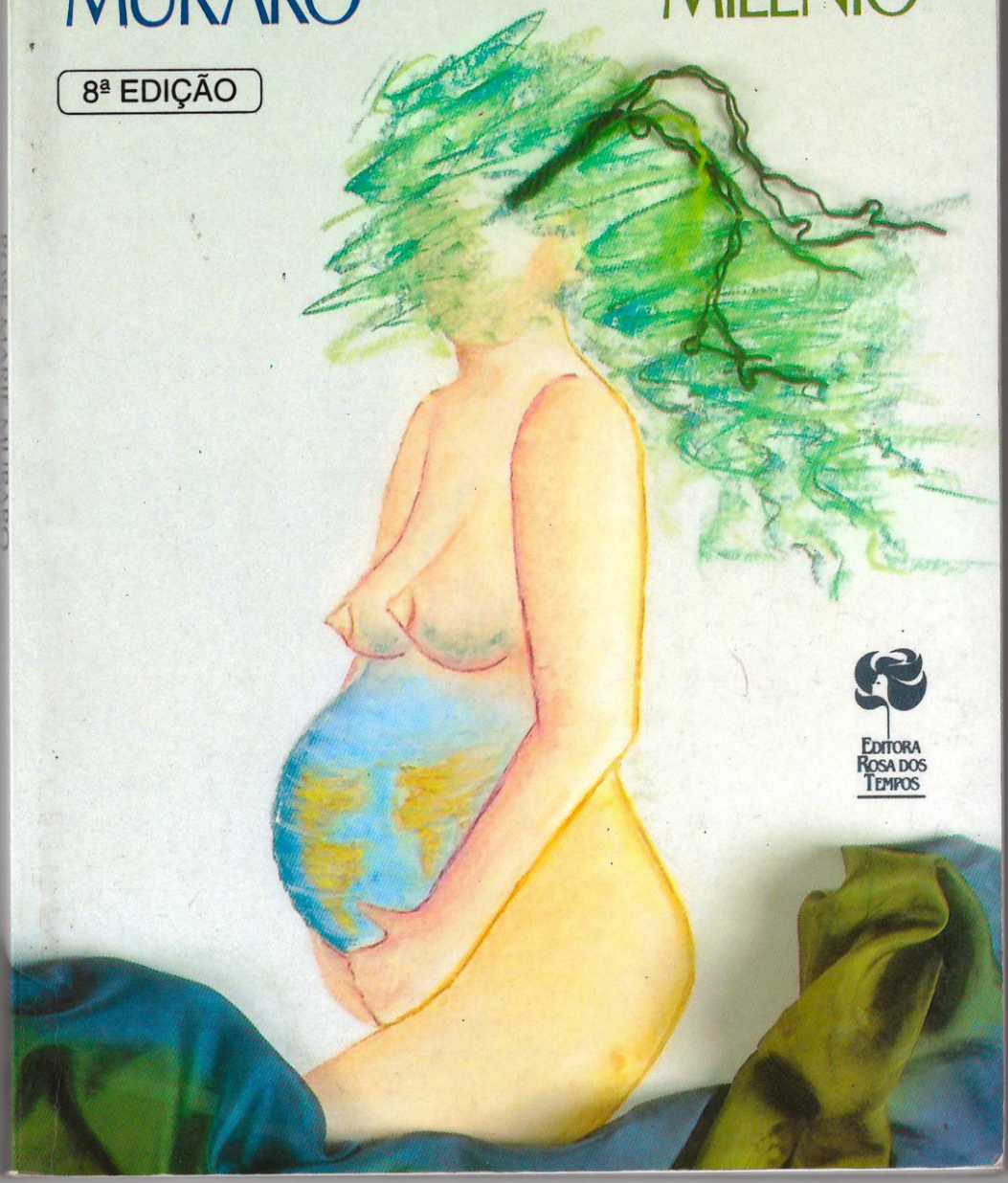
ROSE MARIE MURARO

A MULHER NO TERCEIRO MILÊNIO

8ª EDIÇÃO



EDITORA ROSA DOS TEMPOS

A Mulher no Terceiro Milênio

;nYi
LIVRAVTÁ
Pastaria • Livros • Café • CD's • Informí
623-4909 - 610.0379.349.&90

Rose Marie Muraro

A Mulher no Terceiro Milênio

Uma História da Mulher Através dos Tempos e Suas Perspectivas Para o Futuro

8ª EDIÇÃO

&

EDTTORA
ROSADOS
TEMPOS

Rio de Janeiro
2002

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Muraro, Rose Marie, 1932-
M946m A mulher no terceiro milênio: uma história da
8ª ed. mulher através dos tempos e suas perspectivas para
o futuro / Rose Marie Muraro. - 8ª ed. - Rio de
Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

Bibliografia
ISBN 85-01-64738-1

1. Mulheres - História. 2. Mulheres - Condições
sociais. 1. Titulo.

CDD - 305.4209
92-0020 CDU - 3-055.2(09)

Copyright © 1993 by Rose Marie Muraro

Direitos exclusivos de publicação desta edição
reservados pela
EDITORA ROSA DOS TEMPOS
Uni selo da
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 —Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 - Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-64738-1

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

EDITORA AFILIADA

A meus filhos
Marcos, Cristina, André, Tonia e Verônica
que são minha força na luta pela
construção de um mundo novo

e a Laura Civita
que está me ajudando nesta luta.

Sumário

A História que Ninguém Contou 9

PRIMEIRA PARTE: NO PRINCÍPIO ERA A MÃE.

1. A Vida dos Animais: Machos e Fêmeas 13
2. Os Hominídeos Eram Pacíficos 22
3. O *Homo Sapiens*, o Guerreiro 28
4. Os Vestígios do Passado 32
5. Coletores e Caçadores no Mundo Atual 38
6. Os Horticultores Hoje 51

SEGUNDA PARTE: ...E O VERBO VEIO MUITO DEPOIS

7. O Patriarcado 61
8. O Mito Patriarcal: o *Gênese* 70
9. As Sociedades Pastoris 75
10. As Sociedades Agrárias 79
11. Os Grandes Impérios da Antiguidade 85
12. A Idade Média 100
13. A Caça às Bruxas 107
14. A Renascença, a Reforma e o Capitalismo 116
15. As Mulheres e a Industrialização 127
16. O Nazismo e a Mulher 139

TERCEIRA PARTE: MAS AFINAL, O QUE QUER A MULHER?

17. O Mundo Tecnológico 147
18. Os Países Subdesenvolvidos 153
19. A Mulher nos Países Socialistas 164
20. A Mulher no Capitalismo Avançado 172
21. O Pós-Patriarcado 180
22. Os Novos Valores 186
23. Conclusão: A Mulher no Terceiro Milênio 191
24. Bibliografia 200

A História que Ninguém Contou

O planeta Terra existe ao menos há quatro bilhões e meio de anos. Os primeiros sinais de vida apareceram por volta de dois bilhões de anos, e os mamíferos têm vestígios de vida a partir de oitenta milhões e quinhentos mil anos: o Australopiteco, o macaco que precedeu a espécie humana, começou a vagar pelas selvas africanas. Há um milhão de anos nosso antepassado, o *Homo Erectus*, se espalhava da África para a Asia, Java e outras partes do mundo.

O *Homo Sapiens,* que habita a Terra até os dias de hoje, apareceu provavelmente há cem mil anos na Europa. Outros dizem que sua aparição é mais recente, datando do curto período de cinqüenta a trinta mil anos. Mas, qualquer que seja a época, o que é certo é que temos registros mais precisos — porque escritos — da história da nossa espécie que datam de apenas três mil anos. Dos outros quase dois milhões de anos da nossa evolução, só temos como fontes de conhecimento seguras o comportamento dos animais que foram estudados nestes últimos séculos e o de cerca de duzentas sociedades primitivas que ainda hoje existem, mas, que, como todo o resto do reino não-humano, estão quase em extinção. No mais, apenas com as novas tecnologias se pode tirar inferências de como foi a existência humana e

proto-humana nos milênios passados a partir de pedaços de ossos, dentes de fósseis, vestígios de aldeias, cidades e agrupamentos mais antigos. E é portanto um sumaríssimo resumo destes conhecimentos que pretendemos fazer aqui para que a nossa situação de seres bissexuados possa aparecer com um pouco mais de clareza.

Cremos que, ao final deste livro, talvez grandes surpresas nos esperem. Pois é uma imensa responsabilidade tentar trazer para o domínio do visível aquilo que até então era invisível. E assim que nascem as novas crenças e as novas correntes de pensamento.

O mundo adquiriu outras dimensões quando Galileu viu com novos instrumentos aquilo que até então não se via: que a Terra não era o centro do universo. E a Teoria da Relatividade nasceu quando Einstein viu que alguma coisa estava errada com o efeito de Michelson e Morley.

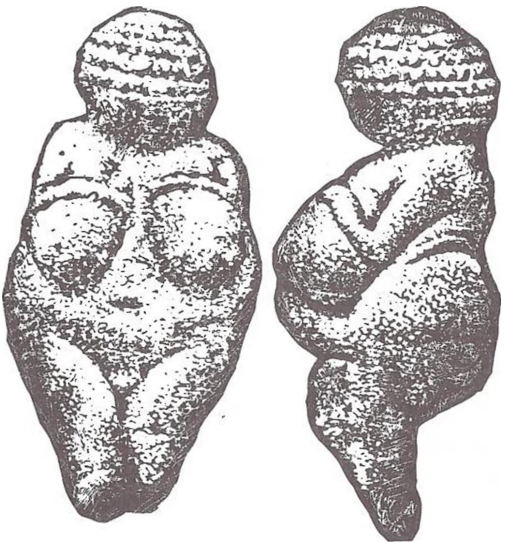
Nesta segunda metade do século XX, milhares de homens e de mulheres estão escavando as profundezas do passado e trazendo à luz a história que ninguém contou: o fascinante romance do mundo do ponto de vista da mulher.

E nossa ínfima contribuição neste esforço é tentar trazer para a mulher e o homem brasileiros a nova consciência que emerge deste conhecimento.

Temos certeza de que a consciência que pode brotar do saber de como se relacionaram homens e mulheres através destas centenas de séculos que constituem a trajetória de nossa espécie sobre este planeta poderá transformar a própria visão que temos do mundo. E, através da transformação de nossa consciência, reiventar o próprio mundo.

PRIMEIRA PARTE

No Princípio Era a Mãe..



Tanagra — tipo de estatueta representando a deusa da fertilidade, encontrada em todas as culturas primitivas

1

A Vida dos Animais: Machos é Fêmeas

No começo era a mãe. O Verbo veio muito depois, em épocas bem mais recentes. O centro não só dos grupos de proto-humanos mas também dos mamíferos em geral e principalmente dos ungulados, onde se incluem os primatas, era a dupla mãe/filho. Ao contrário do pensamento convencional de que os bandos animais se reúnem em torno de um macho dominante que escraviza os outros e se apropria das fêmeas, o que aparece hoje é que estes grupos são matricêntricos e matrilocais, isto é, vão seguindo a sua linhagem feminina, mas nem os animais nem os proto-humanos são matriarcais, pois não são em geral *governados* pelas fêmeas.

Aliás, provavelmente, nunca deve ter existido uma organização social matriarcal, seja ela animal, humana ou proto-humana. Porque matriarcal, por analogia a patriarcal, a organização social que veio depois, seria uma sociedade governada por mulheres da mesma maneira que os homens gover-

nam as nossas sociedades atuais, isto é, de maneira autoritária, de cima para baixo, os chefes determinando o comportamento e o modo de pensar dos outros elementos do grupo.

Ao contrário, as sociedades matricêntricas e matrilocais como as conhecemos apresentam entre seus membros relações não tão cerradas quanto nas sociedades patriarcais. A relação macho/fêmea é esporádica e casual, e quando existe um "casamento", isto é, uma relação estável, ela tende a não ser exclusiva, ou ao menos escravizadora de uma das partes. A relação pais/filhos ou mãe /filhos é protetora e fluida, a criança é educada não para executar tarefas préfabricadas para ela, mas para cedo se tornar independente.

A natureza matricêntrica das sociedades animais não interessou aos antropólogos até muito recentemente. Apesar da clara evidência do contrário, gerações e gerações de cientistas homens acreditaram que o macho dominasse em todas as sociedades animais. Os gregos acreditavam que o rei da colmeia fosse um macho. A crença ancestral do leão como rei dos animais é desmentida pelo fato de não ser ele, mas sim a leoa, quem ataca para obter comida para os filhotes. E o rei da selva em geral é dependente dela, e não o contrário. Entre os insetos, os nossos familiares mosquitos também são matrifocais: quem pica não é o macho, mas a fêmea, que necessita de sangue para fazer crescer os ovos.

Embora o principal interesse dos pesquisadores em tempos passados fosse descobrir nos animais traços e projeções da maneira de ser das sociedades humanas atuais, esta posição parece hoje superada. Os próprios sociobiólogos, entre os quais se encontram alguns dos cientistas mais ferrenhos, competentes, mecanicistas e machistas, já reconhecem que o grupo mãe/filho é a unidade nuclear universal das espécies mamíferas e que as sociedades primatas são matrifocais quase que por definição.

O matricentrismo é essencial entre os animais de maior porte, porque os seus filhos nascem indefesos. Se não hou-

vesse a relação mãe/filho muito íntima, os filhotes morreriam. Por isso, também, em vez de serem competitivas, isto é, de os seus membros brigarem entre si para que o mais forte domine, elas são cooperativas, ou de ajuda mútua, por serem pequenas e frágeis. Num mundo complexo e hostil, muitas vezes os membros do mesmo grupo são obrigados a se proteger uns aos outros para poderem sobreviver.

Isto acontece entre os elefantes: o núcelo do grupo é composto de fêmeas e seus filhotes; os machos são marginais, e os filhos machos, quando atingem treze anos, são afastados do grupo central. As fêmeas, mães, irmãs, tias, vivem a vida inteira em conjunto, exercendo uma extraordinária cooperação e altruísmo. Os carnívoros são animais solitários, mas, qualquer que seja o tipo de grupo entre eles, são matricêntricos. As fêmeas é que controlam e defendem os seus territórios, legam-nos a suas filhas quando morrem ou decidem se afastar do grupo para formar outro. Da mesma forma que com os elefantes, as mães afastam os adolescentes machos. O núcleo de um bando de leões é um composto fechado de fêmeas que vivem juntas em um território fixo durante toda a sua vida, o qual passam de mães para filhas, vivendo entre si em grande harmonia e cooperação.

Muitas espécies se acasalam pela vida inteira, tais como o corvo, o camarão pintado, alguns primatas (o gibão); outros não. Mas, em quase todas as sociedades animais, as fêmeas são as residentes permanentes, e os machos são móveis. E por causa da posição central das fêmeas na maioria dos grupos animais, talvez se possa concluir que esta dominância se traduz em dominação. Não é assim, no entanto: dominância é diferente de dominação. Dominância ou predominância é a capacidade inata ou adquirida de um membro de um grupo de sobressair, seja por sua personalidade, beleza, capacidade reprodutora, como é o nosso caso, mas não inclui a repressão e a coerção da vontade dos outros membros do grupo, como no caso da dominação. Assim, o poder de controlar os outros, conhecido na espécie hu-

mana como autoridade, com justificativas morais, parece não existir nas outras espécies animais.

Muitos pesquisadores acreditaram ter encontrado sinais de deferência de alguns machos para com outros em algumas organizações animais, bem como ordens de privilégios. Mas, muitas vezes, a posição social de um animal parece ter sido determinada pela posição social da mãe, e esta passa pela linhagem feminina. As fêmeas primatas parecem ter o seu *status* mais elevado quando dão à luz uma cria, e este *status* é passado para outra logo que esta outra também dê à luz. Talvez seja uma adaptação que contribua para a sobrevivência daquela espécie. Em algumas espécies, machos de baixo *status* oferecem obediência a machos de *status* mais elevado, e estes parecem ter uma vida mais longa que os de baixa estirpe. Os babuínos machos dominantes parecem ter vida mais longa que os não-dominantes.

Antigamente acreditava-se que os machos dominantes tivessem acesso exclusivo às fêmeas, sobretudo àquelas em cio, e também melhores porções da comida caçada pelos outros. Em outras palavras, a dominância era confundida com dominação humana. Estudos recentes porém desmentiram estas crenças: os machos dominantes parecem não realizar maior número de cópulas com as fêmeas do que os outros e não produzem mais filhotes. Na maioria dos casos, os que têm mais chance de se reproduzir são os escolhidos pelas fêmeas como parceiros temporários ou permanentes.

Muitos acreditam ainda que os machos são mais agressivos do que as fêmas, de maior tamanho e força, e que, por isso mesmo, inevitavelmente os machos coagem as fêmeas. Nem sempre contudo isto é verdade, e, mesmo que haja diferença de tamanho entre os sexos, não quer dizer que o macho maior oprima a fêmea menor. Isto acontece por exemplo em quase todas as espécies que apresentam acasalamento transitório, como a maior parte dos ungulados e primatas.

Os gorilas, o único grupo de primatas que vive um laço suficientemente estável para ter líderes, possuem alguns

machos com costas prateadas que parecem ser dominantes, isto é, que guiam os movimentos do bando, mas, entre si, apresentam maneiras delicadas e não possuem prerrogativas sexuais nem privilégios de alimento, e só podem dirigir o grupo enquanto aceitos por todos. Os orangotangos são muito maiores do que as fêmeas, mas estas são as dominantes. Entre macacos da América do Sul, há outras espécies em que as fêmeas são maiores do que os machos, mas poucos antropólogos foram atraídos por estes casos. Entre os chipanzés, maior tamanho não tem correlação com sucesso sexual, liderança ou privilégio de alimentos. Entre os lemures, em que existe algum dimorfismo sexual, as fêmeas são predominantes. Entre alguns micos pequenos, machos e fêmeas parecem ter dispersado macacos muito maiores quando provocados.

Contudo, existem espécies monomorfas, isto é, em que o tamanho das fêmeas e dos machos é o mesmo, e em que os machos defendem o território contra outros machos e a fêmea contra outras fêmeas. Nestas espécies, não há dominância de um ou outro sexo e, muitas vezes em brigas, a fêmea pode até dominar o macho, ou acontecer o contrário.

Mas o que sempre aparece como causa de dominância de uns machos sobre outros não parece ser sua força ou tamanho, e, sim, o *status* elevado de sua linhagem materna. As únicas espécies que parecem exibir algum laço entre o sexo masculino são os macacos do Caribe e do Japão. No entanto, seus bandos são compostos de clãs matrilineares de diversos *status.* Os Rhesus têm ordens de dominância, mas as mães protegem os filhos machos até depois de adultos.

Entretanto, nem a força maior é correlata com a agressividade. Há espécies mamíferas em que as fêmeas são maiores do que os machos e estes são mais agressivos. Entre os babuínos, os machos são muito mais agressivos que as fêmeas, mas entre os patos a fêmea é mais agressiva.

O grau de agressividade varia de espécie para espécie e também entre os sexos, mas, além disto, ocorre de acordo

com as ocasiões. As fêmeas da maioria das espécies são mais ferozes ao defenderem os seus filhotes, enquanto os machos são mais ferozes defendendo um território, mas isso varia de espécie para espécie.

A agressividade entre um gênero ou uma espécie em geral serve ao propósito da sobrevivência da espécie. Se os machos fossem agressivos com as fêmeas ou as fêmeas com suas crias, certamente a espécie desapareceria. Mas já se observaram casos de machos invadirem um bando, matarem os outros machos e os filhotes e se introduzirem junto às fêmeas para acasalamento. Os sociobiólogos usam estes casos para provar que os machos são agressivos por natureza, porque as fêmeas, ao verem seus filhotes mortos, entram em cio para poder procriar outra vez, e assim o macho intruso teria mais chance de procriar. Contudo, este é um comportamento perverso e muitas vezes aparece devido ao extremo estresse ou perigo, porque se as espécies agissem assim, a longo prazo estariam todas destruídas, embora alguns pudessem transmitir por um tempo os seus genes individuais.

Os animais mais próximos da espécie humana são os chipanzés e os gorilas. Ambos vivem de maneira pacífica entre si, são sociáveis, vivem em grandes comunidades e se conhecem mutuamente muito bem. Os bebês chipanzés ficam no ventre das mães durante oito meses, e elas ainda os carregam ao colo o tempo todo durante seis meses. Só com um ano e meio eles podem andar no chão e saltar de galho em galho, mas não são desmamados até quatro ou cinco anos... O filhote fica permanentemente com a mãe, andando com ela, procurando comida com ela, dormindo no abrigo que ela construiu sobre as árvores até praticamente os seis anos de idade. As fêmeas ficam maduras aos treze anos, e os machos, aos quinze. Nem um nem outro no entanto deixam a mãe, a não ser por uns poucos dias, até os dez anos de idade, e as fêmeas pequenas por muito mais tempo ainda, permanecendo no clã feminino a vida inteira. Não é incomum que uma mãe cuide dos filhos auxiliada pela própria mãe...

De certa forma, porém, todas as fêmeas cuidam de todas as crias. No mundo chipanzé, todas elas aprendem a ser maternas ou mães substitutas. Os machos não se aproximam muito destas relações e, quando são dominantes e querem atacar as crias, a fêmea parte para o ataque aos machos. No entanto, se a mãe morre, estes machos muitas vezes se adaptam a serem mães substitutas, cuidando das crias.

A ameaça de morte às mães é real, pois para elas fica mais difícil a vida perigosa na floresta com filhos pequenos. Se a mãe morre, o filho entra em depressão e pode até morrer depois dela. As fêmeas tendem a passar mais tempo de sua vida do que os machos procurando alimentos porque os dividem com os filhotes, embora muitas vezes aqueles dividam a carne que caçam com as fêmeas e os filhotes.

Os machos mais do que as fêmeas tendem a caçar pequenos animais, e estas mais do que os machos, a apanhar vegetais e a usar instrumentos para a coleta e a defesa. Se a cria é ameaçada, as mães tendem a atacar ferozmente o intruso com objetos e instrumentos. Os chipanzés enfrentam os predadores com grande capacidade de pular de galho em galho ou simplesmente, na maioria das vezes, de fugir...

O sexo entre os chipanzés é casual: não há acasalamento permanente. Embora a maioria das cópulas ocorra durante o cio, elas podem também acontecer quando a fêmea não está no cio, mas muito dificilmente quando está amamentando os filhotes pequenos. Os machos, quando na floresta, não parecem ficar com ciúmes ou competir por uma fêmea no cio. O mesmo pode acontecer entre os gorilas. O ciúme em geral vem dos filhotes, que não gostam de ver suas mães com estranhos, ou entre mães e filhas adolescentes que intervém na vida sexual umas das outras.

São as fêmeas que tomam a iniciativa sexual, embora algumas vezes os machos queiram induzir as fêmeas no cio a irem com eles a lugares ermos. E esta iniciativa muitas vezes não leva a nada... Mais freqüentemente é a fêmea que

escolhe aquele com quem quer ir para os lugares ermos por alguns dias. Elas evitam os machos agressivos e escolhem os mais agradáveis e sociáveis, aqueles que, com maior boa vontade, estão dispostos a dividir o alimento. Entre os chipanzés pigmeus, sexo e divisão de alimento estão muito estreitamente correlacionados.

Este comportamento não-violento, não-agressivo na sexualidade é padrão na maioria das espécies animais, pois um comportamento mais violento poderia interferir com o acasalamento, e só quando tal comportamento é eliminado e os dois sexos podem gozar um do outro livremente e sem perigo o coito pode ocorrer. O estupro é extremamente raro no mundo animal. A etóloga Mariette Novak, em seu livro *Eve 's Rib,* cita muitas espécies em que o coito não ocorre quando a fêmea é hostil ao macho, tais como as aranhas, tigres, carneiros, veados e macacos, citando a frase de outro etólogo, Leonard William, em seu livro *Men andMonkeys*: "Nas sociedades dos primatas não existe nada semelhante ao estupro''...

Entre os chipanzés, os machos são marginais, como na maioria das outras espécies de mamíferos, mas têm os seus próprios prazeres. Os filhotes machos brincam mais do que os filhotes fêmeas e os jovens tendem a se mover em espaços maiores do que as fêmeas. Estas são mais sedentárias e carregam o maior peso da vida chipanzé — gravidez, amamentação, maior procura de alimentos, construção de ninhos, proteção —, mas elas têm a gratificação de terem maiores laços, do que os machos, com seus filhotes e outras fêmeas.

Estes e inúmeros outros exemplos fazem cair muitos mitos que até recentemente nortearam a pesquisa no reino animal, como a procura de justificativa para uma sociedade hierárquica, coercitiva e competitiva como a humana. Outro é a procura da linha divisória entre homens e animais, que a maioria dos antropólogos crê ser o tabu do incesto entre os humanos. Contudo, pesquisas mais recentes mos-

tram que entre os chipanzés também existem técnicas de evitar incesto. Muitas vezes os irmãozinhos de sexo diferente rejeitam um ao outro, e as jovens fêmeas tendem a migrar para outros grupos, evitando assim acasalamento com seus pais. Este é um assunto ainda recente, mas muitas pistas estão surgindo. Inclusive as que mostram que incesto e sedução dos pais sobre as filhas são muito mais freqüentes do que se imaginava há muito pouco tempo entre os humanos em pleno século XX. Na Delegacia de Mulheres de São Paulo, 80% dos estupros são incestos cometidos por pais ou irmãos das jovens que se queixam. E este número vem sendo encontrado não só no Brasil como em muitos países, confirmando a tese do livro *Daughters and Seduction*, de Jane Gallop, que mostra que a fantasia de sedução de algumas pacientes de Freud por parte dos seus pais não era fantasia nenhuma e, sim, a mais traumatizante das realidades.

2

Os Hominídeos Eram Pacíficos

Provavelmente os primeiros hominídeos foram semelhantes aos seus primos antropóides, como os gorilas e chipanzés. Fortes, atarracados, de braços longos e pernas mais curtas, mas já não mais quadrúpedes e, sim, eretos. De alguma maneira, os hominídeos eram os enteados da mãe natureza. Mais fracos que os outros macacos que tinham velocidade e sabiam como saltar de árvore em árvore, eram os mais marginais dos antropóides. Foram obrigados, pois, para sobreviver, a desenvolver outros talentos que não os dos mais fortes de suas tribos.

A idéia que hoje temos deles, os "homens das cavernas", é a de predadores brutais e cruéis, batendo-se uns aos outros com clavas e arrastando as mulheres pelos cabelos. Mas a realidade parece ter sido outra. Eles podem ter sido sociáveis e alegres, vivendo em sociedades centradas em mães e crianças. Como os chipanzés, os hominídeos eram altruístas, e as mães passavam a maior parte de suas vidas alimentando, cuidando e educando seus filhos. O laço mãe/filhos

devia ser ainda mais forte que entre os chipanzés ou gorilas, pois os bebês humanos custam a se desenvolver mais do que os bebês macacos. Assim, para a sobrevivência da espécie, era importante que todas as fêmeas aprendessem a cuidar das crianças e os membros de ambos os sexos a repartir os frutos da coleta ou da caça, tal como acontece com os pigmeus e bosquímanos hoje em dia, que são as sociedades mais próximas deste passado distante.

Assim, ao contrário do que pensavam Lévi-Strauss e Freud (horda primitiva), o núcleo das primeiras sociedades humanas deve ter sido um conjunto de mães com seus filhos, acompanhadas de outras mães, seus irmãos e outros machos que se agregassem ao grupo. Para Lévi-Strauss, desde o início da espécie as mulheres eram trocadas pelos homens entre si, na busca de mais alimento, mais território ou melhor segurança. No entanto, como veremos no próximo capítulo, ao estudarmos mais detidamente alguns grupos, não era o homem o elemento fixo e, sim, a mulher. Como provou Meillassoux, quem circulava era o homem. No mito de Freud da horda primitiva, desenvolvido em *Totem e Tabu*, o macho dominante matava os filhos e se apropriava de todas as fêmeas até que os irmãos se revoltam, matam e comem o pai, apropriando-se das mesmas fêmeas. Hoje, este mito se reduz depois disto que vimos a uma projeção ma-(Insta e patriarcal de nossas origens...

O estudo dos dentes caninos dos primeiros fósseis humanos nos revela muitos detalhes sobre tamanho, alimentação e modo de vida destes primitivos seres. Em primeiro lugar, os sexos não eram dimórficos, isto é, homens e mulheres tinham tamanhos semelhantes. Por outro lado, e por r.so mesmo, a relação deveria ser amistosa e gentil desde a **infância,** ao contrário de uma horda de machos rebeldes, violentos e antropófagos revoltando-se contra um pai que 11 ..iva de extrema dominação, como queria Freud. Podemos ı,ımbem levantar a hipótese de que as primeiras mulheres - um economicamente independentes, dada a suacentrali-

dade, e que só entravam em contato com machos que pudessem ser cooperadores, e não violentos e competitivos, isto é, que compartilhassem com elas o alimento e não as coagissem nem às crianças recém-nascidas.

Não se conhece quando a espécie humana descobriu o papel do homem na procriação, mas isto deve ter acontecido em tempos muito recentes, provavelmente há uns dez mil anos. Por outro lado, onde, quando e como as fêmeas humanas perderam os sinais visíveis da ovulação — o cio — e adquiriram a menopausa é ainda matéria para especulação.

W. C. McGrew, em artigo no livro *Gatherer*, acredita que a menopausa tenha sido desenvolvida para evitar que as mulheres dessem à luz filhos muito próximas da idade de morrer, uma vez que os bebês humanos ficavam muito tempo dependentes da proteção materna. Por outro lado, teoriza-se que a perda do cio nas fêmeas humanas tenha sido a origem de famílias mais estáveis, uma vez que a mulher já não procriava mais sazonalmente, e, sim, em qualquer época do ano. Estas famílias mais estáveis devem ter sido matrilocais. A patrilocalidade e o patriarcado devem ter entre suas causas a descoberta do papel do homem na reprodução, o que permitiria a estes controlar a fecundidade das mulheres e, portanto, controlar as próprias mulheres, porque o poder advinha do controle da reprodução. Mas, enquanto isto não aconteceu, a centralidade dos grupos ficou com as mulheres.

Em seu livro *On Becoming Human*, Nancy Tamer levanta uma hipótese muito interessante sobre a invenção e o uso de instrumentos que dividem a espécie humana das outras espécies animais. Como eram as mulheres as responsáveis pela coleta e distribuição de alimentos, podem ter sido elas as primeiras a desenvolverem a tecnologia da pedra lascada, que permitia descascar, pulverizar, despedaçar frutos, isto é, o primeiro processamento de alimentos.

O mesmo pode ter acontecido com a invenção e a fa-

bricação de cestos ou qualquer recipiente que permitisse carregar os frutos da coleta. Isto foi de uma importância fundamental para a espécie humana, pois permitiu aos grupos deslocar-se de lugares onde o alimento era escasso. No mesmo livro, Nancy Tamer afirma: ‘‘Eram as mães as mais motivadas para colher, transportar e dividir o alimento; nesse tempo, os machos ainda colhiam alimento apenas para si mesmos.” Assim, as migrações foram se processando, e os mais antigos fósseis depois dos encontrados em Olduvai foram achados na Indonésia e têm aproximadamente quinhentos mil anos de idade...

Cada avanço tecnológico dava origem até a mudanças corporais. Os instrumentos achados durante o Pleistoceno Inferior não passavam de machados de pedra lascada ou simples seixos rolados. Eram úteis para cortar e processar vegetais, mas não para caçar animais de grande porte. Por isso, pouco a pouco, os caninos, grandes presas dos primatas superiores, foram diminuindo de tamanho na espécie humana, mais vegetariana do que carnívora. Além disso, estas descobertas aumentavam o grau de distância entre os seres humanos e a natureza e, portanto, o seu controle sobre ela.

O passo seguinte foi a descoberta do fogo. Este permitia não só a cocção dos alimentos como também a iluminação de cavernas durante a noite, afugentando insetos e répteis, tornando-as assim aptas para a morada humana. Os primeiros vestígios do uso do fogo foram descobertos em nichos datados de quinhentos mil anos atrás em Chukutien (China), porém mais recentemente encontrou-se vestígios em um nicho perto do lago Boringo, no Quênia, com idade aproximada de um milhão e meio de anos.

Os projéteis só aparecem a partir do Pleistoceno Médio (cerca de um milhão de anos atrás), e o seu aparecimento vem junto com as primeiras descobertas de vestígios de caça a grandes animais. Em outras palavras, os seres humanos se tornaram caçadores cerca de um milhão e meio a dois milhões de anos depois do seu aparecimento, datado hoje de

quatro milhões de anos. Assim, a adaptação básica e universal foi a coleta e não a caça, e a prática da coleta permaneceu até muito depois de ter se iniciado o período da caça.

No entanto, a caça marcou uma profunda reviravolta na condição humana. Alguns pensadores chegam a colocar como conseqüência da caça a diminuição do *status* da mulher na maioria das sociedades primitivas. A caça mudou a nossa relação com a natureza e com os outros animais, entre os sexos e conosco mesmos. Aí se iniciam as relações de competição e violência.

Cada desenvolvimento técnico, a invenção dos instrumentos, o controle do fogo, a invenção dos cestos, o começo do período da caça e depois a invenção da roda iam separando cada vez mais os primitivos humanos da natureza e de suas origens animais. Da imersão na natureza os humanóides iam passando a uma posição de domínio e controle sobre o meio ambiente.

Faltava apenas um degrau para ser ultrapassado rumo à plena humanidade: a capacidade de abstração que daria origem â fala. Muitos acreditam que os australopitecos, os primeiros hominídeos, já possuíam uma linguagem; outros, que esta se desenvolveu na época dos homens de Neandertal ou de Cro-Magnon, mas, qualquer que tenha sido a época desse desenvolvimento, uma coisa parece certa: a linguagem deve ter sido aprendida na primeira infância. Hoje, sabemos que ou se aprende a falar no primeiro ano de vida ou não se aprende mais. Assim, a hipótese de que a linguagem teria se desenvolvido a partir da necessidade de comunicação entre os machos caçadores não parece válida, e, sim, aquela que diz que ela se originou da comunicação entre as mães e seus filhos pequenos.

Há vestígios de enterros e rituais a partir de cem, cento e cinqüenta mil anos atrás, o que implica capacidade de pensamento, sentido da vida, mitos, imaginação, isto é, capacidade de abstração suficiente para basear uma linguagem.

Por outro lado, nesta mesma época aparecem rochas

com certas marcas que parecem ser a origem dos primeiros calendários. Certos antropólogos crêem que foram as mulheres as primeiras a intuírem os ciclos astronômicos devido à marcação dos dias de intervalo entre suas menstruações. Até hoje as mulheres Yurok sabem prever por esse método com muita precisão o nascimento das crianças, com a diferença de apenas um dia, segundo relata Alexandre Marshack em seu livro *Roots of Civilization.*

O período que estamos discutindo aqui e que vai de quatro milhões de anos atrás até cerca de uns cem a trinta mil anos parece ter sido, pois, um período pacífico e harmonioso. Não há vestígios de armas que fossem empregadas pelos seres humanos entre si, nem sinais de grupos inteiros que tivessem sido exterminados por outros de sua espécie. As primeiras formas de humanidade, em vez de terem sido selvagens e cruéis, hordas de machos rebeldes contra um pai tirano e violadores de mulheres, que trocavam estas mesmas mulheres entre si como mercadorias, não passam de fruto do imaginário patriarcal. Este tipo de sociedade primitiva provavelmente nunca existiu. Os coletores/caçadores parecem ter vivido em sociedades fluidas, harmoniosas e igualitárias. Não que não possuíssem agressividade nem tivessem experimentado conflito. Mas desenvolveram, certamente, mais capacidade de cooperação do <|iie competição. Uma sociedade que precisava basicamente proteger a vida dos recém-nascidos e da cooperação na divisão de alimentos não teria sobrevivido na intensa agressividade em que nossa imaginação de hoje os concebe. Esta glória da dominação extrema do homem e do autoritarismo foi deixada para mais tarde: para o *Homo sapiens* e pai.t .i futura civilização.

3

O *Homo Sapiens,* o Guerreiro

Não há concenso sobre a época em que o homem como o conhecemos hoje apareceu sobre este planeta. Sua idade pode variar de duzentos a trinta e cinco mil anos, mas todos os habitantes que vivem hoje e que são considerados humanos, desde as formas mais simples de sociedade tribal até a mais sofisticada das civilizações modernas, são oriundos desta mesma espécie. Quer queiramos ou não, somos todos irmãos...

Sabe-se que a paternidade era desconhecida nos primeiros tempos. Portanto, os primeiros grupos de seres humanos foram matrilocais e matrilineares. Julgando em parte pelos costumes dos primatas e das sociedades primitivas que ainda existem, pode-se teorizar alguma coisa sobre a vida humana primitiva. Provavelmente a ordem social era fluida e permissiva, seja com casamentos permanentes, semipermanentes ou casuais. As crianças ficavam com as mães, ou, no caso da morte destas, com as outras mulheres da família. A vida podería ser nômade, seminômade ou seden-

tária. Poderia acontecer desde o nomadismo sazonal dos lapões de hoje até as migrações fantasticamente improváveis dos asiáticos que se transferiram pelo Oceano Pacífico até as terras da América do Sul.

Em geral, não parece ter havido chefes ou líderes, mas sim rodízio de poder. Se houvesse conflito entre dois grupos do mesmo clã, um deles se retirava para formar outro grupo ou juntar-se a outro já existente. Esta organização político-social primitiva nada mais é do que a verdadeira anarquia, isto é, grupos se governando a si mesmos sem a necessidade de chefes, líderes ou leis rígidas. Ainda hoje muitas sociedades primitivas vivem desta maneira. Marylin French, em seu livro *BeyondPower*, enumera várias delas, como os esquimós, os hazda da Tanzânia, os bosquímanos, os IK, os mbuti, os dogrib, os netslik e vários outros povos africanos.

A vida destes grupos em geral não era dura, pois, assim que o alimento escasseava, migravam para região mais fértil.

Certamente havia uma divisão sexual de trabalho, mas, na maioria das vezes, ela tendia a ser arbitrária. Em umas sociedades, as mulheres faziam cerâmica e os homens pescavam; em outras, passava-se o contrário. Em outras ainda, a demarcação das tarefas de cada sexo era bastante rígida. I.évi-Strauss, em O *Cru e o Cozido*, conta que viu um bororo quase morrendo de fome por não ter uma mulher que llie cozinhasse a comida. Nessas sociedades, casar é um fato de vida ou morte, pois um homem prefere morrer a fazer trabalho de mulher e vice-versa. Em outras, não. Os mesmos trabalhos podem ser feitos ciclicamente por um ou outro sexo.

Esta divisão pode ter sido originada do fato de, por fi-< arem grávidas e se acostumarem a alimentar e proteger os filhos, as mulheres tivessem tendência a alimentar e cuidar do grupo todo, enquanto os homens caçavam e pescavam mais para si mesmos. Em muitas sociedades atuais, as coi-

sas ainda se passam desta maneira, sobretudo nas sociedades avançadas, em que as mulheres não só trabalham fora como dentro de casa, cumprindo uma dupla jornada de trabalho que nunca existiu para o sexo masculino. É possível, assim, que a divisão sexual de trabalho tenha começado porque os homens queriam uma definição de suas funções como as mulheres tinham a sua, através da maternidade.

Neste longínquo passado, as tarefas femininas provavelmente possuíam mais valor do que as masculinas; porém, no mundo patriarcal, a situação se inverte, e trabalho da mulher, ainda que seja igual ao do homem, tende a ser menos valorizado, talvez mesmo por causa desta "inutilidade' ' do homem numa sociedade em que não se conhecia exatamente a sua função na procriação.

Em quase todas as sociedades, as mulheres sempre trabalharam mais do que os homens. Toma menos tempo caçar do que fazer a coleta dos alimentos ou cultivá-los. Assim, geralmente os homens que avocam a si a caça têm mais tempo livre do que as mulheres.

Embora em muitas sociedades ainda hoje as mulheres cacem e pesquem^ como entre os esquimós, os tiwi da Austrália, os agta da África e muitos outros, caçar é um atributo masculino, assim como fazer a coleta é um atributo quase universalmente alocado às mulheres. Só que elas juntam a essas funções as do cuidado da casa e das crianças.

Como os bororos, os nsaw da África diziam de um homem solteiro que ele tinha que trabalhar tão pesado como uma mulher...

Foram também as mulheres que descobriram a arte de plantar os grãos férteis que eram colhidos sazonalmente e começaram a plantá-los com as próprias mãos assim que isto se tornou necessário. Porque coletar requer um território muito grande para alimentar pouca gente, e plantar, embora muito mais fatigante, implica que um pequeno pedaço de terra possa alimentar muito mais gente. E foi assim que as mulheres se tornaram as primeiras horticultoras.

Hoje faz-se uma diferença nítida entre horticultura e agricultura: a horticultura era principal mente efetuada pelas mulheres com instrumentos manuais primitivos, e a agricultura, que só apareceu muito mais tarde, dependia de máquinas mais pesadas e era feita basicamente por homens.

Assim vai se acelerando a vida da espécie humana. A caça tornou-se importante a partir de trinta mil anos atrás, os barcos começaram a ser construídos há vinte mil anos; foi quando se deu também a domesticação dos primeiros animais. Já nesse tempo, os seres humanos usavam arco e flecha e faziam cerâmicas. O uso de agulhas permitiu a fabricação de roupas de peles e portanto a migração para lugares mais frios. Já havia, há muito, luz na noite e alimentos processados. Os homens mais e mais iam apertando os controles sobre a natureza e sobre suas próprias vidas. Seria o começo desta fase final.

4

Os Vestígios do Passado

Para entender a origem de uma época em que não havia registros escritos, é preciso nos apoiarmos em outro tipo de vestígios, principalmente na arte e nos mitos.

A Arte

Existem, por exemplo, objetos e jóias de metal datando de eras tão longínquas como nove mil e quinhentos anos a.C., embora a arte de fundir metais tenha se espalhado pelo Oriente Médio e pela antiga Europa (Europa Central e Grécia) por volta de seis mil anos a.C. Analisando-se estas peças, bem como esculturas em cerâmica da mesma época, vê-se que o maior número delas representa figuras femininas. Algumas são esculturas de machos, outras figuras assexuadas, mas a enorme maioria representa mulheres de seios grandes e ancas largas, muitas delas bastante gor-

das, associadas aos cultos de fecundidade. São todas estátuas da Grande Mãe, ou da Deusa Mãe, figura da Mãe Terra, aquela que é a Senhora dos Animais, que alimenta e que recebe de volta os mortos.

Encontram-se estas estátuas em grande quantidade não só na Europa antiga como na América Central e no Extremo Oriente. Deste modo, parece que o culto da Deusa Mãe era universalmente espalhado neste planeta no fim da Era Paleolítica e nos inícios da Idade do Bronze. Contudo, não se deve ver na superabundância destas figuras vestígios de um matriarcado, mas, antes, as principais preocupações das diversas culturas. Ao que parece, esta deveria ser uma exigência de sobrevivência e da continuação da espécie, ambas concentradas na figura feminina, metáfora para a terra fértil de alimento e ela mesma fértil de novas vidas humanas.

Os próprios sociobiólogos concordam que "sucesso em termos de evolução é sucesso reprodutivo". Assim, não espanta que a sobrevivência e a reprodução, tal como no reino animal, continuem sendo, nestas primeiras fases da vida do *Homo sapiens,* as principais preocupações. Daí também poder-se pensar na continuação da centralidade e da dominância do elemento feminino.

A cidade mais antiga da Europa, às margens do mar Cáspio, chama-se Catai Huyuk. Era a sede de uma sociedade de coletores. Possuía uma cultura altamente desenvolvida, inclusive com indústrias de cobre e de chumbo, artesanato de pedra e lindos tecidos. Fabricavam belos objetos rituais e cotidianos. A cultura durou de nove a seis mil anos a.C. Mellsart e outros arqueólogos que a estudaram acreditam que as mulheres eram dominantes porque eram enterradas com jóias e espelhos, e depois vinham seus filhos, debaixo da plataforma central das casas, ao passo que os homens o eram, com seus instrumentos de caça, em partes marginais e despojadas. A cidade, por outro lado, não possuía muros nem defesas.

Perto de Catai Huyuk está Hacilar, que data da mes-

ma época. É um pequeno vilarejo, e ali não se encontrou nenhuma estátua representando a figura masculina. Khiro Kitia, em Chipre, também da mesma época, possuía estradas pavimentadas, lojas, corredores cobertos e rampas das casas para a rua. Parece ter sido um centro administrativo, mas não havia sinal de estratificação social nem sexual.

A grande cultura cretense de Minos, que floresceu no segundo milênio antes de Cristo, pode também ser colocada junto a estas, uma vez que suas estatuetas são em tudo semelhantes às de Catai Huyuk e outras. A cultura minóica possuía sistemas de irrigação, drenagem e aquedutos, mas os vestígios de sua religião mostravam uma relação altamente igualitária entre os dois sexos. Da Idade do Bronze até o período clássico, o culto dominante era o da Mãe Terra. Este culto deve ter chegado também à antiga Grécia, mas, com o advento da agricultura e, com ela, a supremacia masculina, deve ter sido banido, posto fora da lei e tornado clandestino. Mas nunca morreu de todo na Grécia do período clássico.

Não havia fortificações na civilização minóica nem pinturas de cenas militares até mil e quatrocentos anos a.C., quando Creta foi invadida pelos aqueus.

O mesmo acontecia na América Central. As cidades do México também não tinham fortalezas nem defesas, o que faz supor uma relação mais pacífica e portanto igualitária, embora tanto no Oriente Próximo quanto em outras partes do continente americano já existissem guerras.

O que causou esta grande virada para a guerra e a violência por volta do quinto milênio a.C. pode apenas ser inferido. Em primeiro lugar, houve um violento aumento de população, que, para ser alimentada, tinha necessidade de outras técnicas mais aperfeiçoadas. Assim aparece a agricultura no Oriente Médio perto de três mil anos a.C., exigindo trabalho mais pesado e escravo: os homens assumem agora um trabalho antes feminino. Com o advento das máquinas pesadas, principalmente o arado, as colheitas são mui-

to maiores do que as que se faziam com métodos arcaicos manuais, apenas para a própria subsistência, e geram aquilo que seria a diferença fundamental e inauguraria novos tempos: os excedentes. O LUCRO.

E as populações que viviam em pequenos clãs, geridos pelos costumes e não pelas leis, viram-se invadidas por grupos maiores que brigavam por mais terra e que começaram a se assentar nelas. Eram as primeiras aldeias. Logo vieram as primeiras cidades, depois as cidades-estados, depois os Estados. Fora feita a transição. E com ela veio a sociedade de escravos, de pobres e ricos, de dominação, não mais de dominância, de autoridade e não mais de centralidade.

Pela primeira vez, o adultério era chamado de crime, mas apenas para as mulheres. A virgindade era aquilo que distinguia as mulheres que iriam ter uma vida má ou uma vida boa. O enterro dos reis viria a ser acompanhado de sacrifícios humanos. Muros começam a ser erguidos em torno das cidades. Os impérios se sucedem, e com eles os exércitos. Muitas vezes as paisagens ficavam literalmente pintadas de sangue. Suméria, Babilônia, Assíria e o seu culto de i error.

E a palavra *sumeriana*, que, no terceiro século a.C., queria dizer liberdade era *amargi*, que também significava a volta ao ventre materno, o retorno à mãe.

<>s Mitos

Uma infinidade de mitos no mundo inteiro descreve • poças em que as mulheres estavam mais próximas do sacudo do que os homens. Pouco a pouco, estes mitos foram • udo substituídos por outros em que os homens iam to- III indo o poder. Joseph Campbell, mitólogo americano, did« seu estudo sobre os mitos primitivos ocidentais no livro / ú *Mdsks of God: Occidental Mythology* em quatro eta- l i na primeira, o mundo é criado por uma deusa sem au-

xílio de ninguém; na segunda, esta deusa é associada a um consorte; na terceira, um deus macho cria o mundo sobre o corpo de uma deusa, e, em último lugar, um deus masculino cria o mundo sozinho.

Dois exemplos do primeiro caso são o próprio mito grego e o mito nagô, origem do candomblé brasileiro. No mito grego, a criadora primária do Universo é Gea, a Mãe Terra. Dela nascem todos os protodeuses (Uranos, os Titãs), e as protodeusas, entre as quais Rea, que virá a ser a mãe do dominador do Olimpo, Zeus. No caso do mito africano, a mãe arcaica de Oxalá e de todos os Orixás é Nanã Buruquê, que os gera a todos sozinha.

Exemplo do segundo caso são as mitologias nas quais reinam em primeiro lugar deusas mulheres que são destronadas por deuses masculinos. E o caso da mitologia sumeriana primitiva, em que Siduri reinava num jardim de delícias e teve o lugar usurpado por um deus solar. Mais tarde, na epopéia de Gilgamesh, ela não passa de uma criada. Os mitos primitivos dos astecas falam de um mundo perdido, um jardim governado por Xoxiquetzl, a Mãe Terra. Dela nasceram os Huitzuahua, os Titãs e os quatrocentos Habitantes do Sul (as estrelas). Mais tarde, seus filhos se revoltam contra ela e ela dá à luz o deus que iria governar a todos, Huitzilopotchtli.

Exemplos do terceiro caso são o mito da criação do mundo por um deus andrógino na índia e o do *yin* e do *yang,* os dois princípios, feminino e masculino, que deram origem à mitologia chinesa.

A partir do segundo milênio a.C., contudo, raramente se registram mitos em que a divindade primária seja mulher. Em muitos deles, estas são substituídas por um deus único que cria o mundo a partir de si mesmo. Entre estes contam-se os mitos medas, os persas, e, o mais importante, o mito cristão. Este mito é tão representativo que iniciara a parte deste livro dedicada ao patriarcado.

Aqui nos referimos aos mitos fundantes das grandes

culturas. No entanto, se formos analisar, além destas, as culturas mais primitivas, seus mitos também caem nas categorias já enunciadas, principalmente a primeira e a segunda. A grande maioria dos mitos das sociedades coletoras, caçadoras e horticultoras que ainda sobrevivem hoje se refere a mulheres que foram destronadas por homens seja à força, como no caso da cultura munducuru no Brasil, em que os homens roubaram-lhes os instrumentos mágicos e com eles 0 poder, seja por astúcia. Este é o caso do mito kikuyu, em que as mulheres eram cruéis guerreiras, poliandras e mais fortes do que os homens. Um dia estes se juntaram e conceberam um plano. No mesmo dia, todos copularam com suas mulheres, que acabaram ficando grávidas, e, assim, os homens lhes tomaram o poder, proibiram a poliandria e instituíram a poligamia.

Todos estes mitos que pouco a pouco vão degradando a mulher são muito importantes politicamente, pois não só introduzem a dominação masculina como a tornam benéfica e necessária para todos. Além disso, tornando a mulher um ser fraco ou venenoso, impõem-lhe um caráter estrutural malévolo que ideologicamente torna também benéfica para todos a sua submissão. E assim as novas relações >ociais, políticas e econômicas passam a ser sacralizadas, e sua transgressão passa ser considerada a origem de todo pe< ado e de todo mal.

Analisados os vestígios do passado através da arte e dos mitos arcaicos, vamos agora estudar as culturas não-Iui liarcais que ainda existem.no mundo atual, que é estrunnalmente patriarcal. Estas culturas estão em fase de extin-1 io, ou então se aculturando. Elas são nossas antepassadas uvas, testemunhas de um passado que só conhecemos por • fé.; daí a sua enorme importância. Estas culturas são as cul-1111,1*, de coletores e horticultores que ainda não aderiram ito " progresso" tecnológico.

Só depois nos deteremos na análise do patriarcado.

5

Coletores e Caçadores no Mundo Atual

O ideal seria que este capítulo pudesse proporcionar uma visão o mais completa possível das sociedades que ainda vivem desta maneira arcaica no mundo atual. Em 1949, o antropólogo G.P. Murdock, em seu livro *SocialStructures*, identificava apenas 175 sociedades vivendo desta maneira. Pesquisas mais recentes aumentaram este número consideravelmente. Muitos destes grupos ainda não foram sequer estudados, enquanto outros são objeto de trabalhos coletivos dos grandes antropólogos e conhecidos mundialmente

Mas, o que se pode dizer destes trabalhos é que em todas essas culturas o traço dominante era que as mulheres davam à luz e cuidavam dos bebês e em muitas, mas não todas, os homens eram profundamente envolvidos com este fato. Em nenhuma delas as mulheres governam os homens, mas em muitas o seu *status* é igual ao do homem. Todos esses grupos vivem do compartilhar os alimentos, sen-

do uns mais cooperativos e outros mais competitivos. Nessas sociedades, é rara a guerra, e cm todas, com maior ou menor nitidez, há uma divisão sexual de trabalho. Também em quase todas elas o que o homem produz é mais valorizado do que o produto da mulher, embora em outras sociedades o que a mulher faz seja exatamente o trabalho que o homem executa. Na maioria destas sociedades, não é a importância da coisa produzida, mas o gênero ou a pessoa que a faz que confere distinção ao que é feito. Como exemplo, na maioria delas o alimento básico (vegetais) é produzido pela mulher, mas a carne, que raramente aparece, é conseguida pelo homem e é o alimento de *status.*

Grande número de estudos foi realizado sobre estas sociedades, sejam elas matrilineares ou patrilineares, e encontrou-se que as sociedades matrilineares eram menos competitivas em relação à terra e seus frutos, enquanto as patrilineares eram mais agressivas e competitivas, dentro e fora do grupo. Nas sociedades patrilineares, os indivíduos competem entre si, e a sociedade como um todo compete com as outras.

Nas sociedades matrilineares, a vida sexual é menos reprimida e mais integrada com as outras atividades, ao passo que nas patrilineares os códigos são mais rígidos. Assim, .is sociedades matrilineares tendem a ser sexual e socialmente mais igualitárias do que as patrilineares. Embora os casamentos sejam mais instáveis nas sociedades matrilineares, rsias como um todo são mais estáveis e integradas do que as patrilineares, porque a maior estabilidade dos casamentos patrilineares não advém da escolha, mas da coerção.

A seguir, daremos alguns exemplos da vida destas diversas sociedades e suas maneiras de se relacionarem com .ı mitureza. E, de acordo com as pesquisas realizadas, o que H* pode ver é que a relação entre as pessoas em geral e entre os gêneros segue muito de perto as relações econômicas; nes- i« tasos, as relações com o meio ambiente.

No que se refere aos coletores/caçadores, em primeiro lugar a divisão de alimentos entre o grupo é altamente cooperativa. Sem esta cooperação, tais sociedades não poderíam sequer sobreviver. Richard Lee descreve um bosquímano voltando da caça ao fim do dia. Este dividia a sua caça com todas as famílias, mesmo as que não tinham participado da caça. Na manhã seguinte, outro grupo de famílias foi caçar e por sua vez repartiu o resultado do dia com todos, sem distinção. Nestas sociedades, dar confere prestígio e gera uma dívida. Ninguém diz: "Eu divido com você na minha vez se você dividir comigo na sua." E simples consenso que quem recebeu alimento fica obrigado a retribuir assim que puder. Isto serve para estimular aqueles que devem favores a trabalhar mais duramente para não acumular uma dívida muito grande, ou até a virar a situação e fazer com que os outros fiquem lhe devendo. Por isso, quem dá ganha prestígio e admiração de todos. Assim, a reciprocidade encoraja a sobrevivência.

A imagem que se tem destas sociedades é que elas estão à beira da fome endógena, com mulheres e homens sobrecarregados de peso físico e um trabalho estressante. No entanto, o conhecimento que têm das leis da natureza e o seu nomadismo fazem que apenas um trabalho de duas ou três horas por dia seja suficiente para que consigam a comida necessária e gozem de um lazer que a nossa civilização não conhece mais. Em muitos casos, também, sua dieta é muito mais rica e variada que a do maioria dos nossos povos agrícolas.

Além disso, como estas sociedades são compostas de gmpos muito pequenos para poderem se deslocar com agilidade, não há, também, liderança nem desigualdades. Por isso, não há regras nem formas institucionalizadas de governo. A centralidade é obtida pelos méritos pessoais, e o líder não tem poder de coerção. Ele ou ela pode apenas persuadir, seduzir ou "chamar à ordem" para que as pessoas obedeçam. Por outro lado, tem que dar o exemplo, sendo

o(a) melhor trabalhador(a). A decisão é diluída por um consenso; por isso, a liderança não confere privilégios. Ninguém tem o poder de decidir sozinho. Tudo é dividido, compartilhado. Os esquimós, por exemplo, muitas vezes, sentem dificuldade em exprimir uma opinião pessoal num assunto debatido pelo grupo. Assim, a sensibilidade ao que o outro deseja e pensa é qualidade muito apreciada nestes grupos. Agressividade e auto-imposição causam medo. São povos pacíficos e não-violentos.

Quanto à relação entre os gêneros, acontece o mesmo. Embora tendam a ser monógamos, eles o são de maneira seriada (um[a] só parceiro[a] de cada vez). Por outro lado, como não produzem excedentes e, portanto, não há uma relação de exploração, a poligamia é também muito rara.

No que se refere à submissão da mulher, muitos intelectuais argúem que as culturas de caça deram origem à agressão entre os homens, ao territorialismo, a uma sociedade coercitiva e hierárquica, e, principalmente, à dominação do homem sobre a mulher. Contudo, isto parece acontecer mais tarde, com as sociedades pastoris e agrárias. Nas sociedades de caça e de coleta, a divisão sexual de trabalho muda a relação homem/mulher, de fato, mas permanecendo a um nível igualitário. Ernestine Friedl descreve < inco padrões de relação homem /mulher nessas sociedades segundo as suas relações com a caça ou com a coleta.

I loinens e Mulheres Coletam, Homens Caçam

O melhor exemplo deste primeiro padrão são os hazda d.i Tmzânia, que vivem num ambiente de vegetação e caça I ui.is. Neste contexto, cada um pode sustentar-se indepenil< ui emente dos outros e, por isto, os dois gêneros são altaiiH uie independentes quanto ao suprimento de alimentos, mus .is mulheres ainda dependem dos homens para come-

rem carne, e também para aqueles itens mais supérfluos que dependem do comércio de dívidas relativos à circulação da carne entre a tribo. Assim, no essencial, a estratificação sexual é muito pequena, e os casamentos, conforme veremos no tocante aos outros padrões, não são tão importantes para a sobrevivência individual de homens e mulheres; por isso, são feitos mais por atração sexual do que por necessidade.

Homens e Mulheres Coletam e Caçam Coletivamente

Os mbuti, pigmeus das densas florestas pluviais do norte do Zaire, são o exemplo mais importante deste segundo padrão. Esta comunicação no trabalho torna os gêneros profundamente igualitários e interdependentes. Nesta sociedade, não só a alimentação mas todo o trabalho é executado comunitariamente; é uma interdependência cooperativa. Ali, "a mulher tem um papel muito importante a realizar. Há pouca especialização de trabalho relativamente ao sexo. Um homem não se envergonha de colher cogumelos ou dar banho num bebê. As mulheres são livres para tomar parte nas discussões dos homens se tiverem algo a dizer' '. Sem uma esposa o homem não pode caçar, nem tem ninguém para ajudá-lo a construir a casa, cozinhar e colher frutos e vegetais. Neste contexto, portanto, cada homem que não casa tem sua vida totalmcnte prejudicada. Embora o trabalho não seja exclusivo, a cooperação dos gêneros é essencial para a sobrevivência física de ambos.

Homens Caçam e Mulheres Coletam

Este tipo de trabalho supõe uma complementaridade e uma interdependência entre ambos os gêneros. Contu-

do, como a caça é em geral mais valorizada, o trabalho masculino é mais apreciado que o feminino. Os índios americanos washo da Califórnia são um exemplo típico, pois sua tribo vive numa região em que é preciso estocar excedentes de grãos para um inverno rigoroso. A caça era exclusiva dos homens e tabu para as mulheres. Era feita com arco e flecha sobre grandes animais e requeria muita força e perícia. Por ser bastante difícil, era objeto de magia e rituais que 0 caçador devia também conhecer muito bem, o que os fazia mais próximos do sagrado do que as mulheres.

Contudo, embora a coleta não fosse objeto de magia e rituais, necessitava também de muita perícia, sobretudo na época da colheita dos pinhões, que precedia imediatamente o inverno. Era preciso colher muito depressa e intensamente para não morrer de fome durante a época fria, e, claro, este trabalho não era tão valorizado quanto a caça.

Devido ao frio e à escassez, nenhum elemento da tribo podia dar-se o luxo de deixar de se casar, tal como os pigmeus. Estes problemas de escassez faziam também com que os washos tivessem problema de defesa de território que os africanos, pigmeus e hazdas não possuíam. Embora fossem pacíficos e não-violentos, afastavam membros de outras tribos fronteiriças ao seu território. Tinham noção territorial, um esboço de propriedade privada, mas tudo muito embrionário.

1 íomens Caçam e Mulheres Processam o Produto da Caça

Este quarto padrão acontece em regiões desérticas ou semidesérticas onde não há vegetação, ao menos em boa parte do ano, suficiente para produzir o alimento de grupo. E o caso dos esquimós, que vivem em regiões permanentemente frias do Ártico. Os homens realizam perigosa pesca submarina e (,t(,am animais de grande porte. Tanto a carne como a con-

scrvação e o processamento das peles para confecção de roupas que protejam do frio são feitos pelas mulheres. Entretanto, estas são mais ligadas à casa, pois seu trabalho, ao contrário dos homens, é sedentário, embora requeira importantes qualificações e muito tempo. Nesta sociedade, os homens dominam as mulheres, que são inteiramente dependentes deles para seu alimento. Isto repercute em todo o cotidiano. Por exemplo, os homens são os primeiros a serem servidos à mesa; depois os filhos, as moças e finalmente a mãe. Há um grupo de liderança, composto pelos melhores caçadores, que decidem a vida da aldeia. Os xamãs são também muito importantes, e, devido ao perigo da caça, muitos caçadores praticam também o xamanismo. Este grupo recebe a melhor porção da caça, que redistribui a seu bel-prazer, para ganhar prestígio e mais favores. Só os homens participam do comércio com os não-esquimós.

A coragem é um dos atributos mais valorizados na vida esquimó, e há um vasto repertório de práticas mágicas e rituais, especialmente no que se refere à perigosa caça à baleia.

Embora haja desigualdade, o trabalho da mulher é essencial à sobrevivência do grupo; nesta sociedade no entanto já há sinais de agressão contra as mulheres, como espancamento, estupro e rapto de jovens solteiras para um casamento. Muitos antropólogos chegam a descrever cenas em que certos homens oferecem suas mulheres para passarem a noite com o visitante que queiram obsequiar. No entanto, eles têm outros aspectos de igualdade melhores do que nas nossas sociedades tecnicamente avançadas.

Mulheres Coletam e Caçam, Homens Caçam e Pescam

Este quinto padrão é mais complicado que os outros e se encontra principalmente entre os tiwis, aborígines da

Austrália. Nesta cultura, as mulheres são responsáveis pelo suprimento dos alimentos que vêm da terra, como vegetais e animais, e os homens, pelos que vêm da água e do ar, como peixes e aves. Os animais da terra não são tão perigosos como os crocodilos e outros répteis que os homens perseguem na água. Embora a monogamia seja a regra para a grande maioria dos coletores e caçadores, a poligamia é regra entre os tiwis. Os homens em geral são polígamos, e as mulheres adotam a monogamia serial. Isto se deve, provavelmente, à alta produtividade das mulheres, que coletam e caçam ao mesmo tempo. Nesta situação, a poliginia não requer que o homem trabalhe mais duramente para sustentar mais de uma mulher, como entre os esquimós, washos, pigmeus e hazdas. Ao contrário, as mulheres excedentes libertam o homem de qualquer trabalho. E isto tende a acontecer porque nesta cultura o homem costuma ter mais de uma mulher quando já é avançado em idade e, portanto, precisa ser alimentado por outros membros da tribo.

O sistema de casamento é incrivelmente complexo entre os tiwis. As mulheres estão sempre casadas. São negociadas pelos pais desde antes de nascerem, num sistema de icciprocidade entre os homens. Estes ganham tanto mais prestígio quanto mais contratos de casamento arrumem, mesmo que a menina ainda não tenha nascido ou ainda não seja capaz de cumprir suas tarefas na casa do marido. E, já que o homem tem que ser adulto para negociar as mulheirs, estas se casam com homens bem mais velhos e tendem .ı í icar viúvas cedo. Assim, logo a mulher vai ser objeto de outro contrato feito pelo irmão ou pai e de novo junta-se .ı l.imília de outro marido. Por isso, devido ao prestígio acumulado, todas as mulheres são muito valiosas, mesmo as m.iis velhas. E é por isso que entre os tiwis todas as mulhe-|cs são casadas. Pelo fato de o marido ser velho, a jovem • .posa tem o direito de engajar-se em casos extramaritais MIIII os jovens ainda não-casados da tribo. E seu pleno *sta-*

tus é conseguido quando tem o(a) primeiro(a) filho(a). Ao contrário das famílias patriarcais, as meninas aqui são preferidas porque darão mais contratos aos pais. Como os homens são polígamos e é difícil arranjar esposas, até as mais velhas são cortejadas pelos rapazes que querem casar...

Ao nascer a filha, a mãe se torna sogra e por sua vez pode fazer negócios com o futuro genro, e assim obter tudo o que precisa. E só desta forma a mulher consegue poder e participação no grupo. Esta relação genro/sogra dura até o fim da vida. Quando a sogra se torna mais velha, tem a subsistência garantida pelos genros, bem como o velho sogro. Foi esta a maneira que os tiwis encontraram para liberar os mais velhos das duras tarefas de subsistência.

Assim, enquanto os homens são polígamos e na juventude lutam muito para conseguir a mulher, começando por uma mais velha, as mulheres começam sua monogamia serial com um homem muito mais velho e terminam com outro muito mais jovem... As mulheres gostam deste sistema de poliginia masculina porque as alivia das tarefas de criar os filhos e divide entre as co-esposas a responsabilidade dos trabalhos domésticos...

Assim, nesta cultura, a mulher tem também seus meios de conseguir prestígio, que nunca são iguais aos do homem mas, apesar disto, a desigualdade entre os dois gêneros é bem menor do que na nossa civilização ocidental tecnologicamente avançada.

Após estudarmos estas cinco vias de sobrevivência, já podemos verificar como as relações de gênero variam na proporção da inserção de cada um no sistema de produção. Nos dois primeiros padrões, em que homens e mulheres têm que cooperar para sobreviver ou podem sobreviver sozinhos, os casamentos são feitos por escolha e atração pessoal de cada um. A partir do terceiro padrão, em que os homens caçam e as mulheres não, o melhor caçador tende a ser o homem mais desejado. Aí já começam os casamentos por interesse.

Nos padrões quatro e cinco, em que as mulheres são dependentes dos homens ou passam de mão em mão como uma mercadoria, o casamento é feito contra a sua vontade. Muitas vezes, contudo, elas têm liberdade de escolher os seus amantes, ou, como no caso da troca de mulheres entre os esquimós, podem até gostar da prática, uma vez que é preciso o consentimento de todas as partes envolvidas para que esta troca possa ocorrer.

Há, portanto, uma permissividade sexual maior nas sociedades mais primitivas, mais matrilineares, e ela vai diminuindo à medida que os homens assumem o controle dos frutos da terrra e das esposas. Em muitos casos, pela falta de privacidade de coletores e caçadores, esta permissividade se estende às crianças. Estas estão acostumadas a ver os adultos copular e os imitam desde tenra idade, sem que isso traga censura ou desestabilize a vida do grupo.

Todas estas considerações nos fazem ver como nossos corpos e nossas mentes são moldados pelo sistema produtivo em que estamos inseridos e como é a partir da educação das crianças no primeiro ano de vida que isso acontece. Alguns exemplos desta educação das crianças nos vários padrões que enumeramos nos tornarão mais clara esta fabricação das nossas sexualidades e dos nossos sistemas cognitivos.

A educação das crianças reflete a relação que estas sociedades coletoras e caçadoras têm com o meio ambiente. Nas mais primitivas, as crianças são treinadas para ser cooperativas, generosas e pacíficas, mas independentes e capazes de resolver os desafios de um meio ambiente muitas vezes perigoso e desconhecido. A estrutura social não-autoritária e não-coercitiva é baseada numa relação adulto/criança não-autoritária e não-repressiva. Na maioria destas sociedades, a obediência não é muito incentivada, nem se usam punições físicas contra as crianças. Muitas vezes os ocidentais ficam chocados pela falta de respeito, do ponto de vista da nossa civilização, que as crianças mostram para seus pais e

outros adultos. Mais incentivadas sao a criatividade e a autoconfiança, pois desde muito cedo as crianças são obrigadas a defender-se sozinhas contra os perigos da floresta. Entre os bosquímanos, por exemplo, a obediência aos pais não é considerada desejável, e as crianças aprendem desde cedo a questionar a autoridade paterna. Entre os tiwis, os antropólogos observaram duas meninas lidarem com fogo aos três anos sem nenhuma assistência parental. Os pais sequer avisam à criança que tenha cuidado. Nestas sociedades, é tido como óbvio que a experiência é a melhor mestra. As brincadeiras das crianças só são interrompidas por adultos quando elas colocam em perigo crianças menores que não podem defender-se por si mesmas.

Outra cena nesta mesma tribo descrevia a briga de duas meninas enquanto os adultos jogavam cartas. Os adultos só interromperam quando uma delas quis atacá-los com uma faca, mas não impediram que se atacasse a si mesma. O ataque não foi violento, e os adultos caíram na gargalhada. A criança se afastou, apaniguada. A técnica mais usada para impedir a agressividade das crianças é, em geral, distrair a sua atenção no momento certo e não puni-las ou reprimi-las.

Outras cenas mostram a infinita paciência dos adultos para com as várias emoções das crianças. Uma antropóloga presenciou durante duas horas como o filho e o netinho de um homem que estava fabricando uma flecha, ambos com menos de quatro anos de idade, ficavam rondando-o e incomodando-o o tempo todo. Em vez de afastá-los irritado, o homem pacientemente esperou que as crianças se distraíssem para continuar o trabalho, o que levou duas horas.

Num grupo esquimó, outro cientista social viu durante uma hora uma criança entrar e sair da casa cinco vezes e a mãe agasalhá-la e desagasalhá-la pacientemente para que entrasse e saísse, embora tais entradas e saídas esfriassem bastante o ambiente interno da casa.

No Brasil, na série *Xingu*, vimos documentado pela

TV caso semelhante, em que a mãe levava horas para fabricar uma caçarolinha de barro para a criança quebrar. E quando a repórter lhe perguntou se não podia levar menos tempo trabalhando para que a criança destruísse o seu trabalho, sugerindo que ao menos não fabricasse a alça da panela, que era o que levava mais tempo, a mulher respondeu: "Mas sem a alça não é caçarolinha de barro"...

Esta paciência é inimaginável a nós ocidentais, que reprimimos e moldamos coercitivamente as atitudes das nossas crianças. No entanto, o que lhes castramos, no fundo, é a capacidade de se defenderem sozinhas. Elas ficam inseguras quando a sua vontade não é respeitada. Por mais incoerente que seja nestas sociedades, a vontade infantil é levada tão a sério quanto a dos adultos.

Mais tarde, a vontade respeitada vai resultar em segurança diante de ameaças à própria sobrevivência, como numa ocasião em que o antropólogo e duas crianças tiwis foram passear no rio com uma canoa de casca de árvore feita pelas próprias crianças. E elas mergulharam no rio para pescar. Na noite do mesmo dia o cientista soube que o rio era infestado de crocodilos. Seu susto foi enorme, e ele perguntou às crianças se não sabiam da existência dos animais. "Claro' ', responderam, ' 'foi por isso que fomos de canoa... Quando não há mais sol não se pode ver crocodilos"... A experiência mais uma vez fora a melhor mestra.

As crianças também aprendem a ser generosas. As primeiras palavras que as crianças bosquímanas aprendem são *{i na*" (me dá) e (toma), em vez de mamãe e papai.

Homens e mulheres também acham óbvio que ambos tomem conta das crianças. Um homem esquimó tomou conta do filho recém-nascido doente e cuidou dele durante três dias sem chamar nenhuma outra mulher para ajudar enquanto a mãe curtia as peles de caribu que ele trouxera da caça. Esta era missão dele, o pai. Ele sabia cuidar da criança mas não sabia curtir couro, que era tarefa de mulher.

Por outro lado, as crianças destes grupos não brincam

muito com crianças de sua idade. Este costume não estimula a competição entre os pares. Ao contrario, como os grupos são pequenos, as crianças que brincam juntas são de todas as idades e dos dois sexos, o que estimula a cooperação e a integração dos gêneros, bem como uma integração entre crianças e adultos que não conhecemos mais no mundo ocidental. Nestas tribos, não há a fabricação da infância como fase separada da vida adulta.

6

Os Horticultores Hoje

As sociedades horticultoras simples estão no limiar das sociedades agrárias mais adiantadas e, portanto, serão as últimas a serem tratadas nesta primeira parte deste estudo. Plantam com instrumentos simples e com méHKIOS primitivos. Ao contrário do arado, estes não permitem revirar o solo em profundidade. Estes povos são por isso ,iinda seminômades, pois, uma vez esgotada a terra, esta pode ser abandonada em alguns anos e retomada pela flot< si a. São assim os primeiros grupos que podem produzir o*, primeiros excedentes. A maioria destas sociedades é uma IIII .lura de caça, pesca e alguma coleta, bem como os primóidios da domesticação de animais.

As sociedades horticultoras mais avançadas já conheM m a fundição dos metais e, portanto, podem cultivar o tolo iom pás, picaretas e enxadas, revolvendo a terra com m.iiur profundidade e aumentando assim a sua fertilidade, m r. .linda não são sociedades agrárias, que requerem mép.ilos tccnologicamente mais sofisticados, como o arado, os

silos e outros apetrechos. Seus excedentes são maiores do que nas sociedades horticultoras simples, e também as armas são mais aperfeiçoadas, o que permite maiores períodos de guerra entre as diversas tribos.

As sociedades horticultoras são maiores e mais densas que os grupos de caça ou de coleta, apresentando estruturas políticas e econômicas também mais avançadas do que aquelas.

Contudo, as sociedades horticultoras simples tendem a ser altamente igualitárias. Seus líderes, como nas sociedades anteriores, não exercem poder de coerção, mas de persuasão. Os alimentos e a terra são bens comuns, e não existem disparidades de poder e riqueza. No entanto, ao contrário das sociedades de coleta, existem entre os horticultores vastas castas de prestígio e considerável competição por *status.* Na maior parte dos casos, tal como nas sociedades de coleta e de caça, o prestígio é ganho através da generosidade: dá-se o alimento para depois receber-se. Mas, ao contrário dos grupos de caça e coleta, quem tem mais prestígio costuma denegrir e desqualificar os que possuem menos prestígio: quem deu a melhor festa ou quem apresentou o melhor resultado da caça tem o direito de denegrir quem teve menos sorte. A posição de prestígio, contudo, ao contrário das sociedades mais avançadas, não é hereditária. Cada um tem que conquistá-la individual e continuamente.

Já nas sociedades horticultoras mais avançadas, há um embrião de hereditariedade e um começo de trabalho escravo. Uma casta de nobres guerreiros muitas vezes pode isentar-se dos trabalhos pesados do campo. Algumas sociedades horticultoras avançadas como os incas, os astecas e os maias, por exemplo, controlavam vastos impérios, sem, contudo, terem as características das sociedades plenamente agrárias. Estas conquistas, obviamente, requerem importantes estruturas políticas e militares. Ao contrário das sociedades hoticultoras simples, tendem a possuir não mais aldeias autônomas, mas

uma estrutura de estado piramidal. Mulheres de classes dominantes exerciam poder sobre homens de classes inferiores em virtude de sua posição, embora não tivessem poder sobre homens do mesmo *status* ou de maior posição.

Tanto nas sociedades horticultoras simples como nas avançadas, o trabalho de limpar a terra é alocado aos homens por ser necessária maior força física. Quando o plantio requer um trabalho mais pesado, é também feito por homens, mas nos casos em que não atrapalha a função reprodutora das mulheres, são estas que o fazem. O plantio feito por homens é em geral mais qualificado nas sociedades horticultoras avançadas, porque estas não podem, migrando, deixar as terras facilmente por outras que requerem mais trabalho e mais instrumentos para permanecerem férteis.

Sociedades maiores, também, aumentam o perigo de guerras e invasões de terras, o que impede as mulheres de assumir os trabalhos do campo, ao menos sozinhas.

Quando as mulheres dominam o processo do plantio, em geral elas também comercializam o produto do seu trabalho; ao contrário, quando os homens plantam, são estes os comerciantes. Quando as mulheres fazem comércio, raramente chegam a ter mais poder que os maridos, mas isto lhes dá maior capacidade de decisão em suas comunidades e autonomia pessoal, como acontece em certas regiões da África e dos Andes.

Talvez devido a este fato, as sociedades horticultoras simples e muitas das avançadas apresentam na maioria das vezes uma estrutura matrilocal ou matrilinear. São estas as que têm maior tendência a apresentar tal estrutura. O papel econômico da mulher e sua importância política são para isto fatores dominantes. Por exemplo, entre os índios iroqueses do norte dos Estados Unidos, as mulheres exerciam poder político e econômico significativo. Os homens permaneciam ausentes a maior parte do tempo, seja em guerras ou em longas viagens. As mulheres cultivavam o solo e controlavam o produto de seu trabalho.

Cada linhagem possui uma "casa-grande" chefiada por uma velha matrona, onde todos trabalham comunitariamente. O conselho dos anciãos composto de homens era em geral nomeado através da influência das mulheres.

Os hopis não possuíam segregação sexual, e até sua linguagem apresentava uma estrutura mais integrada do que as nossas linguagens modernas, todas fragmentadas.

Contudo, a matrilinearidade nem sempre significava tanto poder para as mulheres. Muitas destas sociedades eram dominadas pelos homens. Os truks das Ilhas Carolinas do Pacífico Sul são um exemplo. Ao contrário dos iroqueses, eram os homens que controlavam o suprimento de alimentos e pouco se ausentavam da tribo. Por isto, apesar de o grupo ser matrilinear, é o macho mais velho de cada linhagem quem controla até hoje os destinos da tribo, ü homem espera fidelidade e submissão da mulher. Para ele, é fácil conseguir divórcio, enquanto para a esposa são colocados muitos obstáculos. Para conseguir sua liberdade, muitas vezes ela precisa ter a proteção do seu irmão.

Curiosamente, testes feitos pelos antropólogos em homens e mulheres entre os truks mostram mais segurança e menos ansiedade entre as mulheres do que entre os homens. Isto talvez se deva ao fato de que as mulheres possuam lares seguros e estáveis, enquanto os homens são obrigados a deixar o seu clã para vir habitar o clã das mulheres...

Entre estas sociedades, como estamos vendo, o leque é muito grande, até chegar à mais definida patrilinearidade. Os antropólogos crêem que a patrilinearidade, e com ela a patrilocalidade, e com ambas o embrião do patriarcado começam quando há necessidade de intensa competição entre as populações por insuficiência de alimento. O caso extremo é a tribo dos ianomamis, que habita entre o Brasil e a Venezuela.

Esta tribo é considerada uma das sociedades em que há maior dominação dos homens sobre as mulheres em todo o mundo. Os ianomamis sofrem de uma escassez crôni-

ca de proteínas. Embora possam plantar quase todo tipo de vegetais, a caça é rara e difícil. Isto aumenta a competição entre as aldeias e com ela a solidariedade masculina, guerras constantes, a submissão das mulheres, que são inclusive consideradas propriedade sexual. Devido à falta de carne, esta é negociada por sexo. E a mercadoria sexual — as mulheres — deve ser escassa. Isto é conseguido artificialmente, com uma grande taxa de infanticídio feminino, além da poliginia dos mais fortes e do estrito controle sobre a sexualidade feminina. Daí resulta que muitos homens não têm mulheres e conseqüentemente começam a invadir outros grupos em busca de esposas.

Isto faz o complexo guerreiro intensificar-se e, conseqüentemente, equilibrar o crescimento populacional em uma terra de alimento escasso. Toda esta situação estimula a desqualificação da mulher, a agressão masculina, com a conseqüente brutalização sobre o elemento feminino.

Esta agressividade é dirigida tanto contra homens como contra mulheres. Constantemente, há duelos brutais entre os homens a fim de provar a coragem de ambos os duelistas. E as mulheres ianomamis são talvez as mulheres mais brutalizadas e vitimizadas do mundo. Seus corpos são cobertos de feridas e cicatrizes infligidas por seus homens: eles podem até matá-las sem motivo. Punir em público uma mulher aumenta a imagem viril do marido. As mulheres esperam ser espancadas, vitimizadas, humilhadas e degradadas. E o casamento é definitivamente visto como negócio de homens que trocam mulheres entre si. Em ianomami, casamento significa "arrastar alguma coisa", e divórcio é "jogar alguma coisa fora". Aqui sim, a lenda das mulheres arrastadas pelos cabelos é uma realidade. As mulheres são negociadas desde muito crianças, e espera-se que aceitem o ato sexual a partir dos oito anos. A solidariedade entre os irmãos da mulher e seus cunhados é tão grande que impede que esta volte para a sua família de origem quando muito ameaçada.

Se as mulheres são obtidas por rapto, em geral são estupradas por todo o grupo e depois distribuídas aos mais corajosos e agressivos. A poliginia é o mais alto sinal de virilidade, o que encoraja os perdedores a mais invasões de outros grupos, aumentando assim cada vez mais a agressividade.

A poliginia é largamente praticada nas sociedades horticultoras tanto simples como avançadas. Na África, cada mulher é mais um pedaço de terra cultivado para o mesmo homem e, portanto, mais uma fonte de riqueza que lhe permite comprar ainda mais mulheres. Este costume traz consigo também a compra de noivas entre clãs e o casamento em idade precoce. Em geral, as jovens esposas servem como criadas para as mais velhas. Por sua vez, estas meninas virão a ser patroas de outra esposa mais jovem quando forem mais velhas. O tratamento dado às esposas melhora consideravelmente se dão à luz um filho menino. Isto se passa também entre sogras e noras, de modo que o padrão de solidariedade entre mulheres é em geral substituído, nestas sociedades patrilineares, por um padrão de dominação e competição.

Resumindo o que acabamos de ver, as sociedades horticultoras podem ir desde a mais pacífica e estável matrilinearidade/matrilocalidade até as mais severas condições de uma patrilinearidade/patriarcado feroz. E isto é ensinado às crianças desde o seu nascimento.

Como seria de se esperar, desde a mais tenra idade educa-se os meninos ianomamis para a mais selvagem agressividade, e as meninas para a passividade e a vitimização. Quando uma menina ianomami apanha de um irmão menor, ela é punida se bater nele de volta. Os meninos no entanto nunca são punidos por bater em quem quer que seja. E os pais ianomamis ficam deliciados quando seus filhos de quatro anos lhes dão um soco no rosto.

Os hopis, ao contrário, que são matrilineares e não praticam a guerra sistematicamente, educam tanto meninos co-

mo meninas para serem pacíficos, humildes, doces e não-competitivos. Não se espera que nem mulheres nem homens controlem a sua agressividade. Ao contrário, as mulheres são estimuladas a serem mais agressivas do que os homens, pois estes têm mais força física e, portanto, mais potencial de ferir o outro.

Entre os udus da Nigéria, as meninas são treinadas para depender dos seus irmãos, e os homens, para serem protetores das mulheres em geral. Ao mesmo tempo, elas são treinadas, também, a manipular e seduzir os homens. As crianças é claramente ensinado desde o berço que certas tarefas e atitudes pertencem à mulher e outras apenas aos homens.

SEGUNDA PARTE

...E o Verbo Veio Muito Depois

Cleópatra, rainha do Egito — considerada pelo sistema patriarcal a mulher mais perigosa de todos os tempos, por dominado dois imperadores romanos

7

O Patriarcado

No princípio era a mãe. O Verbo veio muito depois e iniciou uma nova era: o patriarcado. O Verbo, a Palavra, um símbolo abstrato, uma entidade arbitrária, pode dar vida a qualquer realidade, por mais imaginária e inexistente que seja. E a palavra pode até distorcer o sentido das realidades físicas mais óbvias, tais como o fato de a mãe dar à luz a criança e amamentá-la, e inaugurar a dominação do macho, através da fabricação de papéis. Os machos não são dominadores por natureza, como mostramos exaustivamente através do que vimos escrevendo neste trabalho, da mesma maneira biológica que as fêmeas dão à luz. E é a Palavra, o patriarcado que quer fazer da dominação masculina um fato "natural" e biológico. E o patriarcado é de tal modo hoje uma realidade bem-sucedida que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana de maneira diferente da patriarcal, em que o macho domina de direito e de fato.

Através da Palavra, a maternidade pode ser vista como

uma grande força sagrada, como nas culturas ancestrais, ou então como uma vulnerabilidade, uma inferioridade, como na civilização ocidental moderna. Da mesma forma, o homem é percebido ou como um elemento marginal nas culturas matricêntricas ou como o macho dominador das culturas agrárias mais recentes.

Quanto à origem do patriarcado, a partir do século XIX muitos pensadores levantaram várias teorias, tais como Bachofen, Driffault e outros, que apresentavam o mundo como governado pelas mulheres (matriarcado), mas, como já vimos, a noção de matriarcado nada mais é do que uma projeção masculina sobre uma estmtura feminina de poder muito diferente da atual.

Marx e Engels foram, contudo, os mais importantes pensadores do século XIX a analisar este tema. Em primeiro lugar, afirmavam que a divisão sexual do trabalho dava origem a uma divisão social do trabalho, que, por sua vez, levou à especialização. Esta, também por sua vez, levou ao aperfeiçoamento de tecnologias que deram origem aos excedentes (lucro), algo que sobrava após terem sido satisfeitas as necessidades de sobrevivência dos grupos. Estes excedentes poderiam ser usados como valores de troca, dando origem a uma classe dominante que não precisava trabalhar e vivia da venda dos excedentes, escravizando boa parte das populações; daí a origem do Estado centralizador, autoritário e violento. A classe dominante defendia a propriedade dos excedentes, da terra, que mais tarde, com a expansão da agricultura, viria se tornar propriedade de alguns poucos em detrimento da comunidade. Nesta época, o sexo feminino é também dominado e a mulher fica reduzida ao âmbito do privado, a fim de fornecer o maior número possível de filhos para arar a terra e defender a terra e o Estado. A competição, pois, pelas mulheres, pelos excedentes e pela propriedade foi pouco a pouco dando origem à supremacia masculina e a uma cultura competitiva. Até o aparecimento das recentes pesquisas a que nos referi-

mos no início deste trabalho, prevaleciam as teorias do parentesco de Lévi-Strauss, que achava "natural" que as mulheres fossem trocadas entre homens para fazer e consolidar alianças desde o começo da espécie. Mas, como vimos, isto não acontece nas culturas mais primitivas matrilineares, e o conhecimento disto é fato bastante recente. A noção de uma descendência matrilinear e não-patriarcal nem sequer ocorreu aos primeiros antropólogos.

A nosso ver, no entanto, o patriarcado teve uma origem gradual e lenta. No começo, as sociedades possuíam laços fracos de dominação, e se criaram através de laços fortes entre mães e filhos, principalmente filhas, sendo os machos elementos periféricos e instáveis nos grupos. Os laços mais fortes que estes possuíam eram com os elementos do seu próprio sexo e os filhos homens dentro da descendência matrilinear. A maior parte dos trabalhos era feita pelas mulheres (como é até hoje, tanto nas sociedades simples quanto nas complexas). Elas se responsabilizavam por seus filhos e, por extensão, pelo grupo inteiro. As mulheres proviam o alimento e os homens faziam as tarefas mais pesadas, como a caça, a pesca e a limpeza das terras aráveis. Contudo, possuíam mais tempo livre do que as mulheres, o que os fez desenvolver suas armas e inventar cultos específicos para o sexo masculino, dos quais excluíam as mulheres.

Assim, os homens puderam abrir um grau de distância entre os humanos e o meio ambiente como resultado de um crescente controle que foram descobrindo e exercendo sobre a natureza. Distância e separação que dão origem ao estranhamento e à hostilidade, portanto a uma incipiente inimizade entre o homem e a natureza. Quando se iniciaram as primeiras culturas e o controle sobre a natureza aumentou, a ansiedade também cresceu. As secas e as inundações começaram a causar medo, e tinham que ser exorcizadas. Estava então rompida a harmonia entre os humanos e a natureza. Neste ponto instala-se um incipiente sentimento de transcendência.

Esta noção de transcendência deve, provavelmente, ter nascido da descoberta do papel masculino na procriação. Neste instante, o macho pode assumir o controle da sexualidade das mulheres e, portanto, o poder sobre elas, juntamente com a natureza. Do conceito abstrato de controle vem o conceito da superioridade/transcendência do homem sobre a natureza e a mulher. Nascem então mitos e crenças sobre um deus todo-poderoso e transcendente, e não mais imanente, como nas sociedades matrilineares. A grande mãe imanente é substituída pelo deus transcendente e controlador. A mulher fica mergulhada no reino da natureza, enquanto o homem aloca a si mesmo o da cultura. E como se acreditou, durante milênios, que as mulheres tinham uma relação especial com o sagrado que emanava da natureza, agora as novas religiões passaram a dirigir-se mais aos homens. A eles o domínio do sagrado, a centralidade do poder; às mulheres, a marginalidade nos cultos e no âmbito do poder e do público.

Junto com a noção de transcendência e de controle foi pouco a pouco se formando a noção de moralidade. A moralidade seria o controle a partir do próprio oprimido. A honestidade para os escravos, e para os senhores a capacidade de infringir as regras sem punição nem culpa. Então se desenvolve uma moral dupla controladora para as mulheres e sem controle para os homens. Regras criadas pelos próprios dominantes e que serviam como braço privilegiado desta classe para manter os dominados internamente oprimidos, enquanto os dominadores podiam romper sem qualquer culpa as regras inventadas por eles próprios. Aparece assim o reverso dos princípios que regulavam o matricentrismo.

Por outro lado, as sociedades patriarcais caracterizam-se por um profundo medo da mulher, concretizado nos fortes tabus referentes à menstruação, à nudez ou ao parto, o que leva a um acentuado antagonismo entre os dois gêneros. Com isso, estas sociedades controlam a reprodução e o trabalho das mulheres. E é através das leis e da institucionalização, ou seja, através de ordens abstratas derivadas

da palavra, principalmente da palavra escrita, que é inventada junto com a sociedade agrária, que estas violências podem ser praticadas. Não é o *status* desigual e o controle sobre as mulheres que importam, mas sim os conceitos que estão na base deste controle e da supremacia masculina.

O patriarcado, com esta rede de conceitos e controles, transforma então, para sobreviver e consolidar-se, os laços afetivos existentes entre homens e mulheres, entre mães e filhos e entre as mulheres entre si em relações de poder.

No que tange à relação homem /mulher, ela se transforma desde as sociedades de caça. Nestas, em primeiro lugar a inveja primitiva que o homem tinha da procriação (inveja do útero) é exorcizada pela iniciação dos rapazes. Estes são afastados de suas mães na puberdade e renascem de maneira ritual para o mundo masculino. Na maioria dos ritos de iniciação masculina é a imitação do parto que faz esta ruptura. Em segundo lugar, o homem assume para si parte do processo reprodutivo no rito da *couvade*, em que o macho, logo após o nascimento da criança, assume o lugar da mãe, recebendo visitas enquanto ela vai trabalhar nos campos.

São quase universais também no patriarcado os tabus relativos à menstruação, desde as sociedades mais simples até as mais complexas. Em vez de regar a terra com o fluxo menstruai, como era feito antes, como augúrio de fecundidade, a menstruação é agora punida.

Entre os papuas da Nova Guiné, qualquer objeto tocado por uma mulher menstruada pode quebrar nas mãos de um homem; uma pedra pode voltar-se contra aquele que a segura. E a vagina é temida como o lugar do sangramento, bem como qualquer objeto que se pareça com uma vagina. Agora as plantas secam e morrem, o solo fica infértil. As mulheres papuas cultivam algumas plantas durante a iniciação dos rapazes, e estes são ensinados a vomitar o alimento oferecido pela mãe. Mas é neste período que as mulheres são mais atraentes para os homens papuas, e eles usam o lugar onde elas são isoladas para encontrá-las sexualmente.

Os papagos, índios do sudeste norte-americano, temem o tremendo poder que julgam emanar da menstruação feminina e excluem as mulheres de todos os sítios onde os homens costumam encontrar-se: um homem que toca uma mulher menstruada não pode participar de batalhas.

Em outras tribos, as mulheres são consideradas passíveis de contaminar os homens desde a puberdade até a menopausa. Em certas ocasiões elas não podem tocar nada que seja tocado por um homem, nem sequer uma fonte de água. No entanto, seu poder só é perigoso para os machos adultos, podendo causar-lhes doenças respiratórias ou até a morte. Por isto, estes homens temem o casamento. Entre os kaulongs, por este medo, são as mulheres que tomam a iniciativa do ato sexual e do casamento, dos quais o homem não pode fugir...

O sentido destes tabus é mostrado de maneira muito clara pelos esquimós, os seres humanos que vivem no mais difícil ambiente deste planeta. Eles vêem uma necessidade específica de o homem adquirir a sua identidade e conquistar o poder com grande esforço, pois a mulher já tem naturalmente a sua e o seu poder flui de maneira simples através da gravidez e do parto. As mulheres são associadas com a vida e a fertilidade, e os homens, com a morte e a esterilidade. Por isto, estas culturas têm uma forte tendência à migração e à conquista para exorcizar este poder feminino.

Nas culturas patriarcais, as mulheres são associadas à sedução, à traição c ao levar o homem para caminhos que os conduzem à derrota e à morte.

A partir deste medo da força genesíaca da mulher, foi fácil, no decorrer dos séculos e milênios, formar uma identidade masculina baseada na maior capacidade intelectual dos machos em relação à mulher para controlar a natureza e inventar novas tecnologias, na sua maior força física para prover alimentos e defesa para os grupos, na sua maior agressividade para vencer as guerras. O domínio público, da história, foi alocado ao princípio masculino, enquanto o

princípio feminino, marginalizado, circunscreveu-se ao domínio da casa, do privado, da reprodução. E o feminino era associado a uma mediação entre o homem transcendente e a cultura imanente.

Por outro lado, rompem-se os laços de afeição que uniam as mulheres às outras mulheres. Ao contrário das culturas matricêntricas, agora quem vai para a casa do consorte é a mulher. Ela é, assim, arrancada de sua família para entrar numa família desconhecida, em geral para servir sob as ordens de uma sogra dominadora e cunhadas hostis, como acontecia na China, no Japão e no mundo árabe.

Tudo isto em conjunto vai pouco a pouco moldando a personalidade feminina. A partir da dominação econômica exercida sobre ela pelo marido e sua família, a mulher introjeta a sua inferioridade. E esta introjeção de inferioridade se traduz em dependência psicológica em relação ao homem, em tendências masoquistas (sentir prazer em humilhações e sofrimentos), um narcisismo ferido, frigidez e carência sexual, que ela supercompensa afetivamente na relação com os filhos, sobretudo os filhos homens. Além do mais, instala-se no mundo feminino a impossibilidade de alianças entre as mulheres, uma vez que todas competem pelos casamentos mais ricos. Enquanto as mulheres se dividem entre si, os homens continuam capazes de fazer alianças e muitas vezes de viver em grupos solidários, o que reforça então a sua superioridade construída sobre a divisão das mulheres.

Contudo, o laço mais importante que se rompe com o advento do patriarcado é aquele entre mães e filhos. Esta ruptura se dá em relação ao menino em uma idade muito tenra, quando ele começa a viver sua fase edipiana. O medo da castração imaginário tem uma história, e este medo não é estrutural à condição humana, como queria Freud. Como os papéis de homens e mulheres são fabricados pelo patriarcado, também o é esta castração, que vem a ser tão importante para o funcionamento da psique masculina e do sistema patriarcal.

Desde que nascem, tanto meninos quanto meninas são capazes de perceber, cada um à sua maneira, que o pai é o dominador da mãe. Quando o menino atinge quatro anos aproximadamente e passa a viver a fase edipiana, o pai entra na sua relação com a mãe, e a criança passa a querer matá-lo. No entanto, como é frágil e impotente, ela projeta: "Meu pai quer me matar, isto é, cortar o pênis, que é o meu objeto de prazer." A partir de então, como tem que se identificar com o opressor, o menino passa a dessexualizar sua relação com a mãe e, nos casos em que o machismo é mais exacerbado, a desprezá-la, e, com ela, todas as mulheres. Sua libido a partir de então em grande parte se sublima, isto é, desloca-se para outros objetos que não os sexuais, tais como: o domínio dos outros, o pensamento abstrato, a manipulação, o trabalho, a violência, a competitividade etc. Muito pouco resta para a mulher.

Quando se torna adulto, o homem já não é capaz de amar a mulher. Ele cinde o desejo sexual do afeto e, com isto, cinde também a imagem da mulher. De um lado a esposa, a santa, a sucessora da mãe, que pertence ao domínio do afeto. De outro a prostituta, aquela que pertence ao domínio do prazer. Assim, o homem se divide para não se entregar, pois desde a infância aprendeu que entregar-se ao amor é ser castrado e, portanto, morrer, ser vencido.

Por seu lado, a menina, tal como o menino, ama a mãe corporeamente e a quer só para si, mas, quando chega a fase de mudança do objeto do amor — da mãe para o pai —, ela sofre muito menos do que o menino, porque já vem castrada. Seu sexo é interno. Ela não tem nenhum símbolo externo de poder e prazer a perder. Por isso, ela não realiza a mesma ruptura que o homem. Mais tarde, vem a simbolizar menos e dedicar-se mais ao amor. Cada um, pois, homem e mulher, assume o seu lugar no sistema patriarcal a partir do mais íntimo de si mesmo, sem saber que são ambos fabricados para serem o combustível do sistema, vivendo os papéis que este lhes destinou.

E qual é esse papel?

O homem, por medo de morrer quando menino pelo fato de amar a mãe (a mulher), aplica sua libido em objetos não-corpóreos para fugir à angústia da morte. Esse fato mesmo o dirige a partir do inconsciente mais profundo para o mundo do trabalho, do saber e, finalmente, do poder. Seu pensamento se torna racional, objetivo, dissociado do sentimento e, portanto, frio, calculista, controlador, o que o torna apto para os embates da competitividade.

A mulher, ao contrário, como não tem a ameaça da morte quando criança, continua ligada à mãe, que é a fonte arcaica do prazer. E assim não divide a sexualidade do afeto, e não reprime o amor. Fica, então, delimitado a seu âmbito dentro do sistema patriarcal, que é o domínio da relação com os outros, do cuidado, da intuição, do concreto, da subjetividade, do sentimento, da ternura, da solidariedade, da partilha.

Ela passa a reprimir a inteligência, a iniciativa, a agressividade a partir do inconsciente. E as qualidades que desenvolve a "especializam" para o domínio do privado. E como este não é produtivo, é menos valorizado que o domínio público, e ela se torna submissa a partir do inconsciente. Os valores da partilha e da solidariedade perdem então para a competitividade, o egocentrismo, mais funcionais dentro do novo patriarcado.

Tudo isto (e muito mais) vem a ser sacralizado no texto mais importante do patriarcado e que, por isso, é um texto sagrado: o *Gene se.*

8

O Mito Patriarcal: o *Gênese*

Descrevemos na primeira parte deste trabalho os quatro tipos de mitologias que até hoje se encontrou na espécie humana: a primeira, em que a Grande Deusa é a única criadora da natureza e dos homens. A segunda, em que um deus masculino destrona uma deusa criadora e lhe toma o poder. A terceira, em que um deus e uma deusa criam o mundo juntos. E a quarta será a que introduziremos neste capítulo.

O mundo é criado por um deus único e todo-poderoso, onipotente e onipresente, que controla todos os seres humanos em todos os momentos de sua vida. E aqui entramos no mito judaico-cristão, a base da nossa civilização atual. E o mito judaico-cristão é o mito dos que crêem e dos que não crêem nele, dos antigos e dos modernos, porjque o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz.

Iavé cria sozinho o mundo em sete dias e depois cria o homem. E só depois, de uma costela sua, tira a primeira mu-

lher. E foi esta mulher a causa de todos os males que sucederam ao homem. Depois da Queda, ele teria que ganhar o pão com o suor de seu rosto, e ela, ser submissa ao marido e parir na dor. E ambos foram expulsos do Jardim do Éden.

Sim, primeiro havia um jardim em que o alimento era abundante e farto que era colhido sem trabalho. Até hoje a humanidade guarda em seu inconsciente mais profundo o que devia ser a vida nas sociedades de coleta: a harmonia entre os sexos e a despreocupação com o dia de amanhã. E era isto a felicidade perfeita. O homem e a mulher eram iguais, e a natureza era integrada com eles.

Quando ambos comem o fruto da árvore do conhecimento (e a mulher é a culpada desta transgressão), eles começam a se afastar da natureza e a dominá-la. E disse Deus: ‘ ‘Terás domínio sobre toda a natureza. ’ ’ Ao dominar a natureza, o homem vai também pouco a pouco dominando a mulher. E o que há de mais interessante para se notar é que, para se persuadir da sua supremacia, o homem teve que se convencer de que pariu a primeira mulher. Hoje. através da psicanálise, sabe-se que o iavista usou um mecanismo de defesa muito comum: o deslocamento, para, ao mesmo tempo, revelar implicitamente e esconder explicitamente a natureza desta superioridade. Por este fenômeno, ele pode dizer que não foi do ventre, mas sim da costela de Adão que Deus tirou Eva. Assim, ela podería ao mesmo tempo ser igual ao homem mas submissa a ele desde o início. E o homem para sempre adquiriría a segurança de ser o primeiro da natureza e da humanidade.

À medida que o homem vai controlando a natureza, seu poder sobre a mulher vai também, na mesma proporção, aumentando e se cerrando. O fruto da árvore do conhecimento afasta cada vez mais o homem da natureza, e a árvore do conhecimento é também a árvore do bem e do mal. Do bem, no que permite a continuidade do processo humano, e do mal no sentido em que cria o poder, a dominação como a conhecemos hoje.

A noção de poder como a conhecemos hoje é desconhecida nas sociedades mais primitivas. Poder que é agora controle, autoritarismo, centralização e que antes era o privilégio de melhor servir a comunidade.

Poder que é santificado também pelo mito cristão e que torna os dois primeiros capítulos do *Gênese* o texto básico do patriarcado. Isto acontece porque, além de parir a mulher, de alocar-se a si mesmo a capacidade de dominar a natureza, o homem ainda culpa a mulher por sua transgressão à lei do Pai, que é a origem de todos os males.

Quando o *Gênese* foi escrito, as primeiras sociedades agrárias já existiam há milênios, e, portanto, já estavam em parte formadas as novas estruturas psíquicas que iriam tornar homens e mulheres aptos ao sistema patriarcal. Portanto, o relato da Queda nada mais fez do que explicitar o que já estava no inconsciente de homens e mulheres; além disso, através de um texto sagrado, esta nova estrutura psíquica ficou santificada.

Aqui é muito importante frisar que até agora, ao estudar as relações homem /mulher nas diversas culturas, percebemos que estas relações vão seguindo "coladas" nas relações de ambos os gêneros com o meio ambiente, isto é, com a maneira de produzir a sua própria subsistência. Se os dois tipos de relação não se adaptam, então a cultura perece.

Ora, mais do que para as culturas, isto é verdade para o patriarcado, que de agora em diante vem, nos milênios seguintes, homogeneizar todas elas sob a sua superioridade tecnológica, seu poder recém-definido em termos de competitividade e violência: doravante o patriarcado vai assimilar para si todas as culturas pela violência.

Portanto, não é de espantar que estes dois capítulos do *Gênese* venham também santificar as relações de poder a partir do inconsciente que agora irão governar homens e mulheres.

E como isto se dá?

Segundo o texto, a mulher leva o homem a enfrentar a ameaça de morte feita por Deus Pai. Isto nos lembra o que acontece na fase edipiana da criança, quando o menino enfrenta a morte imaginariamente para ficar com a mãe. Se quiser viver, tem que renunciar a ela.

E é isto mesmo o que diz o *Gênese*: porque Adão preferiu a mulher, foi simbolicamente morto pelo Pai. Daí a mensagem de que a mulher é tentadora, destrutiva, e de que desestabiliza as relações do Homem com Deus.

Isto quer dizer que, também, o *Gênese* explicita o novo fenômeno da castração e o torna sagrado. Daí em diante, a identificação sexual do menino com o pai se fará pelo medo e pela violência, e as relações com a mulher não serão mais de afeto e solidariedade e, sim, de ressentimento e dominação.

O mais interessante é que o *Gênese* não pára aí. O texto traz como primeira maldição para o homem o sair do Jardim das Delícias e começar a arar a terra. Portanto, o texto sagrado faz um "pacote" interior e exterior, individual e coletivo, e de um só golpe une o inconsciente ao novo modo de produção agrário que daí em diante virá a ser o grande transformador da humanidade.

É o próprio *Gênese* que liga a castração ao patriarcado, mostrando que as relações de dominação (violência) do homem com a natureza terão como condição necessária para o seu funcionamento a relação de dominação entre homens e mulheres e dos homens entre si: o homem tem que se submeter ao Pai (o mais forte) e a mulher ao homem para que seja viável a dominação da natureza.

O trabalho da agricultura é pesado, exige disciplina corporal e a repressão do prazer e da sexualidade, isto é, do corpo. De um só golpe, o *Gênese* rejeita a mulher (o corpo) como causa de todo pecado e santifica o trabalho pesado ("e comerás o pão com o suor do teu rosto").

E o texto vai mais longe: para a mulher aponta não só a dor do parto (desconhecida no parto natural) e diz: "e teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará".

Na própria solução da fase edipiana, a menina, como já vimos, não rompe a sexualidade do amor como o homem. A finalidade da vida da mulher será, dentro do patriarcado, o amor ao homem, e a do homem, o trabalho. Por isso o homem será punido no trabalho e a mulher na sexualidade e no afeto, que ficarão para sempre frustrados.

O iavista não poderia ser mais diabólico. Não esqueceu nada, nenhuma vulnerabilidade nem do homem nem da mulher foi deixada de lado. A dominação do homem pelo homem e do homem sobre a mulher, que são as duas características essenciais do patriarcado, acrescida da dominação do homem sobre a terra, já estão santificadas. São então santificadas todas as cisões: 1) a cisão *dentro do homem* entre sexualidade e afeto, conhecimento e emoção. O conhecimento é colocado como a causa da transgressão, porque de agora em diante ele vai ser o motor que vai fazer funcionar todo o sistema; 2) a cisão *homem/homem* — é essencial ao patriarcado a santificação da dominação de uns homens pelos outros, porque com isso se torna "natural" a escravidão, sem a qual não há sociedade agrária; 3) a cisão *homem/mulher,* com a conseqüente cisão público/privado. Esta cisão é essencial também porque a opressão da mulher é o que torna todas as outras possíveis; e, finalmente, 4) a cisão *homem/natureza,* que é a base do cultivo da terra com instrumentos pesados.

Com o *Gênese, o* novo sistema já tem tudo para funcionar, e até hoje funciona.

No entanto, há uma palavra final no *Gênese,* a mais misteriosa de todas, que surpreendentemente desestabiliza tudo o que vem sido dito por Deus. E uma palavra que não adquiriu a mesma fama das outras, que foi invisibilizada e manipulada durante todo este período patriarcal e que guardamos para as conclusões deste livro, porque agora o patriarcado já está em pleno funcionamento.

Tem início a história. Mas, antes, vamos ver as culturas de transição: as sociedades pastoris.

9

As Sociedades Pastoris

A sociedade pastoril é em geral definida como aquela que repousa economicamente sobre a criação de rebanhos, sejam eles de cabras, bois, cavalos, ovelhas etc. Como as sociedades de coleta e os horticultores simples, as sociedades pastoris são em parte nômades. Muitas vezes o pastoreio dos rebanhos é combinado com atividades horticultoras, mas sua produtividade é baixa, de modo que estas sociedades possuem poucos excedentes. Por outro lado, os animais são consideráveis fontes de riqueza, e portanto seus possuidores ficam sujeitos a invasões e roubos.

O pastoreiro de ovelhas e cabras é menos pesado, mas **o** de bois e camelos requer força física, além de terem que ser continuamente vigiados de predadores animais e humanos. Estas comunidades, por poderem oferecer melhores condições de sobrevivência, são maiores do que as de caça ou coleta, e também mais sujeitas a guerras. Seus sistemas sócio-políticos são mais centralizados e hierarquizados. Ao contrário de caçadores e coletores, seus valores não são a gene-

rosidade e a distribuição de alimentos, mas a necessidade de aumentar os rebanhos e pensar no futuro, o que os faz dar um extremo valor à herança e aos filhos.

A divisão sexual de trabalho é baseada na supremacia masculina nas tarefas economicamente produtivas. Os antropólogos Martin e Foorbies estudaram quarenta sociedades pastoralistas e concluíram que a contribuição das mulheres nas tarefas econômicas é muito pequena. Em 30% delas, o trabalho feminino consiste na ordenha e na fabricação de laticínios. Em quase todas, os homens tomam conta dos rebanhos e em 50% são eles que também cultivam; no entanto, quando o cultivo é do tipo horticultural simples, o trabalho é quase exclusivamente feito pelas mulheres.

Neste tipo de sociedade, ainda é fraca a dicotomia entre público e privado, pois a sociedade seminômade não pode prescindir do trabalho econômico da mulher; portanto, ela não fica completamente segregada em casa. Contudo, os espaços já são nitidamente divididos entre espaços masculinos e femininos.

As famílias são patricêntricas, e os homens em geral tendem a controlar os rebanhos. No entanto,' nas sociedades em que o trabalho da mulher é mais necessário, esta tem mais *status* e poder de decisão.

Um dos povos nômades/pastoris que sobrevivem até hoje são os beduínos do norte da África. Nessas sociedades, que vivem num espaço desértico hostil, as populações e os rebanhos são distribuídos de maneira mais adaptada em termos ecológicos, ou seja, através do roubo de carneiros e de camelos, dos dotes dados às noivas, das multas por assassinato, dos deveres de hospitalidade etc., de modo que os rebanhos não possam acumular-se demais em poucas mãos, devido às condições hostis do ambiente.^

Outro povo pastoril, os mongóis da Ásia Central (kirghises), onde também se desenvolve uma desigualdade sexual e social, é obrigado a travar violentas guerras a grandes distâncias e altas velocidades nas estepes, por ser criador de

cavalos. Entre eles, mais guerreiros que os beduínos, forma-se uma aristocracia guerreira que decide os destinos das tribos.

Nestas sociedades pastoris, as mulheres exibem um *status* melhor do que nas sociedades agrárias, em que elas não participam nos negócios do domínio público. No decorrer da história, encontram-se muitos exemplos de rainhas guerreiras neste tipo de sociedade. Entre os mongóis, onde as mulheres eram treinadas para certos aspectos especializados das guerras, a mulher do khan, a katun, possuía corte e corpo diplomático próprios e participava com o marido dos negócios de Estado. Mas, à medida que os países vão se sedentarizando, a mulher vai perdendo o seu *status* político e econômico e pouco a pouco vai sendo isolada no domínio do privado.

Entre os povos pastoris do norte da África e do sul da Europa, como os atuais montenegrinos, por exemplo, as guerras por rebanhos e propriedades são freqüentes, devido a um meio ambiente hostil e parco de recursos. Estas guerras são dirigidas por códigos de honra masculina e vergonha. É um dever de honra, de vida ou morte, manter a propriedade própria ou da família. Cobre-se de vergonha o homem que não consegue fazê-lo. As mulheres são excluídas do domínio público, e os códigos de honra se estendem ao seu comportamento, com punições de morte para a perda da virgindade ou o adultério. Elas são segregadas a ponto de não deixarem nenhum traço sobre as futuras gerações que procriam, e que apenas são contadas a partir da linhagem paterna. Entre os montenegrinos, elas nem mesmo são contadas entre os filhos. As mulheres são propriedade sexual do marido, e em muitas sociedades, além da dos montenegrinos, elas são conhecidas apenas como "a mulher de Fulano". Desde criança, são educadas para uma extrema castidade e vergonha do corpo, e treinadas nos trabalhos domésticos, enquanto os meninos, desde cedo, são adestrados para a iniciativa, a coragem, a virilidade, a guerra e a independência.

O controle da sexualidade das mulheres no sentido de preservar a linhagem é preocupação primária dos homens e das famílias, e, quando as regras são violadas, todo o clã se empenha em vingar a desonra. Contudo, para os homens, seduzir e deflorar mulheres de outros grupos é tomado como grande façanha e prova de sua virilidade. As mulheres são trocadas entre as famílias, e certas cerimônias de degradação, como por exemplo lavar ritualmente os pés dos homens, são comuns nestas sociedades.

Ideologicamente, as mulheres são consideradas, por sua simples existência, perigosas, traidoras e desestabilizadoras da unidade e da solidariedade dos machos. Nas sociedades em que o pastoreio é combinado com a horticultura, há a poliginia, porque cada mulher adicional traz um novo aporte de riquezas; no entanto, nas sociedades em que o pastoralismo é acoplado à agricultura, a família nuclear é predominante, pois a mulher não traz riquezas adicionais porque o trabalho dos campos é feito na maior parte pelos homens.

Em algumas sociedades pastoris, sobretudo as islâmicas, onde a opressão da mulher é muito severa, homens e mulheres têm uma ideologia em que um se considera inimigo do outro. Os homens consideram as mulheres impuras, principalmente quando menstruam ou depois do parto. Muitas vezes as mulheres odeiam os maridos a ponto de envenená-los. Na maioria destas sociedades as mulheres não herdam e depois de viúvas são obrigadas a casar com o irmão do marido a fim de obter proteção e meios de subsistência.

10

As Sociedades Agrárias

Quando a pressão populacional sobre as sociedades mais primitivas cresceu e diminuiu a capacidade produtiva de suas tecnologias e do seu meio ambiente, as comunidades foram obrigadas a procurar novas formas de relacionamento entre si, e também uma solução para a escassez de terra e provisões. Assim, de nômades os povos passam a tornar-se sedentários e começam a cultivar a terra de novas formas. Em primeiro lugar, ser sedentária supõe que a comunidade seja capaz de manter a terra fértil por longo tempo, a fim de colher seu fruto periodicamente.

E assim surge a agricultura que emprega basicamente o arado, só tornado possível após a aprendizagem da fundição dos metais, por volta de uns oito a dez mil anos atrás. Contribuíram também para o sedentarismo os animais domesticados pelas sociedades pastoris e as técnicas de fertilização e irrigação de terras. Estas atividades puderam, assim, dar origem a comunidades mais vastas e de diferentes organizações sociais. Desses processos, surgem as primeiras al-

deias, as primeiras cidades, as cidades-estado, os primeiros estados e depois os grandes impérios da Antiguidade, tais como Egito, Babilônia, Grécia, Roma e China. Nasce assim o período histórico que até hoje estamos vivendo. A revolução agrícola é considerada o início da História.

No entanto, a agricultura requer um trabalho tão pesado e tão constante que até hoje muitas regiões do mundo, como o norte da África e certas partes da Ásia, resistem à sua implantação, pois formas mais simples de sobrevivência garantem o necessário

O nível de produtividade conseguido com as novas técnicas proporciona grandes excedentes, em escala inimaginável para as sociedades pré-agrícolas. Pela primeira vez na história da espécie humana, grandes setores da população podem dar-se o luxo de se libertar do trabalho produtivo. Isto dá lugar a aglomerações urbanas, a uma classe dominante e à criação de um estado com poder central sobre vastas camadas trabalhadoras camponesas. Delas vivem as classes dominantes, sob a forma de impostos, trabalhos forçados ou até escravidão.

Os escravos são o produto do aperfeiçoamento militar e, portanto, da conquista de povos mais fracos. Muitas vezes as sociedades agrárias possuíam classes inferiores consideradas degradadas ou imundas, tais como os párias na índia, que eram encarregados dos trabalhos mais pesados e humilhantes, como a curtição de couros ou o trabalho com carcaças animais, cadáveres e esterco.

O crescimento da população produz também um excedente de gente que não pode compartilhar da divisão ou do trabalho da terra. Por causa da enorme competitividade para ampliar as propriedades, os mais capazes conseguem tomar as terras dos menos aptos, e surge então um imenso exército de mendigos, ladrões de estrada, migrantes sazonais e criminosos. Embora desprezadas e quase à beira da fome, estas massas formavam um enorme exército de reserva, que de tempos em tempos podia assumir certas tarefas

em fases de maior necessidade de mão-de-obra.

Além destas, as sociedades agrárias possuem também classes médias encarregadas das trocas dos excedentes do comércio. Embora de pouco prestígio, estas atividades produziam considerável riqueza.

Uma classe de maior prestígio era aquela composta dos que serviam diretamente à classe dominante, tais como os empregados pessoais ou soldados. Sua missão era servir de intermediária entre a expropriação dos excedentes dos camponeses em favor das classes dominantes, o que incluía também a cobrança de impostos, aluguéis ou até a tomada pela força. Daí a emergência de um aumento de burocratas médios.

As classes mais privilegiadas constituíam-se dos que governavam o Estado e comandavam as forças militares; eram fabulosamente ricos. Ao lado destas, colocava-se a classe sacerdotal, que tinha a missão de legitimar a ordem estabelecida e controlar as massas a partir da manipulação da relação humana com a transcedência. São os sacerdotes os representantes de Deus ou dos deuses.

Acima de todos vinha o rei, supremo soberano por direito divino ou ele mesmo, nas sociedades mais antigas, a encarnação de um deus. Até hoje, no século XX, o imperador do Japão é considerado deus.

Tudo isto significa que as sociedades agrárias possuíam uma estrutura de desigualdade extremamente bem montada que mais tarde veio a ser a sociedade de classes, e cuja lei interna vinha a ser a exploração de uns poucos sobre muitos.

As sociedades agrárias são muito mais complexas do que as que as antecederam. Suas comunidades aumentam enormemente de tamanho; o trabalho especializado emerge junto com um Estado cada vez mais centralizado, e a dominação imperial passa a depender basicamente dos transportes e da comunicação. Por ser o Estado altamente centralizado, há sempre uma contínua luta entre governantes e governados,

bem como entre os diversos estados. A guerra instala-se no coração das sociedades agrárias, e, com ela, a escravidão dos povos conquistados. Na Turquia antiga, por exemplo, o sultão era tão poderoso que mesmo os seus assistentes mais próximos eram seus escravos pessoais, ao passo que na Europa medieval os reis tinham menos poder que o poder absoluto do senhor feudal sobre seus súditos.

As religiões das sociedades agrárias refletem a situação social e econômica maior. São todas elas universalistas — cristianismo, judaísmo, hinduísmo, budismo e islamismo —: um deus masculino reina sobre todo o universo, e os que não seguem as suas leis têm que ser conquistados e escravizados.

À medida que o Estado vai se tornando mais poderoso, decresce o poder das famílias e do sistema de parentesco. As funções políticas e econômicas são realizadas pela classe, e não mais pela família. A herança passa mais de indivíduo para indivíduo do que para os clãs. As famílias extensas se dividem em famílias menores. Conforme a produtividade das mulheres declina, dimini também a poliginia. Apenas a China é uma exceção a este sistema. A cultura de anoz é um incentivo à poliginia e ao controle da sociedade pelos antigos sistemas de parentesco. Os casamentos nas sociedades agrárias são feitos por interesses de alianças entre setores da sociedade e as grandes famílias. Era através do casamento que a mulher, segregada apenas ao ambiente doméstico, adquiria algum *status.* Esperava-se que ela fosse frígida e não tivesse laços emocionais de proximidade com o marido. Na educação das crianças, eram enfatizadas a disciplina e a obediência em detrimento da afeição, que deveria ser controlada desde a mais tenra infância. Nas classes mais pobres, as crianças começam a trabalhar desde muito cedo. A socialização é altamente segregadora dos sexos. Às meninas eram ensinadas a arte doméstica e as de manipulação dos homens, e aos meninos, as profissões de seus pais, a iniciativa e a coragem.

Assim, nas sociedades agrárias, a estratificação de classes vem juntamente com a estratificação dos sexos. A subordinação da mulher c maior nas sociedades agrárias do que em qualquer outra. As mulheres são reduzidas ao domínio do privado e perdem todas as suas funções econômicas. Sua função agora é ter filhos e educá-los. Quanto mais braços, mais gente para arar a terra e mais soldados para os exércitos.

O trabalho econômico das mulheres das classes menos favorecidas é considerado secundário e apenas para valor de uso: tecer, costurar, criar pequenos animais, processar o produto colhido pelos homens etc., embora fossem trabalhos absolutamente necessários para a sobrevivência de todos.

Declinam os trabalhos em massa de mulheres, e com este declínio decresce a solidariedade entre elas, cada uma lutando por si, competindo com as outras pelo melhor provedor como marido.

Além disso, nas sociedades agrárias, a sexualidade das mulheres era controlada, mas não a dos homens. Ora, isto deu origem a uma dupla função sexual das mulheres: a esposa, casta, frígida, considerando o sexo como pecado e sujo, e por outro lado a prostituta, especialista nas artes sexuais, em geral oriundas dos povos conquistados ou de classes mais pobres. Aparecem então sob o patriarcado as mulheres privadas e as mulheres públicas.

Estas sociedades constroem elaborados sistemas religiosos, morais e legais justificando os estereótipos femininos e masculinos. Enfatiza-se religiosa, legal e moralmente a inteligência, a liberdade masculina, bem como a sua supremacia no domínio público e da história. Por outro lado, a mulher é considerada emocional, menos sublimada, dedicada inteiramente ao amor do marido e dos filhos e incapaz de assumir papéis econômicos e políticos, precisando portanto da proteção, orientação e supervisão dos homens em quase todos os domínios.

Esta introdução sobre a natureza de todas as socieda-

des agrárias nos permitirá agora abordá-las do ponto de vista histórico. Analisemos alguns casos como Egito, Grécia, Roma, as sociedades européias, e, também, as que continuam neste estágio agrário ainda no século XX, tais como a índia, e o Brasil, para só então nos determos sobre as características das sociedades que sucederam as sociedades agrárias, isto é, as sociedades industriais.

Contudo, só nos deteremos naquilo que se conhece em relação à mulher, que é a nossa finalidade, pois da história masculina já se disseram todas as palavras.

11

Os Grandes Impérios da Antiguidade

Egito

O Egito já era uma velha civilização dois mil anos a.C. Nos tempos mais remotos, contudo, parece que a cultura e a civilização egípcias eram matricêntricas e matrilineares. As máximas de Ptah-Hotep (3200 a.C.), talvez as mais antigas já conhecidas, ordenavam que os homens obedecessem às suas mulheres. Embora esta situação não tenha durado três mil anos, no primeiro século a.C. Diodorus Ciculus, romano em viagem ao Egito, escreveu que os homens obedeciam às suas mulheres e que isto levava aos mais felizes arranjos.

Nos primeiros tempos, o trono passava segundo a linha matrilinear, e, embora pareça ter havido estratificação de classes, os túmulos mais antigos mostram igualdade entre homens e mulheres. Havia grandes sacerdotisas, negociantes e guerreiras. Foi uma rainha — Ahotep — que, em

1554 a.C., rechaçou a invasão dos hicsos. Com o correr do tempo, no entanto, a condição da mulher foi diminuindo. Os faraós construíram para si túmulos que desafiaram os séculos, mas na família real eram irmão e irmã que reinavam juntos. Isto durou até o primeiro século a.C. quando uma rainha, Cleópatra, esposa de seu irmão Ptolomeu, veio a ameaçar a hegemonia do Império Romano. Sua figura, que chegou até nós através dos romanos, que a odiavam e temiam, veio distorcidas, mas um historiador inglês, Sir William Tarn, escreveu: "Roma, que nunca condescendeu em temer nenhuma nação ou povo, em toda a sua história só temeu duas pessoas: uma foi Aníbal, e a segunda foi uma mulher."

Ao contrário do que chegou até nós, ela não usou sua beleza para seduzir os donos do mundo e obter o poder absoluto, mas foi uma guerreira. Defendeu seu país com a própria vida. Os romanos só conseguiram dominar o Egito depois que ela morreu.

Quinze séculos depois, em O *Martelo das Feiticeiras* (Malleus Maleficarum), o* livro escrito pelos inquisidores que se tornou o manual da morte e do julgamento das mulheres, Cleópatra era citada como a bruxa mais maléfica que o mundo já teve.

E hoje sabemos o que isso quer dizer...

Grécia

A cultura e a civilização grega sofreram forte influência da cultura e civilização cretense minóica. Devido à inexistência de guerras, à pouca pressão de população e à forma de obter alimento (através da horticultura), Creta nunca chegou a ser uma civilização plenamente agrária, embora tenha sido bastante avançada. A civilização minóica era

*Editado no Brasil pela Editora Rosa dos Tempos

matrilinear e matrilocal. Pinturas e afrescos mostram mulheres dirigindo navios, comerciando, plantando, mulheres sacerdotisas etc. Esta civilização, que durou de três mil a mil e seiscentos anos a.C., pereceu instantaneamente por uma enorme erupção vulcânica e mais tarde foi invadida por um povo agressivo e militarista*, os egeus, um povo grego da região de Micenas. Foi este mesmo povo que invadiu Tróia em 1254 a.C. A figura de Helena de Tróia, a rainha adúltera que provocou esta guerra, tal como Cleópatra, chegou até nós deturpada. Ela foi considerada a culpada pela invasão de Tróia e pela morte de milhares de homens, mas a guerra aconteceu porque os gregos queriam invadir a Ásia Menor. Helena nada mais era que uma mulher que transgrediu os padrões de sua época e foi capaz de viver plenamente o seu corpo e a sua sexualidade. Por isso também foi considerada uma das mulheres mais perigosas de todos os tempos.

E a história foi continuando o seu curso. Cinqüenta anos depois da guerra de Tróia, os dórios, por sua vez, arrasaram os egeus. E nesse tempo Minos e Creta já não eram mais do que uma lembrança.

Muitos povos independentes formavam o povo que hoje chamamos grego e viviam em cidades-estado durante o tempo em que durou o esplendor desta civilização. A história grega se divide em três partes: a primeira, chamada arcaica, foi do oitavo ao sexto século a.C.; o período clássico, do sexto ao quarto, e a terceira, chamada helenística, foi do quarto até a tomada da Grécia pelos romanos.

O período arcaico foi um período de grandes lutas intestinas entre os senhores da terra. Os papéis sexuais enfatizam o caráter guerreiro dos homens e o das mulheres como produtoras de guerreiros. Nesse tempo, já a esfera doméstica era completamente separada da esfera pública. As mulheres eram usadas para solidificar alianças entre as famílias mais poderosas. E como este tempo era também um tempo de grandes pressões populacionais, era comum o infanticí-

Helena de Tróia — mulher-símbolo entre o matricentrismo e o patriarcado

dio, principalmente de meninas. Em Atenas, as mulheres casadas estavam firmemente atadas à esfera doméstica. Nas casas dos poderosos havia um recinto reservado para os homens e outro para as mulheres — o gineceu. As mulheres pobres e as escravas eram as únicas que podiam sair às ruas fora dos ritos sagrados e dos funerais, única ocasião em que era dado à mulher sair fora da casa.

Na Grécia, a frigidez era institucionalizada. As mulheres "boas" não deveriam demonstrar nenhum interesse pelas coisas do sexo e submeter-se a seus maridos porque era seu dever produzir filhos. Concomitantemente, isto trazia o duplo padrão da sexualidade feminina. Como a sexualidade da esposa era controlada e a do homem não, as escravas e as prostitutas eram também sexualmente exploradas. Era sinal de *s.tatus* para um homem ter como escrava a esposa ou a filha de um chefe vencido. As mulheres, pois, passaram a ser propriedade sexual dos homens, e o prestígio masculino se media na proporção em que este era capaz de controlar a sua propriedade.

Já em Esparta a posição da mulher era bastante diferente. As meninas eram educadas junto com os meninos em atividades guerreiras. A sociedade espartana era altamente militarista; isso afastava os homens da cidade durante longo tempo, o que dava bastante autonomia às mulheres, embora não tivessem os mesmos direitos políticos que os homens nem fossem por eles consideradas iguais. Esta maior liberdade das mulheres em Esparta refletia-se até na maneira de vestir. Enquanto as espartanas vestiam-se com túnicas curtas que lhes davam grande agilidade de movimentos, as atenienses usavam volumosas e complicadas túnicas e penteados que lhes atrapalhavam a ação.

Durante este período arcaico, a homossexualidade era muito difundida entre os homens, seja pela reclusão das mulheres, seja pelas grandes jornadas militares que eles eram obrigados a fazer. A homossexualidade feminina, de que a poetisa Safo foi o maior símbolo, não podia acontecer em

uma sociedade como Atenas, onde as mulheres eram degradadas e umas eram rivais das outras em busca dos melhores provedores, mas sim em Lesbos onde a sociedade aceitava tanto homens como mulheres e os educava conjuntamente, e onde era permitido guardar na maturidade os mesrnos laços adquiridos desde a infância.

À medida que a história grega foi evoluindo, a Grécia foi saindo do período arcaico e entrando na era clássica, seu poder foi se reforçando e, com ele, a estrutura de classes. A condição da mulher, então, foi se tornando cada vez pior. No século VI a.C., Sólon, com seu Código de Leis, tornou ainda mais rígida a condição feminina. A propriedade do marido era absoluta, indo ao extremo de o pai poder vender como escrava ou prostituta a filha que perdesse a virgindade, mesmo que esta perda fosse devida a estupro. Sólon estabeleceu, também, bordéis de propriedade do estado, para tornar Atenas mais atraente para os estrangeiros. Limitou ainda a quantidade de jóias, vestidos e alimentação que as mulheres livres poderiam ter. Restringiu seus passeios na rua, a fim de limitar também a exibição de riquezas de maridos poderosos através de suas filhas e mulheres enfeitadas andando pelos lugares públicos.

Sólon, que era homossexual, considerava as mulheres uma fonte de discórdia entre os homens, e tentou resolver este problema pelo estrito isolamento feminino dentro do domínio privado. As mulheres dos cidadãos só podiam servir ao estado produzindo uma descendência masculina que lhes perpetuasse a linhagem patricêntrica e patriarcal. E os cidadãos homens deveriam servir ao estado através de seus papéis políticos e militares. A autoridade do pai passava para o marido ou para o filho mais velho, caso a mulher não se casasse. Não era incomum na Grécia que as mulheres se casassem várias vezes, devido à freqüência das guerras entre os povos gregos e também devido à grande diferença de idade entre marido e mulher. Meninas de doze anos não raro casavam-se com homens de mais de trinta ou quarenta anos.

Quando a mulher cometia adultério, era rejeitada pela sociedade e punida severamente, perdendo seus direitos de cidadã. O marido podia matar o sedutor ou exigir dele uma multa, mas muitas vezes a mulher podia até ser vendida como escrava, porque era considerada uma "propriedade arruinada". Na Atenas clássica, as relações entre homens e mulheres não deviam ser de ordem afetiva nem de proximidade emocional. As mulheres eram analfabetas e isoladas. O único tipo de mulheres a quem eram dadas educação e alta sofisticação eram as *hetairas*, as únicas mulheres não-estereotipadas da sociedade grega. Somente elas eram capazes de conversar no mesmo nível dos homens e prover companhia de alta classe aos seus amigos. Muitas até eram prostitutas de elevado nível, mas a maioria não era. Muitas freqüentavam a Academia e o Liceu, como Astenia e Axiotéia, alunas de Platão, e muitas outras foram até cientistas que contribuíram para o progresso do conhecimento grego. Inúmeras eram poetas, como Safo e Corina; outras possuíam grandes conhecimentos de enfermagem ou culinária. Embora os homens apreciassem a sua companhia, seus sentimentos para com elas eram ambivalentes, pois eram a prova viva de que as mulheres não eram seres assim tão degradados e ignorantes.

Apesar da existência das hetairas, a sociedade grega era misógina e sexista. Aristóteles considerava "natural" a inferioridade da mulher em relação ao homem, e até o século XIX de nossa era pensava-se que o útero feminino fosse um receptáculo vazio que recebia o sêmen masculino e que somente este trabalhava para dar origem ao novo ser humano. E, ainda mais, que o feto masculino adquiria alma aos quarenta dias, e o feminino, aos oitenta. Só quando em 1827 foi descoberto o processo da ovulacão, o pensamento ocidental, até então baseado nas provas "científicas" de Platão e Aristóteles, começou a questionar as idéias tradicionais sobre o sexo feminino.

No período clássico, as crianças eram educadas de ma-

neira oposta. Os meninos para a criatividade, o domínio público e um forte adestramento físico e mental. Das meninas exigiam-se silêncio, passividade e bom desempenho nos afazeres domésticos.

O ressentimento das mulheres por sua reclusão e baixo *status* refletia-se na maneira como se ligavam aos filhos meninos. Ao mesmo tempo, amavam-nos e odiavam-nos por tudo aquilo que eles tinham e elas não podiam ter. E como tudo isto ocorria numa cultura que desprezava as mulheres, estes sentimentos serviam para produzir homens que tinham medo das mulheres, especialmente das mães, o que reforçava ainda mais a separação entre os sexos e a misoginia cultural. Os homens preferiam a companhia de outros homens, procuravam estar o mais possível fora de casa e evitar tudo que fosse feminino. Assim, espalhava-se a homossexualidade. Os homens preferiam a relação anal com jovens efebos ao ato sexual com mulheres ou até outros homens adultos, pois os rapazes eram ao mesmo tempo homens e possuíam a fragilidade necessária para serem dominados. Quando se tornavam homens, por sua vez, os jovens que não podiam ser mais passivos tornavam-se excessivamente agressivos, tais como os homossexuais típicos da década de 60, que usavam roupas de couro negro e eram muito agressivos. Assim, quando um grego adulto tinha relações com uma mulher, podia evitar qualquer envolvimento emocional com ela e, portanto, evitar sentir-se dominado pelo ser tão temido.

O terceiro período da história grega, chamado de período helenístico, inicia-se com a conquista da Grécia por Felipe, rei da Macedônia e pai de Alexandre, o Grande. A perda de poder dos senhores da Grécia trouxe consigo também a perda paulatina de poder sobre suas mulheres e filhas. Pouco a pouco, neste período da história grega, elas foram conseguindo acesso ao domínio público. Volta a idade das mulheres poetas e participantes da política. As relações entre os dois gêneros tornaram-se mais próximas, e

muitas vezes os casamentos se faziam por amor, ou então se desfaziam por este mesmo motivo. E, embora as mulheres ainda continuassem excluídas da plena cidadania, muitas conseguiram cargos e até controle de grandes fortunas e propriedades.

Este exemplo do envolvimento na política e na economia veio das rainhas e princesas macedônias. Na ausência dos reis, as rainhas tinham poder absoluto de decisão. Embora não pudessem exercer plenamente o poder por si mesmas, as rainhas e princesas macedônias eram peças importantes nos jogos políticos. Contudo, nestes tempos, nenhuma mulher podia ter uma igualdade completa com a condição do homem.

Roma

Assim como se crê que historicamente a civilização grega tenha derivado de culturas matricêntricas tais como a de Creta, também se pensa que os etruscos, de quem se originaram os romanos, eram matrilineares e matrilocais. Suas mulheres eram sexualmente livres: belas, atléticas e boas bebedoras. Educavam filhos e filhas de maneira igual. Nas raras inscrições deixadas pelos etruscos, muitas vezes se relembra os nomes das mães e não os dos pais dos mortos. No entanto, o que quer que tenha acontecido, os romanos, povo que sucedeu aos etruscos, desde o início, possuem documentos descrevendo-os como pomposos, solenes e rigidamente honestos, qualidades que mascaravam a sua agressividade mais profunda.

Roma parece ter sido fundada no século VII a.C. pelos gêmeos Rômulo e Remo, que sobreviveram alimentados por uma loba. Nos primeiros tempos foi uma monarquia e depois uma república, governada apenas pelos senhores de terras, únicos cidadãos livres. Em 25 a.C. tornou-se um império. Roma nunca foi governada por uma mulher, e não se tem memória de uma deusa-mãe originária.

Desde o seu início, Roma envolveu-se em guerras internas e externas, principalmente as Guerras Púnicas contra Cartago no século III a.C. Ao tornar-se o maior império da antiguidade, Roma iniciou também os processos urbanos de mercado. Este império caiu em 509 d.C., sob o peso de sua própria desagregação interna, como veremos adiante.

Antes das Guerras Púnicas, Roma era uma sociedade fortemente patriarcal. O chefe de família *(J?aterfamílias)* tinha direito de vida e de morte sobre todos os membros do clã. Tinha o direito de matá-los ou vendê-los como escravos ao seu bel-prazer. Um recém-nascido só era aceito na família se o pai o permitisse. Caso contrário, podia ser morto ou entregue a algum mercador de escravos.

Nos primeiros tempos de sua história, Roma era uma sociedade agrária que gerava produtos apenas para a sua subsistência. Como atualmente ainda acontece em muitas sociedades camponesas, a família extensa era auto-suficiente. Produzia desde comida, roupa, até a própria habitação.

Nesses tempos, nem mesmo as classes dominantes escapavam do trabalho. Todos os homens e mulheres estavam pesadamente envolvidos no trabalho produtivo. Os casamentos eram monogâmicos tanto para homens como para mulheres, e estas se casavam de acordo com os dotes que seus pais lhes atribuíam. O adultério era punido muito severamente para as mulheres e menos duramente para os homens. A virgindade era altamente apreciada. Maridos e pais tinham o direito de matar filhas e mulheres não-castas.

A esta forma de casamento sucede-se outra, chamada casamento *sine manus*, em que o pai controlava a vida da filha mesmo depois de casada. Ele podia dissolver o casamento desta e chamá-la de volta para casa. Os filhos homens eventualmente podiam conseguir a independência econômica. As filhas, nunca.

Isto dava à mulher uma situação melhor do que a que teria sob a guarda do marido. Estando sob a autoridade do pai, que morava em outro local, o marido que a vi-

giava não tinha autoridade formal sobre ela. Se a mulher achasse intolerável a vida com o marido, podia retornar à casa paterna. Por outro lado, seu dote não podia ser usado ao arbítrio do cônjuge, o que a protegia de uma submissão total.

A falta de reconhecimento da mulher como indivíduo refletia-se no fato de ela não ter nome próprio. Por exemplo: se seu pai se chamasse Júlio, seu nome seria Júlia. Quando havia mais de uma filha, eram conhecidas como Júlia a mais velha e Júlia a menor, ou Júlia primeira e Júlia segunda, e assim por diante. Ao contrário, os filhos homens possuíam nomes individuais. Todo o sistema romano foi construído para mostrar que as mulheres eram parcelas anônimas e sem importância de família maiores.

No entanto, embora não fosse reconhecida como indivíduo, a mulher romana dos primeiros tempos não era reclusa. Participava do trabalho e podia sair quando preciso para fazer compras, visitas, ir ao teatro, passear etc., bem como para participar de reuniões políticas. As mulheres eram educadas quase da mesma maneira que os homens.

Freqüentemente os homens ficavam ausentes muito tempo, e a maioria deles morria nas guerras. Assim, as mulheres às vezes podiam herdar grandes fortunas ou propriedades e podiam burlar o sistema de guarda, escolhendo um guardião que pudessem manipular. Assim, quando começa o período republicano seguinte, muitas mulheres possuíam grande poder econômico e político.

O sucesso na guerra concentrou também o poder político nas mãos dos líderes militares romanos. Depois das Guerras Púnicas, flui para Roma um imenso contingente de escravos, o que dá origem a uma grande concentração de poder. Como o trabalho manual era feito pelos escravos e as mulheres das classes dominantes não participavam da política, elas tinham todo o tempo livre. Mesmo a criação dos filhos era entregue a escravos e tutores. A educação passou paulatinamente de rígida a indulgente para com as crianças.

Messalina — uma imperatriz devassa que morreu por amor

Quanto mais ricas ficavam, mais as classes dominantes se tornavam extravagantes, o que deve ter contribuído significativamente para a decadência do Império Romano: muito luxo e pouca vontade de trabalhar. Com o correr do tempo, isto levou a uma vida sexualmente dissipada para homens e mulheres.

No entanto, todo este poder e esta liberdade das mulheres não faziam senão exaltar o sentimento misôgino da cultura romana. Era comum os grandes escritores vituperarem contra as mulheres. Quanto mais inseguros ficavam os homens em relação às mulheres, mais poder eles se atribuíam a si mesmos. E as mulheres eram vistas como bodes expiatórios de todas as falhas e males humanos. Mesmo os poetas que cantavam o amor muitas vezes cercavam este amor de sofrimento e morte, chegando à conclusão de que o amor e a mulher eram perigosos para o homem.

Para as classes pobres, havia muito desemprego e miséria em Roma. Era grande a instabilidade social. Durante certo

período, o governo distribuía trigo grátis aos homens, mas não o suficiente para sustentar as mulheres; contudo, como se supunha que estas deveriam produzir soldados, outra vez havia discriminação das meninas em relação aos meninos.

No início do esplendor e da decadência do Império Romano, o casamento e a família entre as classes dominantes foram perdendo a estabilidade que caracterizou as primeiras épocas. O divórcio foi se tornando cada vez mais trivial. Era comum o concubinato, principalmente para os homens que desejavam parceiras das classes mais baixas. Os homens tinham acesso às escravas e prostitutas porque a lei só protegia as cidadãs. As leis de divórcio continuavam severas para as mulheres, mas apenas nominalmente. Muitas matronas romanas, para fugir às penalidades e proteger seus amantes, registravam-se como prostitutas legais. Mais tarde, contudo, esta prática foi proibida. E desta época a lembrança de Messalina, mulher do Imperador Cláudio, considerada uma das mulheres mais devassas da história, que todas as noites ia entregar-se aos trabalhadores manuais no bairro portuário de Suburra. Mas que foi morta pelo marido não pela sua prostituição e, sim, porque ousou amar outro homem...

Durante este período, a taxa de casamentos e nascimentos caiu verticalmente, chegando a ameaçar a população de cidadãos e chefes militares. O estímulo ao casamento e à procriação veio em uma lei que libertava as mulheres cidadãs da guarda dos pais e maridos caso tivessem e educassem ao menos três filhos, ou cinco para as mulheres de classe inferior. Isto no entanto não impediu o declínio das famílias nas classes superiores.

Uma das razões pelas quais a família perdeu terreno foi o ter perdido a maior parte de suas funções numa sociedade urbana de mercado. A família extensa e o*paterfamilias* não eram mais o centro da produção, da educação, da política e da economia. As pessoas podiam viver isoladamente sem necessidade das estruturas familiares, o que mi-

nou grande parte do controle da família e da sociedade sobre os seus membros.

Assim, o cristianismo pode surgir e difundir-se no Império Romano.

O Cristianismo no Império Romano

Em seus primórdios, o cristianismo era uma religião que pregava a libertação dos escravos, isto é, dos oprimidos do Império Romano. E estes escravos não eram nada menos que oitenta por cento de toda a população do Império. Nos seus três primeiros séculos de existência, o cristianismo difundiu-se e organizou as massas populares em torno de um Deus que prometia a bem-aventurança eterna aos sofredores e o inferno aos que gozassem dos bens desta terra. Durante este período, cresce um sentido comunitário entre as pessoas e, portanto, entre homens e mulheres.

O cristianismo era então menos misógino do que as outras grandes religiões: o judaísmo, o budismo, o hinduísmo e o confucionismo e mais tarde o islamismo, porque todas elas haviam nascido em sociedades mais agrárias, ao passo que a Roma urbana e avançada aproximava-se mais da economia de mercado capitalista. Porém, quando os cristãos ajudaram a derrubar o Império Romano a partir do seu interior, minando-o de dentro para fora, novas culturas bárbaras haviam ocupado o espaço deixado pela cultura greco-romana. E as mulheres foram pouco a pouco perdendo a participação ativa e igualitária que haviam conquistado na nova religião.

Os primeiros cristãos romperam com os papéis sexuais tradicionais e advocavam como estado perfeito de vida o celibato. Estes novos papéis, que se afastavam da família convencional, eram bastante atraentes para as mulheres das classes populares, sobrecarregadas com o trabalho doméstico e o externo à casa. No começo, a perseguição das autori-

dades era feroz, e muitos cristãos pereceram martirizados, inclusive mulheres de famílias dominantes que, pouco a pouco, também foram atraídas pela nova religião.

Nos primeiros séculos, homens e mulheres celibatários dedicavam-se inteiramente ao serviço de Deus, e isto era uma promoção enorme para as mulheres. Mosteiros foram sendo criados, principalmente depois que o cristianismo se tornou a religião oficial do estado. Nesses mosteiros, as mulheres tinham um destacado papel e muitas vezes eram consideradas com dignidade tão grande quanto a dos bispos. A partir desta época, a administração do cristianismo foi pouco a pouco se tornando autoritária e centralizada, e eram apenas estas mulheres religiosas que podiam ter algum desenvolvimento intelectual e de sua capacidade de decisão.

No entanto, como os padres da Igreja eram homens e rejeitavam o corpo, e, portanto seus desejos sexuais, o misoginismo foi crescendo na Igreja. Este sistema antimulher considerava o estado do casamento inferior ao do celibato. A mulher virgem passou a ser admirada, e a Virgem Maria tornou-se o modelo de todas as mulheres. Embora a Igreja nascente tenha sido, em seus primórdios, libertadora da mulher, era agora a força mais importante e profunda para intensificar a sua submissão.

12

A Idade Média

Existem muito poucos documentos a respeito dos primórdios da Idade Média. O Império Romano fora derrubado por hordas de povos pastoris e horticultores nômades. Povos diversos conquistaram áreas diversas, onde introduziram seus próprios costumes. Os germanos misturaram seus costumes arcaicos com os dos mais modernos romanos. E como nestes tipos de sociedade as mulheres tinham menos isolamento que as romanas e as gregas, no princípio da Idade Média elas se tornaram mais participantes do que nos séculos posteriores.

Em geral, as mulheres estavam sob a guarda dos pais, tendo que passar virgens para a guarda dos maridos. Tanto a transgressão da virgindade como o adultério eram punidos com a morte, uma vez que a propriedade se transmitia através da linhagem, e esta não podia ser ‘ ‘impura’ ’. A mulher não herdava diretamente, e as terras conquistadas eram entregues aos mais valentes guerreiros. As mulheres virgens eram altamente valorizadas, e por isso as multas pelo de-

floramento eram o dobro das multas pela morte de um guerreiro. E a multa por rapto era nove vezes mais pesada do que o preço normal do dote de uma noiva, o que desencorajava os raptos de mulheres virgens. Nessa época, era comum o infanticídio de meninas, o que tornava as mulheres uma mercadoria escassa, incentivando assim os homens que não se casavam a procurar e lutar por terras e a se empenhar em guerras, dado o alto preço das noivas.

A falta de mulheres conservou baixa a natalidade, mas a sua escassez não as tornou mais poderosas, apesar do seu alto preço como mercadoria. Os maridos podiam bater nas mulheres, e esperava-se que estas os agradassem, mas não se esperava o mesmo dos maridos em relação às mulheres. De fato, a escassez de mulheres era em parte resultado da violência dos homens contra elas nos primórdios da Idade Média. Assim, provavelmente, o intenso grau de guerras intestinas impediu as mulheres de alcançarem um *status* de decisões mais elevado.

A dicotomia público/privado começou a emergir de novo no início da Idade Média. Em geral, as mulheres fiavam, teciam, cuidavam dos animais e das hortas, enquanto os homens faziam o trabalho agrícola mais pesado e as guerras. As senhoras de alta estirpe, contudo, na ausência dos maridos, eram obrigadas a gerir suas vastas propriedades. Assim, o papel econômico das mulheres expandia-se ou se contraía com a presença ou ausência dos homens, e a ausência era mais comum. Muitas vezes, as mulheres mais pobres eram obrigadas a participar da lavoura pesada. E isto era tão freqüente que incluía as mulheres que assumiam o controle dos domínios de seus maridos que eram padres.

A partir de meados do século X até fins do século XII, era muito difundido então usar o nome da família da mulher, e não o do marido. As mulheres das famílias reais, inclusive, eram peças de porte no jogo de xadrez político e econômico da época. Muitas vezes, crianças de dez ou doze

anos representavam papéis destacados nas gestões diplomáticas de junção ou separação de reinos.

Assim, as mulheres nos primeiros tempos da Idade Média eram importantes reservas de força de trabalho, manipuladas de acordo com os desejos e as necessidades dos homens. Isto fazia com que, embora experimentando altos e baixos do poder, o *status* das mulheres como grupo não se elevasse. E isto aconteceu justamente pelo fato de elas serem exército de reserva dos homens.

Ora, esta noção das mulheres como força de reserva de trabalho aplicou-se também ao âmbito da cultura. Estando os homens quase sempre ocupados em guerras e cruzadas, as mulheres passaram a receber melhor educação do que seus companheiros. Houve tempo em que eram as principais responsáveis pela transmissão e preservação da cultura. Assim, nos tempos em que os homens estavam presentes, a cultura era concebida como masculina: distrairia as mulheres dos filhos e do trabalho doméstico; no entanto, quando estes não estavam presentes, a cultura seria vista como coisa de mulher.

Outro domínio em que as mulheres foram influentes desde o início foi no interior da Igreja institucional.

No princípio, como muitas outras religiões, o cristianismo foi uma revolução contra o patriarcado. Como o budismo e o judaísmo, lutava contra a injustiça e impunha limites ao poder. Propunha também como penalidade da vida mortal sobre esta terra cheia de sofrimento o reino da transcendência. Organizando os oprimidos, o cristianismo foi decisivo para a queda do Império Romano. Procurar riqueza e poder era pecado essencial. Amor, misericórdia e justiça, os valores supremos. Todos eram considerados iguais, homens, mulheres, escravos e senhores, romanos e gregos... Foram então integrados os valores "masculinos' " (um reino estruturado com um certo tipo de poder) com os "femininos" (amor e misericórdia), mas para depois desta vida, o que permitia a sua manipulação através dos tempos: em épo-

cas de dificuldade prevaleciam os valores "femininos" e em épocas de ascensão, os "masculinos".

Assim, no começo, o cristianismo era matricêntrico, mas aos poucos foi se tornando patriarcal, no sentido em que fazia prevalecer a estrutura sobre o amor, submetendo o oprimido a valores postergados para depois desta vida. A casta dominante cristã desprezava não apenas a carne, as emoções, mas tudo o que estava associado a elas: a sexualidade, a mulher, o trabalho ao nível de subsistência, antes valorizado, a fim de justificar guerras santas, conquistas, reis, imperadores e, por fim, o poder dos poderes.

O papado foi o mais absoluto dos poderes que se conheceu na história da humanidade, pois o seu fundamento não era apenas a riqueza, mas a luta entre a vida e a morte, a manipulação do próprio sentido da vida num tempo sem esperanças. O prazer e as mulheres eram considerados culpáveis, porque afastavam o homem de Deus e da transcendência; eram portanto o pior dos pecados, pior do que a busca desenfreada do poder e da riqueza.

Mas dessa ambigüidade escapavam as mulheres celibatárias, uma categoria desconhecida até então por todos os povos. O celibato livrava as mulheres não só da sobrecarga da domesticidade e da reprodução como também do domínio masculino. As mulheres consagradas foram pouco a pouco construindo suas próprias estruturas nos primórdios da Idade Média, até que acabaram se tornando muito poderosas e influentes. Pouco a pouco, as abadessas foram se tornando muito ricas, governando vastos domínios, até o século IX, quando Carlos Magno formou o Santo Império, tornando-se senhor absoluto de boa parte da Europa.

Este se constituiu o primeiro grande movimento de centralização e controle dos tempos modernos, e foi feito em nome da transcendência.

Assim, os poderes locais, as identidades culturais e o *status* das mulheres na Igreja foram fundamentalmen-

te afetados. Carlos Magno queria excluir as mulheres de certos papéis. As diáconas foram proibidas de ajudar a missa, e as abadessas passaram a ser subordinadas aos bispos. As monjas foram, também, proibidas de educar meninos, com o pretexto da fraqueza de seu sexo e da instabilidade de suas mentes, e os meninos passaram a ser educados em escolas palacianas. Contudo, o Império Carolíngio caiu, e os mosteiros permaneceram. O irônico resultado de todo aquele tumulto foi que as meninas continuaram a ser educadas e os meninos foram se tornando analfabetos...

Após a morte de Carlos Magno, tanto na Igreja quanto no mundo secular as mulheres foram recuperando seu poder e sua influência. Algumas não só controlavam vastos domínios como também reuniam exércitos para ajudar os seus soberanos. Podiam também servir como representantes dos reis e do Papa, como, por exemplo, na Dieta Germânica, e participavam plenamente de atividades políticas e econômicas. Esta situação durou cerca de quinhentos anos, do século VII ao XII.

Na área da cultura, as mulheres eram tão ativas e competentes que uma monja do século X, Hroswitha de Gandersheim, foi considerada por cinco séculos o(a) único(a) escritor(a) da Europa.

A atividade das mulheres era tão importante que no século X, quando foi instaurado o celibato dos padres, este não foi obedecido, porque sem suas mulheres os sacerdotes não poderíam sobreviver. No entanto, o infanticídio de meninas era cada vez mais intenso naqueles tempos.

A Alta Idade Média: o Feudalismo

Depois do ano 1200, os laços de parentesco e família que faziam com que as mulheres pudessem ocupar o lugar de seus maridos, quando estes faltassem, cederam lugar ao

governo central e seu controle sobre a sociedade. Os pequenos feudos dispersos que prestavam vassalagem a um suserano e brigavam entre si pouco a pouco foram sendo substituídos por aquilo que se tornaram as nações como as conhecemos hoje: monarquias em que o poder era exercido em nome de Deus. E à medida que o poder ia sendo deslocado do setor doméstico dos castelos para o domínio público dos palácios, as mulheres iam perdendo o poder que ainda lhes restava, embora, apesar de tudo, com os controles sociais reforçados pela nova ordem, a violência exercida sobre elas — rapto, sedução, espancamentos, estupro — fosse decrescendo.

Ora, isto ajudou a diminuir a mortalidade feminina, e, conforme os progressos na área agrícola iam sendo inventados, estes permitiam que maior número de crianças do sexo feminino pudesse ser alimentado, transformando assim o *déficit* de mulheres em excedente.

O costume do infanticídio feminino diminuiu. Os altos preços pagos por uma noiva cederam lugar aos dotes pagos pelas famílias das moças às famílias dos rapazes. E as mulheres sem dote não podiam casar.

A medida que o poder público se concentrava só nas mãos dos homens, os nobres e reis deserdavam suas filhas e filhos menores para que as propriedades e os reinos não diminuíssem de tamanho, por serem tão divididos. A prática do direito de progenitura tomou o lugar do direito à herança de todos os filhos, independentemente de sexo.

Nesta época, a tradição oral foi substituída por leis escritas, onde os homens recebiam direitos e as mulheres, restrições. E os postos de estado, que só deviam ser preenchidos por homens, faziam com que fosse necessário educá-los. Isto fez com que o poder de educar passasse dos mosteiros e conventos para as escolas nas catedrais e universidades, onde as mulheres eram barradas. Agora que os homens tinham tempo e interesse, as mulheres foram excluídas da cultura e da política. A Igreja, também, centraliza-se sob a domi-

nação masculina. As grandes abadessas são sucedidas por burocratas e uma hierarquia masculina. E o ponto de inflexão disto ocorre por ocasião da reforma gregoriana, que, nos fins do século XI, enclausura as mulheres, diminui em muito a sua influência e dá início na Igreja a uma literatura cada vez mais misógina.

Como saída para suas frustrações, as mulheres começaram a interessar-se por movimentos heréticos, como os cátaros. Entre os séculos XII e XIII, elas se juntaram também em comunidades autônomas — o Movimento das Begutnas, grupos de mulheres leigas celibatárias que fugiam à dominação patriarcal e que, ao mesmo tempo, ameaçavam a autoridade masculina dos padres da Igreja.

A reforma gregoriana impôs, além disso, estrito celibato aos padres, o que reforçou ainda mais a misoginia já existente. A partir daí, as mulheres eram vistas como as descendentes de Eva, símbolos do pecado e da tentação. Paralelamente à ênfase em Eva, vai surgindo na Igreja um aumento do culto à Virgem Maria, e a progressiva elevação da figura da Virgem Mãe se dá ao mesmo tempo em que cresce o medo da mulher no seio da Igreja. E quanto mais a Virgem era exaltada, mais as mulheres comuns eram consideradas longe do ideal da mulher encarnado por ela. Não é pois de espantar que a caça às bruxas, que sacudiu toda a Europa do século XIV ao XVIII, tivesse começado neste período. E que estivesse centrada sobre a sexualidade feminina e, principalmente, nas relações sexuais das mulheres com o diabo.

13

A Caça às Bruxas

A partir do século XIII, desaparecem as grandes mulheres da Igreja. Abadessas como Hildegard de Bingen, Hroswitha de Gandersheim, Leoba e outras pertencem ao período anterior. E a própria Imperatriz Agnes e suas filhas Matilda e Beatriz de Toscana, que haviam ajudado o Papa Gregório VII a dar condições para que a reforma gregoriana pudesse realizar-se, foram, também, perdendo o seu *status* de estadistas. Inclusive Matilda era a proprietária do castelo de Canossa, onde o Papa Gregório VII deixou esperando nu no inverno o Imperador Henrique IV da Alemanha, dobrando assim o mais poderoso soberano de seu tempo.

As mulheres passaram, pois, a não ter mais direito a freqüentar universidades e a ensinar. Apenas na Itália e na Espanha, onde havia uma antiga tradição de mulheres intelectuais, estas podiam estudar lado a lado com os homens. E muitas delas se tornaram grandes agentes culturais de seu tempo. Ana Comnena, por exemplo, fundou uma escola

de Medicina em Constantinopla em 1083, estudou e praticou medicina e escreveu tratados de história. Trótula escreveu tratados de ginecologia e obstetrícia que permaneceram como os principais manuais desta matéria durante séculos; na Renascença, seus comentadores tentaram mudar-lhe o nome para Trotus, a fim de conferir autoridade aos seus ensinamentos, e também para torná-la conhecida apenas como a senhora Trot, autora de livros para crianças. Havia mulheres físicas em Salerno, advogadas em Bolonha, astrônomas na corte de Seliik etc.

Mas, com o correr do tempo, elas também foram afastadas. Os doutores da Igreja e da Universidade uniram-se num grande movimento para desqualificar e penalizar as mulheres médicas. Isto se inicia no século XII, e por volta do século XIV as mulheres foram proibidas de praticar a cirurgia na França. Na Itália, como também na França e em outros países, muitas mulheres judias que eram médicas foram penalizadas duplamente: por serem heréticas e por serem médicas. Muitas só conseguiam trabalhar quando encontravam um homem que se responsabilizasse por seu trabalho e ficasse com os créditos.

Nesta época, como já vimos, o feudalismo foi sendo substituído por um sistema de governo mais centralizado e mais burocratizado. Assim também o conhecimento, principalmente a teologia, que foi se tornando mais sistematizado, e sua "ortodoxia" ficou sendo de maior importância política.

Por esta época, a grande maioria dos que praticavam os cuidados de saúde eram mulheres. Fossem elas parteiras, curandeiras ou médicas, eram também as farmacêuticas e as cirurgias. Eram elas que manipulavam as ervas. Contudo, quem era treinado para as profissões médicas eram os homens, embora naquele tempo a medicina fosse tão mágica como o curandeirismo e mais matasse as pessoas do que as curasse. Sua teoria era baseada nos quatro "humores", e os médicos usavam magia e encantamentos, bem como

cartas astrológicas, para curá-los. E competiam com as mulheres, que conheciam as famílias que tratavam, dominavam milenarmente a química das plantas, o parto, o aborto, e os conhecimentos iam passando de mãe para filha, de geração em geração.

De tal maneira esta competição se agudizou que Paracelso, o pai da moderna medicina, em 1527 queimou publicamente o seu texto porque aprendera das feiticeiras tudo o que conhecia.

Contudo, a maioria das mulheres que curavam trabalhava gratuitamente ou por apenas o que as mantivesse vivas, não tentando fazer de sua profissão fonte de poder. Não obstante, este talento iria ser letal para elas.

Era a época da grande centralização de poder, que na Europa antecedera a criação das nações no sentido moderno do termo. Os Papas possuíam poder absoluto então. Eram capazes de criar ou destronar imperadores, mudar as fronteiras dos países e até lotear a vida eterna. Inocêncio III foi, em meados do século XIV, o mais poderoso dos homens dos últimos milênios. O conhecimento e o poder eram cercados de uma rigidez paranóica. A Igreja considera os elementos que não estavam totalmente sob o seu controle como não-ortodoxos e, portanto, dignos de extermínio. E foi o que aconteceu com estas mulheres, subversivas porque desafiavam uma corporação masculina nascente, a dos médicos, e também o poder do homem.

A perseguição às cirurgiãs e curadoras tradicionais ia aumentando à medida que ia se solidificando o poder médico. Ao menos centenas de milhares de mulheres morreram em quatro séculos. Muitos crêem que este número atinja a casa dos milhões. Hoje os historiadores e principalmente as historiadoras se aplicam em resgatar a memória das bruxas. Sua destruição foi um dos maiores genocídios da história da humanidade.

Com elas, o que restava do saber feminino é sufocado diante do saber científico masculino. A sexualidade femi-

nina cede e se submete à sexualidade masculina. A frigidez é a norma. Mulher orgástica a partir desta época até muito recentemente era ou prostituta ou tinha parte com o demônio. Só na segunda metade do século XX estas "verdades" vêm a ser questionadas, tanto na teoria como na prática.

É a partir da época da caça às bruxas que se^ fixam os papéis sexuais como os conhecemos até hoje, e o sistema econômico evolui para o mercantilismo e depois o sistema capitalista, sempre tendo em sua base uma cultura patriarcal em que não há lugar para a mulher como elemento autônomo. E assim, mais tarde, na Renascença, criam-se condições para se solidificarem as nações e também a sociedade de classes. Aparentemente parece exagerada a afirmação de que a caça às bruxas foi uma précondição para a solidificação do Estado moderno. No entanto, esta relação fica mais clara se pensarmos que um poder centralizado tolera muito menos as transgressões e exige corpos normatizados que não transgridam as normas. E, como vimos, a normatização correu frouxa na Idade Média, tão frouxa quanto o sistema político não-centralizado.

O trabalho que mais tarde viria a ser o trabalho da era de industrialização exigiria muito mais disciplina do corpo do que o trabalho agrário. E no fim da Idade Média e durante toda a Renascença, esse tipo de trabalho já começa a ser fabricado.

Assim, podemos já aqui antecipar que a normatização do corpo das mulheres através da caça às bruxas foi a condição básica para a produção e o nascimento do corpo dócil do operário do século XIX.

Para que se tenha uma idéia da dimensão deste holocausto, eis alguns números compilados pelos historiadores dos diversos países. Marilyn French, em seu livro *Beyond Power*, cita alguns deles:

"O epicentro das execuções das bruxas foi o Santo Império, especialmente no sudoeste da Alemanha, Baviera, Suíça e Áustria. Na verdade, as execuções tiveram início na Áustria. O sudoeste da Alemanha e a Baviera foram responsáveis por mais de três mil e quinhentas execuções cada. Na Polônia, a segunda área mais afligida por este flagelo, grande número de 'feiticeiras' foi queimado entre 1675 e 1720, muito depois que a caça às bruxas havia terminado no resto da Europa. Em algumas cidades alemãs, seiscentas bruxas eram executadas em apenas um ano; na área de Wurtburg, novecentas num único ano; em Como (Itália), mil; em Toulouse (França), quatrocentas foram queimadas num único dia. Na diocese de Trier, 1585, *duas aldeias foram deixadas apenas com uma moradora mulher cada uma.* Mesmo crianças eram acusadas e queimadas na fogueira. Em Londres, um escocês confessou que ele sozinho havia sido responsável pela morte de 229 mulheres, por cada uma das quais havia recebido vinte e um *shillings.*
E pouco consolo que ele também tivesse sido queimado. Estimativa do número de pessoas mortas na fogueira vai de pouco mais de cem mil a nove milhões."

Das pessoas executadas por bruxaria, cerca de 85 % eram mulheres e, em sua quase totalidade, mulheres pobres. Muitas delas eram velhas e viúvas ou solteironas, isto é, mulheres que não possuíam homens para as protegerem, e cujos pedaços de terra ou os poucos bens eram cobiçados por vizinhos. Muitas eram mendigas e eram mandadas queimar, em vez de serem alimentadas. Outras ainda, eram membros das seitas "heréticas" do tempo, que aceitavam mais que a Igreja católica a presença das mulheres. E assim como começou, esta história também acabou quatro séculos depois, durando do século XIV até o século XVIII. Mas, ao acabar na Europa, passou para o outro lado do Atlântico, vindo a terminar nas Américas somente no século XIX.

Esta paranóia e a histeria coletiva que é sua origem são da mesma natureza que o pavor masculino da mulher, prin-

Joana d’Arc — a mais famosa das bruxas

cipalmente da mulher menstruada nas culturas mais simples de que já falamos e cujo protagonista mais sofisticado foi Aristóteles, que dizia que uma mulher menstruada tinha o poder de empretecer os espelhos...

Em outras palavras, parece que foi preciso erradicar violentamente o feminino antes que o masculino pudesse construir a mais violenta máquina de dominação e destruição que a história humana já viu, o sistema capitalista. E o símbolo máximo desta tendência foi a execução da bruxa mais famosa da Idade Média: Joana d'Arc. Apesar de ter salvo a França do jugo dos ingleses, ela foi queimada viva simplesmente porque ousava usar roupas masculinas para conduzir os exércitos do seu país à vitória. Os homens, todos eles, do mais pobre ao mais poderoso, não podiam suportar o fato de uma mulher conduzida por um ideal de justiça pudesse competir com eles e desestabilizar as suas regras de conduta, mesmo que fosse para vencer... E muito menos uma mulher pobre, uma camponesa que se supunha fosse a mais submissa das mulheres.

O mais importante de notar-se, contudo, é que, ao mesmo tempo em que a mulher e o demônio dominavam o imaginário e a moral européias, desencadeava-se outro processo completamente inverso: a literatura do amor cortês, que colocava as mulheres das classes dominantes, principalmente as mulheres dos senhores de terras, num pedestal de pureza e idealização e fazia os cavaleiros cantarem o seu amor platônico por elas a fim de terem coragem nas batalhas. Mas podemos observar muito oportunamente que, enquanto o pedestal se escondia nos salões dos castelos, a fogueira queimava por toda parte, por todo canto da Europa.

As cortes de amor, como eram chamadas, apareciam em várias regiões da Europa a partir do século XII, sendo as mais importantes as de Leonor de Aquitânia e de sua filha Marie de Champagne. Nestas cortes compunham-se as *chansons de lais* e introduzia-se o conceito daquilo que teria muito mais tarde uma influência revolucionária na li-

teratura e nos costumes, o amor romântico. No entanto, na época em que foi concebido, o amor romântico contribuiu para barrar ainda mais a entrada do feminino na nova cultura que iria caracterizar a Renascença e a Reforma, ambas, como já vimos, formas ideológicas do emergente sistema capitalista que iria desaguar nas sociedades industriais avançadas.

Na época, o aviltamento da mulher, sua reclusão ao domínio do doméstico após vários séculos de grande influência no domínio público tornavam-nas amargas e frustradas. As mulheres aristocratas podiam dar-se o luxo de iniciar um movimento de aparente resistência a essa vertente. A criação poética, tanto de homens como de mulheres, era centrada no amor espiritual do jovem trovador ou do herói cavalheiro por sua dama. Um amor que não devia ser consumado carnalmente, mas sim levar ao êxtase espiritual, que seria a mediação entre o homem e Deus. Ao contrário do amor carnal e orgástico das feiticeiras, que levava ao demônio e era a perdição dos homens, este era a sua salvação, pois os fazia morrer heroicamente nas batalhas por amor às suas senhoras. Ao contrário das feiticeiras, mulheres e populares, estas eram de casta superior aos homens que as amavam. Eram, por isso, figuras estáticas e idealizadas, puras porque inacessíveis, ao contrário das bruxas.

E assim elas preenchiam o imaginário popular, impedindo homens e mulheres do seu tempo de ver o que estava sendo feito com a condição da mulher, enquanto o feudalismo ia declinando e a centralização política e econômica aumentando.

Depois da caça às bruxas, começa na maioria dos países, pouco a pouco, a ser vedado às mulheres o direito à educação, à herança, e, em muitos países, o acesso ao trono quando da inexistência de um herdeiro masculino. As viúvas passavam a ficar sob a guarda de outro homem da família e não podiam mais gerir suas propriedades. A partir de então e até muito recentemente, todas as mulheres passa-

ram a ser consideradas menores em termos jurídicos e políticos. E muito poucas ousaram transgredir os novos estereótipos que iriam ser a base da nossa sociedade moderna, tal o medo que nelas deixava a caça às bruxas.

Os romances de amor, que tinham como finalidade aparente e explícita humanizar uma cultura baseada sobre a guerra e a crueldade, a injustiça e a violência, reintegrar o feminino, a *gentillesse*, as boas maneiras, o respeito e a admiração pelas mulheres, na verdade tinham outro objetivo: mostrar os homens como seres dinâmicos e as mulheres como seres estáticos, quais princesas adormecidas ou cinderelas à espera do príncipe encantado. Era o homem o senhor de todas as iniciativas e de toda a criação, e a mulher, o esplêndido silêncio, o mistério, a imobilidade, a submissão, a aceitação, o acolhimento. E assim estavam prontas as bases para o que iria suceder do século XVI em diante.

14

A Renascença, a Reforma e o Capitalismo

Uma nova maneira de ser, novas relações econômicas, políticas, sociais e científicas, culturais e artísticas têm início a partir do século XVI.

Vários grandes eventos deram origem a esta fantástica virada humana. Entre eles conta-se, no século XV, a invenção da imprensa por Gutemberg, que democratizou as idéias e funcionou portanto como acelerador da história. Ainda no fim do século XV, as grandes navegações ampliaram os limites físicos do mundo medieval. No século XV, a descoberta do sistema solar por Giordano Bruno e Galileu (ambos condenados pela Inquisição) mostrou a falácia de uma religião e uma cultura centradas na supremacia do homem sobre o Universo. Esta ciência nova alargou também os limites mentais da Idade Média. O pensamento mágico e religioso é substituído pela racionalidade científica. O *Discurso sobre o Método*, de Descartes, inaugura uma nova era epistemológica.

A ciência nova, a nova tecnologia que dela emergiu, a nova epistemologia racionalista, trouxe também uma nova organização política para a Europa medieval. É neste período que nascem as nações como as conhecemos hoje. Na Idade Média, o continente estava dividido em uma infinidade de pequenos feudos independentes que se reuniam sob a proteção de um suserano, mas este não possuía uma autoridade centralizada e centralizadora. Esta centralização começa em meados do século XIV, e os novos reinos já estão consolidados em meados do século XVI. O feudalismo está então em decadência, e aparecem as formas incipientes daquilo que viria a ser o novo modo de produção capitalista. Assim, é a partir do século XVI que nasce o novo mundo que vem a desenvolver-se três séculos mais tarde.

O modo de produção capitalista distinguiu-se do feudalismo por inaugurar o sistema de propriedade privada dos meios de produção de mercadorias, e não apenas da terra. O capitalismo é precedido, a partir do século XVI, pelo mercantilismo, com seu comércio intenso de mercadorias compradas aos artesãos. Muitos mercadores, já a partir do século XI, em vez de comprar as mercadorias totalmente fabricadas, começaram a organizar linhas de montagem, administrando os artesãos dispersos que trabalhavam em casa e aumentando assim a produção, pois saía mais barato para eles mandar fazer os objetos por partes: uns cortavam, outros costuravam etc. Para isso era necessário dinheiro-capital, que eles possuíam.

Este movimento vai crescendo até o século XVIII, quando aparece uma invenção que virá a ter enorme importância e chegará a mudar até a própria estrutura da civilização ocidental: a máquina a vapor. Ela vai permitir, pela primeira vez na história da humanidade, domar a energia mecânica. Constroem-se as primeiras máquinas, que vão tornai possível a fabricação em série de bens de consumo (roupas, calçados, ou outros objetos). Não há mais uma linha de montagem de artesãos e, sim, de máquinas, das quais o operário se tornará apenas um apêndice.

Rainha Elisabeth I — deu o impulso inicial ao Império britânico

A partir daí, a energia mecânica passa a substituir a energia muscular humana, mudando radicalmente as relações do ser humano com seu trabalho e, por isso, com o meio ambiente, consigo mesmo e com os outros.

A revolução industrial foi preparada por este período do Renascimento e veio a se tornar, depois das sociedades agrárias, o primeiro grande salto qualitativo da humanidade. E, com a industrialização, nasce o capitalismo.

Constroem-se as primeiras fábricas, e à volta delas começa a juntar-se aquilo que viria a ser os grandes aglomerados urbanos.

Nas sociedades agrárias, durante milênios, as grandes massas de despossuídos da terra vagavam pelas estradas fadadas a morrerem ou no primeiro inverno, ou na primeira época de escassez ou na primeira guerra que se realizasse. Agora, estas massas já não morrem mais.

Por piores que venham a ser o seu salário e as suas con-

dições de miséria, elas *vivem*. E as populações crescem. Em meados do século XIX, a explosão populacional aumenta, a ponto de a humanidade alcançar o seu primeiro bilhão de habitantes. Estas grandes massas vêm a apinhar-se ao redor das fábricas, formando o embrião da classe operária, e pouco a pouco o poder vai passando das mãos dos senhores da terra para os burgueses donos do capital e das novas fábricas. As monarquias se abalam, e começam a surgir as novas repúblicas, com sua incipiente democracia. França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos são os primeiros países que entram em processo de industrialização.

Isto só vem a acontecer em fins do século XVIII. A Declaração de Independência americana e a Revolução Francesa nada mais são do que os eventos que inauguram a entrada desses países na era industrial. Mas aqui nos deteremos nesse período chamado Renascença, cuja existência foi crucial para a implantação do sistema capitalista /industrial. Entre as várias correntes filosóficas, científicas e culturais que já abordamos, talvez a mais importante tenha sido a religiosa. Foi o protestantismo que avalizou e tornou possível o novo sistema. Esta religião nova invertia os antigos valores que eram a base ética do catolicismo.

Para o catolicismo, o homem virtuoso era aquele que aceitava com resignação a pobreza, carregava a sua cruz e com isso conseguia o reino dos céus. Depois da morte, seria ele o feliz recompensado, enquanto os ricos, considerados radicalmente pecadores, iriam para o inferno. Ora, o protestantismo pregava justamente o oposto. Lutero afirmava que, para que o indivíduo pudesse se salvar, bastaria apenas ter fé. Não seriam necessárias as obras. Mas, ao nível inconsciente das grandes massas de fiéis, a mensagem protestante, que em sua raiz desprezava as obras deste mundo como inúteis para a salvação, chegava de maneira distorcida, isto é, uma vez que se tivesse fé, quaisquer que fossem os atos que a pessoa cometesse, ela estaria salva, ou melhor, tudo seria válido: qualquer exploração, rapinagem ou rou-

balheira. Tudo valia, desde que se tivesse fé. E pouco a pouco se estabeleceu o princípio ético de que quanto mais rico fosse o homem, mais virtuoso ele seria. Os pobres, os improdutivos seriam os maiores pecadores, que era exatamente o contrário do que pensava Lutero; este pregava exatamente a saída do mundo material; nem pobreza nem riqueza.

E assim se santificou, foi preparada e avalizada a grande transformação capitalista. A religião católica, com sua resignação, era adequada a um sistema como o feudal, em que não havia esperança de ascensão social para as classes oprimidas. No entanto, o protestantismo não só santificava como tornava essencial essa ascensão. O grande paradoxo protestante era que, ao nível de ética individual, esta religião era muito puritana. Eram santificados o trabalho duro e a repressão sexual. O sistema precisava, para expandir-se, de pessoas que trabalhassem compulsivamente a expensas da energia sexual, rigidamente reprimida. Porém, no plano coletivo, o bem era de outra ordem. O bem supremo, o supremo indicador de santidade seria a acumulação de bens materiais.

Para ilustrar o que afirmamos, nada melhor do que o Império britânico, a realização maior do protestantismo. Este Império nasce e se consolida sob o reinado de uma mulher (Elisabeth I, a Rainha Virgem) e chega ao seu apogeu sob outra, a Rainha Vitória, que deu origem ao período mais puritano da história. A acumulação de riquezas que tornou possível a implantação deste império, baseou-se principalmente sobre três pilares: o primeiro foi a rapinagem do ouro e da prata da América Latina (México, Bolívia e Brasil). Os portugueses que roubavam esses minérios aos nativos os perdiam para a Coroa britânica, em relação à qual estavam sempre endividados por causa do seu luxo e das guerras feudais inúteis que empreendiam. A Coroa britânica possuía melhores métodos de administração financeira e menos escrúpulos medievais, e saía sempre vencendo. O segundo item que propiciou a riqueza dos ingleses foi o tráfico de escra-

vos, do qual possuía o monopólio internacional. E o terceiro foi a devastação dos recursos da índia e da China nas guerras coloniais do século XIX. Com isso o Império britânico tornou-se tão grande que se dizia que o sol jamais se punha dentro de suas fronteiras...

Além da nova ética religiosa, outro fator importantíssimo que preparou o advento do capitalismo foram as novas normas de comportamento fabricadas para as mulheres durante a Renascença. E preciso lembrar a este respeito que a caça às bruxas, embora tenha se iniciado na Idade Média, teve o seu apogeu durante a Renascença, pois vai até o século XVIII. E devemos nos recordar também que esta perseguição se dirigiu quase exclusivamente às mulheres pobres, normatizando a sua sexualidade e reprimindo o seu saber. Em fins do século XVIII, estas mulheres já tinham, pois, os seus corpos reprimidos e inorgásticos e podiam, assim, transmitir aos seus filhos e filhas as regras de submissão que viriam a torná-los os operários e operárias submissos e de corpos dóceis do século XIX em diante.

Além da caça às bruxas, no século XVII e seguintes fabricou-se também uma nova imagem para as mulheres das classes superiores. Essa nova ideologia que formou a nova mulher da era industrial começou com a fabricação de várias características que a partir daí seriam as principais da nova feminilidade: o culto da domesticidade, a fabricação da infância, a criação do amor materno, o pedestal feminino e, finalmente, a inauguração do amor romântico.

A assimilação destes itens pelas mulheres tornou-se mais fácil principalmente nos países protestantes, através de uma nova educação oferecida a meninas e adolescentes. Na Idade Média, a educação feminina era dada nos conventos pelas freiras. O protestantismo porém acabou com conventos e mosteiros. Combateu o culto à Virgem Maria, a única mulher que no cristianismo chegava perto da Trindade. Com

isso, esta religião se tomou essencialmente a religião do Deus Pai. O feminino foi pouco a pouco sendo erradicado de seus quadros. Se as mulheres num primeiro momento ajudaram de maneira prática e significativa a revolução protestante e a implantação das novas denominações, à medida que estas iam se solidificando, iam sendo dominadas pelos homens. Como sempre, as mulheres eram usadas em períodos difíceis e perigosos e depois marginalizadas.

A nova educação dada em escolas separadas para meninos e meninas e até por preceptores particulares foi pouco a pouco se estendendo a todos os outros países da Europa, até a distante Rússia, e assim surge a nova mulher da era industrial. Veremos pois, uma a uma, como se deu a transformação dos itens a que nos referimos e que são a base das mulheres e homens que somos hoje.

A Fabricação da Infância

Na Idade Média, a criança não existia como a percebemos hoje. Meninos e meninas eram vistos como adultos em miniatura. Começavam a trabalhar desde a mais tenra infância nos campos, se fossem pobres, ou junto às damas e cavalheiros, se pertenciam à nobreza. Não havia compartimentalização entre infância, adolescência e vida adulta. Jovens de ambos os sexos se casavam assim que estivessem fisicamente aptos para tal. Nos castelos medievais não havia privacidade. Todos dormiam juntos em grandes salões e passavam juntos as horas do seu cotidiano. Assim, desde muito cedo as crianças tinham consciência da vida sexual e afetiva dos seus pais e portanto das suas próprias.

A Domesticidade

É só quando o capitalismo se aproxima que esta situação muda. Se a família medieval era a unidade de produção e reprodução, a família capitalista passa a ser apenas a unidade de reprodução da força de trabalho. A produção econômica é transferida para as fábricas, longe do lar. Como o mercado era incipiente e mal dava para os homens, as mulheres são incentivadas a ficar em casa e a se dedicar inteiramente à família e aos filhos. Surge então a figura da dona-de-casa e da mãe dedicada e sofredora. E pois nessa época em que as mulheres são outra vez radicalmente excluídas do domínio público que se cria a infância com regras próprias de conduta, educação, vestuário e gestos que conhecemos hoje. O capitalismo exige preparação mais sofisticada para a sua mão-de-obra do que o mundo rural. Daí a estreita vigilância das crianças, dos seus corpos e da sua sexualidade e também a separação das crianças da vida adulta.

O Amor Materno

Conta-nos Elisabeth Badinter, em seu livro *Um Amor Conquistado*, que até o século XVII as crianças eram vistas como brinquedos que podiam ser manipulados pelos adultos. As mulheres tinham muitos filhos, porém as mais abastadas, logo que as crianças nasciam, mandavam-nas para as áreas rurais para serem amamentadas pelas amas-de-leite. Faziam isso para não estragarem os seus corpos com a amamentação. Michel Foucault, em *A Micro física do Poder*, conta o caso de uma dessas amas que, por ser muito pobre, aceitou vinte crianças para amamentar e depois de um ano devolveu dezenove delas mortas. Assim, esta era no fundo, uma sutil estratégia para as mulheres se livrarem de seus filhos excedentes... O amor materno, a mãe que "sofre no paraíso" aparece apenas no início do capitalis-

mo, junto com a fabricação da domesticidade, da infância e da nova feminilidade. O capitalismo precisava de mão-de-obra farta e barata, e, para que a população crescesse — como de fato cresceu —, era preciso erradicar essas práticas bárbaras.

O Pedestal

Todo esse novo papel da mulher dá origem a uma nova concepção de feminilidade. Na Idade Média, como já vimos, a mulher foi, tanto na nobreza como nas camadas populares, o elemento que manteve a sociedade integrada durante os períodos turbulentos em que se formaram as nações. Como agora a mulher fica reduzida a seu papel de procriadora, o lar passa ser considerado uma ilha de amor dentro de um mundo destruidor e brutal. A mulher virtuosa passa a ser sua rainha. E os pilares da sua nova feminilidade são: a pureza, a piedade religiosa e a submissão. Ela se torna frágil e despreparada para as atividades públicas. Mulher que trabalhasse fora seria dali em diante um escândalo. E como a mulher não tinha nada que fazer senão cuidar da casa e dos filhos, boa parte do seu potencial humano ficava reprimida. Assim, seu corpo passa a ser o *locus* de doenças até então desconhecidas, e que, portanto, vêm a tornar-se objeto de medicalização específica. Com essa nova medicalização do corpo da mulher, agudiza-se o antigo temor dos homens pelas mulheres e seu aparelho reprodutor. De agora em diante, qualquer doença é explicada por influência das funções reprodutivas femininas. As mulheres passam a se tornar escravas do seu útero e dos seus ovários. Nascem a histérica, a frígida, a mulher com furor uterino etc. Todas as doenças femininas passam a ter um fundo sexual, e isto permanece durante muito tempo. Não é incomum nessa época que na Europa e nos Estados Unidos os médicos submetessem muitas mulheres à cliterodoctomia (ablação do

clitóris) para que lhes fosse facilitada a prática da virtude, pois a verdadeira mulher era unicamente a mulher fria, inorgástica e submissa.

O Amor Romântico

A mulher tinha que ser, principalmente, assexuada, porque precisava ser submissa a partir do seu próprio íntimo ao homem dono do espaço público. E assim, para coroar todos as outras características desta nova mulher, cria-se também este amor romântico. Milenarmente, homens e mulheres se casaram por interesses familiares. As vésperas do mundo industrial, já se podia fabricar uma nova forma de casamento. A propriedade da terra já não era mais essencial para a sobrevivência. Agora contava também a competência profissional. Assim, homens e mulheres já podiam se casar por atração individual. Podemos afirmar mesmo que, *grosso modo*, o amor aparece como instituição ao mesmo tempo que a industrialização. O amor entre homens e mulheres é filho das grandes cidades. E o amor romântico teve como precursor o amor espiritual entre damas e menestréis das cortes de amor do século XIV. A base deste amor seria o afeto e não a sexualidade, os componentes espirituais e não físicos. Todos os grandes literatos do século XIX o cantaram: Goethe, Chateaubriand, Lord Byron, Shelley etc. A mulher seria a salvadora do homem das tentações do poder, com seus valores de dedicação e auto-sacrifício, completamente opostos ao egoísmo e ao desejo de poder dos homens. O *Fausto* de Goethe seria o protótipo deste novo tipo de relações. Nesta obra, só a mulher virgem e auto-sacrificada salva o homem que vendera a alma ao diabo em busca do prazer sensual. Em *Ligações Perigosas*, Choderlos de Laclos vê o amor romântico triunfar sobre o jogo de poder e a sexualidade da aristocracia decadente.

Mas o que nem os homens nem as mulheres vítimas

desse tipo de manipulação do sistema viam era que essa idealização da vida nada tinha a ver com a realidade. Essa mulher que não tinha contato com a sua sexualidade não conseguia lidar com a vida cotidiana. Quase sempre os homens morriam antes das esposas, e elas tinham que cuidar da sobrevivência financeira. Ora, sua incompetência no domínio público era motivo para mais doenças físicas e mentais, para mais histerias a atormentar a vida dás mulheres e frustrar os homens. Estes, privados de viverem com as esposas os impulsos sensuais, procuravam experimentá-los com suas empregadas e muitas vezes com escravas (nos países coloniais) ou com prostitutas. E assim também se fazia mais aguda a antiga dicotomia entre a mulher privada e a mulher pública, a virtuosa e a prostituta.

Isto no que toca às classes superiores; entretanto, o que acontecia com a mulher rica não tardava a se refletir sobre a situação da mulher pobre, que vem a adquirir importância fundamental na implantação do sistema capitalista.

15

As Mulheres e a Industrialização

No capítulo anterior, nos derivemos sobre os novos estereótipos criados para o feminino a partir da Renascença. No entanto, estes estereótipos que valiam para o feminino em geral só eram aplicados às mulheres que possuíam uma situação social que lhes permitisse vivê-los. Para a maioria das mulheres, eles não eram válidos. Porque eram pobres, e os pobres sempre foram considerados seres humanos inferiores.

Todas as transformações a que nos referimos pouco tocaram a condição milenar de homens e mulheres pobres. Tradicionalmente, as mulheres sempre trabalharam nos campos, e sempre trabalharam mais do que os homens, ganhando menos e obtendo menos privilégios e direitos legais.

Embora fossem o esteio sobre o qual repousava a sociedade inteira, elas eram invisíveis. As mulheres pobres sempre tiveram e têm até hoje uma dupla jornada, em casa e no trabalho. Sempre trabalharam no setor reprodutivo (privado) e produtivo (público), mas seu trabalho nunca foi considerado produtivo, só o do homem.

Durante toda a Idade Média, foram elas que questionaram a condição da mulher, através da sua sexualidade e do seu saber, e foram maciçamente punidas, enquanto as mulheres mais ricas se dedicavam ao amor cortês, à submissão e às normas que se originavam dele. Durante o período da Renascença, continuaram as mulheres pobres a serem as grandes questionadoras. Elas tomaram parte em todas as revoltas camponesas e exerceram papel preponderante não só na reforma protestante como na guerra civil inglesa e em muitos levantes camponeses na Europa até o século XVIII.

Por ocasião da Revolução francesa, seu papel foi decisivo. Foram mulheres que tomaram a Bastilha, e uma enorme multidão enfurecida de mulheres esfomeadas avançou sobre Versalhes no ato que pôs fim à monarquia. A miséria do povo francês era incrível. Exploração milenarmente por uma aristocracia que endividara o país em metade do seu produto bruto com guerras desastradas e empréstimos ao estrangeiro para sustentar um luxo faraônico, o povo era sugado pelos reis da França sem nenhuma sensibilidade. A ração de pão chegou a ser de duzentos gramas diários por pessoa, antes da Revolução de 1789. E foram as mulheres que tomaram a iniciativa dos atos mais violentos, em defesa do pão para os seus filhos.

Quando finalmente a monarquia foi destronada, as novas cidadãs foram reivindicar os seus direitos junto à Assembléia do Povo. Esta redigira a Declaração dos Direitos do Homem, e as mulheres redigiram a Declaração dos Direitos da Mulher, mas quando sua autora, Olympia de Gouges, foi apresentá-la à Assembléia reunida, os deputados do povo responderam: "A Revolução francesa é uma revolução de homens. Não podemos conceder os Direitos da Mulher porque hoje foi o dia em que nasceram os direitos do homem"... E Olympia de Gouges, junto com Mme. Roland, foi decapitada pouco tempo depois, durante o Terror, por suas tendências moderadas...

Depois da Revolução francesa, as mulheres constituí-

ram quase a metade das massas operárias do século XIX. Durante a primeira metade deste século, eram comuns jornadas de quatorze a quinze horas diárias de trabalho em condições inumanas, e também o trabalho de crianças e mulheres grávidas. Grandes conquistas foram a semana de seis dias e depois a de cinco dias e meio, bem como a proibição do trabalho infantil. E depois a jornada de dez e, finalmente, a de oito horas.

Continuava mais alta no entanto a mortalidade feminina, porque a tendência a contrair turbeculose era quase quatro vezes maior entre as operárias do que entre a população normal. Isto porque, além de ganhar um terço do que ganhavam os homens, as mulheres praticamente davam a comida disponível para os homens e as crianças. As estatísticas da época mostram que a tendência a receber comida em último lugar era a da mulher trabalhadora.

E as mulheres não só trabalhavam nas fábricas como também nas piinas de carvão. O carvão era o combustível de toda a era industrial, e o trabalho nas minas era também a atividade mais perigosa e a menos bem paga para as mulheres. Elas trabalhavam nas minas como os homens, presas por correias em subidas e descidas muito perigosas às galerias subterrâneas, carregando pesos de até sessenta quilos. Muitas mulheres grávidas pariam ali mesmo, como conta Rosalind Miles em seu livro *A História do Mundo pela Mulher*. Em todos os países do mundo, a população masculina era superior à feminina até meados do século XX, quando a medicina progride enormemente

E havia muitas causas para esta mortalidade mais alta das mulheres: elas ganhavam muito menos do que os homens e trabalhavam mais. Marvin Harris conta o caso da invenção dos teares mais pesados. Seu uso era vedado às mulheres, por causa de sua inaptidão física para trabalhos muito pesados. No entanto, os operários, depois de terem garantido para si o uso destes teares, os sublocavam às mulheres pela metade do preço...

No século XIX, a sociedade masculinizou-se inteiramente, mas num sentido até então insuspeitado. Os operários eram controlados em seus menores gestos, na hora em que entravam, saíam, comiam ou iam ao banheiro. Tudo era pesado e medido a fim de aumentar a produtividade. E foi por causa deste controle que a vida se estilhaçou em mil fragmentos: o trabalho era separado do produto deste trabalho, o privado era separado do público, o pai dos filhos e da mulher, a infância da vida adulta, a mulher pública da privada etc. Dentro de cada um, a vontade se separava das emoções, o corpo da mente, a sexualidade do afeto, e as partes do corpo entre si. Ciências, artes e religiões se dividem em inúmeras especialidades. O individualismo cresce e a fragmentação aumenta tanto quanto os habitantes dos países industriais. Todo mundo controlava todo mundo: os patrões aos empregados, os homens às mulheres, e ambos aos filhos. O sistema industrial, que a princípio deveria ser libertador de energia e de mais vida, torna-se

Rainha Vitória — a mulher mais poderosa do mundo na era industrial

o tipo de escravidão mais sofisticado que a humanidade conheceu, porque esta escravidão vinha de dentro para fora em cada um dos seus membros...

E é neste contexto que dois jovens alemães, Karl Marx e Friedrich Engels, escrevem em 1848 o seu manifesto comunista, concitando os operários do mundo inteiro a se unirem contra a sua opressão. Um manifesto que iria ser ouvido no mundo inteiro e outra vez modificar a face da terra. Durante toda a segunda metade do século XIX, este grito vai ecoar através das associações operárias e dos seus sindicatos. Estes grupos vão pouco a pouco conseguindo as grandes vitórias da classe operária sobre a sua terrível condição que colocava quase todos os trabalhadores à beira da fome e da morte. Esta condição, considerada "natural" pelos princípios da ética protestante do trabalho, iria ser adotada também pelos patrões católicos de outros países e passaria paralelamente para todos os países da Europa, inclusive a distante Rússia, como o fardo "normal" de operários e operárias.

Mas, em seus trabalhos, Marx não consegue ver a especificidade da opressão da mulher, e nas poucas vezes em que se refere à maior miséria das operárias (levando-as inclusive à prostituição), culpa-as inconscientemente por seus maus princípios morais; ele não vê como elas têm menos chance de entrar no mercado de trabalho e, uma vez o conseguido, o fato de ganharem menos do que o homem as obrigava a sofrerem mais vexames por parte dos patrões e dos companheiros de trabalho.

Coincidentemente, é no mesmo ano em que Marx e Engels escrevem seu manifesto que um punhado de mulheres se reúnem do outro lado do Atlântico, levantando bandeira semelhante, que poderia também ser compreendida como um: "Mulheres do mundo inteiro, uni-vos." São as primeiras feministas, que realizam o primeiro encontro de sua história em Seneca Falis, perto de Nova York, nos Estados Unidos, exatamente em 1848!

Antes de prosseguirmos na história do movimento operário e do feminismo, é importante aprofundar um pouco esta coincidência. No manifesto comunista, Marx denuncia a recém-formada sociedade de classes. O capitalismo baseava-se numa luta sem tréguas entre dominantes e dominados, entre senhores e escravos. A estes era tirado o fruto do seu trabalho, que era apropriado pelos patrões, os quais, por sua vez, aumentavam seu capital e expandiam ainda mais a sua dominação. A única maneira de romper este ciclo seria abolir violentamente a propriedade privada dos meios de produção e devolvê-los aos trabalhadores, seus legítimos donos.

As reivindicações das mulheres talvez fossem mais profundas, mas nem elas suspeitavam dessa profundidade. Relegadas ao domínio privado, achando que os homens eram intrinsecamente imorais, as mulheres reivindicavam a sua volta ao domínio público. A fabricação da nova feminilidade trazia dentro de si um paradoxo muito interessante que poderia vir a ser o embrião de sua própria superação. Esta feminilidade que tornara as mulheres radicalmente honestas e voltadas para o bem dos outros ao mesmo tempo queria dizer que o mundo público era também basicamente desonesto, egoísta e portanto radicalmente imoral. E por isso só seria redimido se as mulheres entrassem para ele com a sua honestidade e engajamento pelo bem de todos. Para elas, só a presença da mulher poderia moralizar novamente o jogo duro e selvagem da civilização industrial. Elas desejavam pois para si a plena cidadania através do voto, mais educação e mais direitos legais.

Com o nascimento do primeiro feminismo, pouco a pouco a questão feminina vai tomando corpo. Não com o mesmo ímpeto das organizações operárias, porém com mais profundidade e com obstáculos muito maiores do que a classe trabalhadora enfrentou como um todo, as mulheres começam então as suas lutas específicas.

O apelo de Marx cresce e se desenvolve durante o século XIX, e já na primeira metade do século XX boa parte do mundo sai do sistema capitalista. Quanto ao apelo das mulheres, ele vem ecoando até os fins do século XX sem que nada de maior tenha acontecido. Mas não é bem assim.

Aparentemente o apelo de Marx visava a erradicar apenas a sociedade de classes, mas o das mulheres ia muito mais além. O que elas reivindicavam era a supressão do patriarcado, muito mais antigo e mais profundo do que a sociedade de classes.

Queremos frisar aqui que ambos os movimentos, aparentemente sem qualquer ligação, só poderíam ter nascido do bojo da civilização industrial. Em nenhuma civilização ou cultura agrária isto seria possível. Em primeiro lugar porque não seria possível se fazer organizações significativas de camponeses que pudessem enfrentar seus senhores em bloco. Só seria possível organizações significativas em aglomerados grandes e de fácil comunicação.

E interessante o caso do cristianismo, que conseguiu organizar os escravos no Império Romano e com isso facilitar a sua queda, porque Roma era uma grande cidade, mas nos dois mil anos seguintes esse mesmo cristianismo não conseguiu organizar mais os camponeses dispersos pelo continente inteiro por ter se tornado a religião dominante. No caso das mulheres, o problema é o mesmo. Para que elas possam seguir os apelos de suas líderes orgânicas, é preciso que tenham um mínimo de possibilidade de se organizarem.

Não só nos Estados Unidos como em todo o mundo, as mulheres — nem as da classe média nem as operárias — tinham ainda direitos legais ou culturais. As feministas lançam-se então a uma peregrinação sem tréguas em busca do direito ao voto, à educação e melhores oportunidades de trabalho. A sociedade inteira lhes era hostil, porque supunha-se que mulheres não devessem viajar sozinhas, falar em público nem criar perturbações à ordem estabelecida. Eram chamadas de bmxas, mal-amadas, lésbicas, mas

uns poucos homens as ajudavam no que podiam em sua luta pela justiça.

As primeiras feministas do século XIX chamaremos sufragistas, pois sua luta centrava-se no voto feminino em primeiro lugar. Elas pensavam que, alcançada esta cidadania, todas as outras reivindicações das mulheres seriam automaticamente atingidas. Hoje, porém, um século depois, estamos vendo como isto não aconteceu.

Nos Estados Unidos, muitas feministas se dedicaram também à luta pela abolição da escravatura, e muitas vezes as duas lutas se conflitavam.

Além dos movimentos de abolição da escravatura, o sufragismo também integrou-se com as lutas sindicais do movimento operário geral, em busca de melhores condições para as mulheres. E aí também houve conflitos ideológicos entre mulheres da classe média e mulheres operárias. As sufragistas participaram de muitas greves, algumas inclusive violentas. No dia 8 de março de 1908, por exemplo, foram queimadas vivas cento e cinqüenta mulheres, trancadas por seus patrões dentro de uma fábrica por reivindicarem melhores salários e menor jornada de trabalho. Hoje o Dia Internacional da Mulher é celebrado a cada 8 de março no mundo inteiro em homenagem a estas mártires da justiça.

Esta integração das sufragistas com as mulheres trabalhadoras era da maior importância. Só nos Estados Unidos, em 1880, trabalhavam por salário dois milhões e meio de mulheres; em 1890, este número dobrou. Nessa época, a concentração de renda era tão alta que o 1 % mais alto da sociedade recebia metade do produto bruto da nação, enquanto os 50% inferiores ganhavam menos de 20%. Era a época do consumo conspícuo de Thornston Veblen. Em meio à mais terrível miséria da maioria, uma pequena fração da população, inimaginavelmente rica, competia no desfile das mais luxuosas casas, jóias e excentricidades. Era a época dos Rockefellers, dos Vanderbilts e de outras grandes famílias do fim do século XIX. Estas famílias conseguiram

sua fortuna em geral por meios ilegais, até criminosos, encobertos por uma aparência de estrita legalidade. Esses clãs viriam a ser os pilares da riqueza americana, e seus membros se casariam e se aliariam com os descendentes da aristocracia européia decadente.

A emergente Federação dos Sindicatos Americanos (AFL) tinha um profundo desdém pelo trabalho das mulheres e não lhes concedia postos de comando, embora a este tempo já existissem vários sindicatos de mulheres trabalhadoras.

Na segunda metade do século XIX, criou-se um novo tipo de mulheres trabalhadoras. Nascia o setor de serviços. Datilografas, telefonistas, professoras primárias, secretárias, balconistas, pequenas representantes da indústria de roupas femininas com seu pequeno comércio começaram a florescer. Nessa época, mesmo sindicatos que representavam essas classes trabalhadoras possuíam homens em seus postos de comando.

O movimento sindical feminino foi incentivado e assistido financeiramente pelas sufragistas de classe média. E, muitas vezes, quando havia conflitos entre as mulheres destas duas classes sociais, as mais prejudicadas eram sempre as trabalhadoras. Uma das greves mais impressionantes de mulheres foi a do Sindicato de Mulheres Trabalhadoras da Indústria Têxtil (ILGWU). Esta greve se realizou em Chicago, e mais de trinta mil jovens operárias fizeram piquetes durante treze semanas em pleno inverno. Embora seus ganhos imediatos tivessem sido pequenos, o movimento cresceu muito.

Em 1911, quase oito milhões de mulheres trabalhavam fora de casa, muitas vezes ganhando um terço do salário do homem pelo mesmo trabalho. Elas trabalhavam até tarde da noite, sem ar, sem calefação, sem horas extras, continuamente de pé, sem intervalo de descanso para comer. Foi uma época de grandes greves, em que as mulheres trabalhavam mas os homens assumiam o comando, e muitas vezes essas

mulheres eram abandonadas por suas colegas de classe média.

A mais famosa das greves ocorreu em Chicago em 1912. Nela, mulheres conseguiram o pagamento de horas extras que ultrapassassem as *cinqüenta e quatro* horas semanais...

Dessa época em diante, até a década de oitenta no século XX, os maiores sindicatos de mulheres, como o ILGWU (International Ladies Garnment Workers Union), a que já nos referimos, embora tivesse em seus quadros 85 % de mulheres, quase nunca eram elas a ocuparem os postos de comando, nem mesmo entre os que decidiam as suas políticas de trabalho e de salários. E este e outros sindicatos contavam com centenas de milhares de mulheres associadas.

Foi na segunda década do século XX que o movimento de mulheres, que agitara toda a segunda metade do século XIX, se considerou vitorioso. A maioria dos países industrializados deu o direito de voto às mulheres. No Brasil, isto foi conseguido em 1934, por Bertha Lutz e seu grupo. Estavam pois derrubadas as barreiras que impediam as mulheres de entrar no mundo público. E agora? As feministas acreditavam que isto automaticamente iria levar à emancipação feminina. No entanto, as discriminações continuaram, tanto nas profissões liberais quanto nas fábricas.

As mulheres votavam conservadoramente e ainda constituíam a grande massa dos marginalizados da força de trabalho. Voltava uma onda conservadora, e o movimento sufragista parecia condenado à extinção.

No fim dos anos vinte, um fenômeno curioso aconteceu. Como o movimento feminista do século XIX não questionara o culto da domesticidade e com ele a figura assexuada da mulher vitoriana, as poucas que ousaram tocar no problema da sexualidade, como Vitoria Turnbull, da Inglaterra, que pregava o amor livre, foram prontamente rejeitadas pelas outras feministas. No início dos anos vinte, porém, uma espécie de revolução sexual acontece. As mulheres cortam os cabelos, levantam as saias, começam a pintar o rosto

e a dançar o *jazz*. Algumas amarras se desfazem. Elas começam a procurar gratificação na vida sexual. Não é mais a mulher inorgástica que é o ideal, mas sim a mulher que é capaz de ter um orgasmo vaginal com seu marido.

Aqui, uma lição de história: o sufragismo, que não questionara a figura assexuada da mulher vitoriana e com ela o culto da domesticidade, queria entrar no domínio público mas conservando as características do privado. Ora, após terem conseguido o voto, isto fez com que as mulheres se encastelassem dentro dos seus estereótipos. Na década de vinte, depois da Primeira Guerra Mundial, volta uma onda conservadora, em que as reformas feministas não eram bem-vistas. O culto da domesticidade ficava cada vez mais popular. Não era mais agora a mulher vitoriana assexuada o modelo feminino, mas aquele proposto pela psicanálise. Freud dava uma nova base ' 'científica' ' ao culto da domesticidade. Embora nos anos vinte houvesse uma abertura em termos de sexualidade, o verdadeiro lugar, aquele onde a mulher poderia exercer tanto os seus instintos maternos quanto a sua sexualidade, seria o âmbito doméstico. O orgasmo clitoriano, que devia ser o das bruxas, é agora substituído pelo orgasmo vaginal, que seria o da mulher ao mesmo tempo sexuada e materna.

Mesmo a vivência da sexualidade não abalou os pilares da estratificação sexual, nem a divisão sexual de trabalho. A emancipação sexual sem a libertação social da mulher não transformou nada, porque a dicotomia privado/público não fora tocada.

O reacionarismo desses tempos agudizou-se durante a Grande Depressão dos anos trinta, tanto na Europa como nos Estados Unidos.

Como os ganhos das mulheres no campo do trabalho eram devidos aos ganhos dos homens, na Grande Depressão, em que 30% da força de trabalho masculino ficaram sem emprego, a sociedade toda levantou-se contra o emprego feminino. Não só as mulheres eram as primeiras a

serem despedidas para dar lugar aos homens chefes de família que necessitavam do emprego, como elas próprias se levantavam contra as outras mulheres, com medo de que seus maridos perdessem seus empregos

Assim, nos anos trinta, a mística feminina e o reacionarismo chegam ao seu ápice. E com ambos a mística masculina. Nas décadas de trinta e quarenta, emerge um fenômeno que virá provar tragicamente esta verdade: o *nazismo.*

16

O Nazismo e a Mulher

Para bem compreendermos a condição da mulher tanto no mundo industrial quanto dentro do patriarcado, é essencial que conheçamos o que aconteceu com elas na Alemanha nazista, o caso mais extremo de dominação da mulher no moderno mundo industrial.

Depois da derrota na Primeira Guerra Mundial, os alemães se sentiam extremamente humilhados, sobretudo por se julgarem possuidores de uma cultura em alto grau de evolução. Trinta e quatro por cento da força de trabalho estavam desempregados e a inflação chegava a níveis além de qualquer imaginação. A economia estava, pois, totalmente desorganizada. A figura de Hitler como a única esperança de salvação aparece em meados da década de vinte. Ele apareceu como encarnando os valores tradicionais de heroísmo, honestidade, valor guerreiro e temor a Deus. Secularmente um povo guerreiro, os alemães eram também tradicionalmente autoritários e, portanto, patriarcais e misóginos.

Assim também era Hitler. Ele nunca se interessou pelas reivindicações femininas até 1932, quando o Partido Nazista teve necessidade das mulheres para concorrer à eleições de 1933 com o fim de tomar o poder da antiga República de Weimar. E Hitler confessou suas idéias pessoalmente a Goebbels: "O homem é o organizador da vida; a mulher é seu órgão para executar os seus planos. ' ' E o fez em segredo, porque publicamente elogiava as mulheres, pois precisava do seu voto.

Em sua plataforma política, prometia empregos a todos os maridos e maridos para todas as mulheres. A maioria das mulheres alemãs perdera seus companheiros, uma vez que mais de dois milhões de homens haviam morrido na Primeira Guerra Mundial.

Além do mais, Hitler se colocava como defensor dos valores da família e da propriedade. Sua campanha junto aos camponeses baseou-se no anticomunismo. Afirmava que se os Partidos Comunistas ganhassem, todas as terras iriam ser confiscadas. Para conseguir o voto operário, acenava com a dominação da Alemanha por um povo estrangeiro (os russos).

Além do mais, a campanha era altamente racista. Para Hitler, os alemães (arianos) seriam o povo (raça) superior, e, se os alemães vencessem, a estratifkação não se daria mais por classes, e sim por raças, tendo os arianos como o povo dominante. Hitler argumentava que, entre as raças inferiores, as mulheres poderiam ser consideradas inferiores aos homens, mas entre os arianos elas eram iguais, só que com papéis complementares. O papel das mulheres seria casar-se e ter o maior número possível de filhos, pois só assim se multiplicaria o sangue ariano, permitindo a dominação do mundo. Para isso, elas teriam que dedicar-se inteiramente à família. A ideologia do *Kinde*, *Kirche, Küche* (crianças, igreja e cozinha) deveria pautar a vida de todas as mulheres. Foram-lhes prometidas participação no poder e voz nas decisões do partido. No entanto, após ganhar as eleições com

o voto das mulheres, dos camponeses e dos operários, tudo mudou.

Quando os nazistas atingiram o poder, em janeiro de 1933, anunciaram sua política em relação às mulheres: "Não há lugar para a mulher política na ideologia do Nacional-socialismo (...) A atitude intelectual do movimento em relação a esse problema é oposta à mulher política (...) A ressurreição alemã é um acontecimento masculino."

Estavam, pois, politicamente consagrados a "mulher feminina" e o "homem masculino" no sentido tradicional. As mulheres porém continuaram a apoiar Hitler com uma fé fanática. Se a elas era alocada a responsabilidade da ' 'purificação' ' da raça produzindo filhos arianos, aos homens era alocada a responsabilidade da "purificação" crua e simples, concreta, isto é, a eliminação física das raças inferiores. Começava uma nova etapa para a humanidade.

A mística feminina, levada até as suas últimas conseqüências, se opunha a uma mística masculina que agora revelava todas as suas dimensões. O homem masculino era o homem autoritário, guerreiro, cumpridor indiscutível de ordens, capaz de matar sem questionar se assim lhe fosse ordenado. O militarismo toma conta das mentes e dos corações. Cada um controla a todos, e a polícia secreta (Gestapo) passa a ser o Olho que tudo vê do Grande Irmão da sociedade alemã. Ninguém mais confiava em ninguém. Numa noite sangrenta, os SS assassinaram friamente os oficiais dos SA que questionavam o poder de Hitler. A partir daí os nazistas não tiveram mais oposição da sociedade. E breve se tornariam o terror da nação inteira e, mais tarde, do mundo.

Breve, o Partido Nazista conseguiu o poder absoluto. E aí começou a formulação da "solução final": o assassinato de todos os judeus que viviam na Alemanha e depois em toda a Europa. Os judeus foram tomados como bodes expiatórios que permitiram o total controle do povo alemão. Mas os nazistas não pararam aí. Queriam "erradi-

car" os poloneses, os ciganos e outros povos "inferiores", bem como todos os deficientes físicos, e todos os dissidentes políticos.

O programa nazista culminava com uma campanha inexorável contra tudo que fosse humano, exceto na faixa estreita da construção de uma raca superior. Fazia, portanto, parte da sua essência a reprodução desta raça. O partido passou, então, a controlar todo o domínio privaçlo, a arranjar os casamentos. Oferecia empréstimos do Estado a casais que prometessem que a mulher não trabalharia fora, e este empréstimo baixava de 25% a cada filho que nascesse. Prêmios especiais eram oferecidos às famílias que tivessem novos filhos homens. Leis proibiam o planejamento familiar, e o aborto foi considerado o pior crime, sem remissão. Ao mesmo tempo, Hitler ordenava que todas as crianças fossem entregues ao Estado e as incentivava a participar de clubes de juventude, especialmente os meninos. Filhos ilegítimos eram legitimados, e o divórcio era facilitado apenas para os homens Os nazistas esterilizavam as mulheres prostitutas, as deficientes ou as que carregavam genes defeituosos

Matavam também os velhos, os fracos ou deficientes. O supremo ideal para as mulheres era a. maternidade. O mercado de trabalho foi se fechando para elas. E os movimentos femininos, inclusive os que pertenciam às Igrejas, foram totalmente controlados.

No entanto, a partir de 1936, Hitler começou a pensar seriamente na guerra. A doutrina do espaço vital para a nova raça assim o exigia. E as mulheres foram outra vez incentivadas a entrar na força de trabalho. Em sua propaganda oficial, os nazistas pintavam a mulher como a mãe eterna e companheira do homem, lutando a seu lado, mas, em relatórios privados, segundo diz Marilyn French, em seu livro *BeyondPower*, "eles as chamavam de tagarelas e idiotas, e as culpavam pela moral frouxa dos exércitos porque acorriam em massa às ruas fazendo filas para comprar alimentos".

A guerra começou em 1939, e no seu auge, em 1943, os nazistas obrigaram as mulheres a se registrarem no birô de empregos. Agora os trabalhos nas fábricas e nos setores perigosos não era mais proibido e, sim, incentivado e tornado obrigatório. Registradas como "assistentes sociais", as mulheres iam com as tropas para os países ocupados. E com isso tudo esperava-se delas que continuassem a engravidar e a doutrinar seus filhos com a ideologia nazista. Em 1939, foram constmídos campos especiais para mulheres solteiras. Lá, elas eram visitadas pelos homens e, quando engravidavam, transferidas para lares de mães solteiras.

Mesmo quando Hitler já perdera a guerra e vivia em um *bunker*, ele planejava o futuro da sociedade alemã. Cada soldado teria direito a mais de uma mulher, poderia ser polígamo. Quando o país desmoronou, então, Hitler declarou as mulheres iguais aos homens. Ele as incentivou a entrar para o exército, como enfermeiras, sabotadoras, espiãs, auxiliares de comunicação, mensageiras, embora não lhes fossem dados nem uniformes nem armas. E o final foi o que todos já sabemos.

Com esta descrição, podemos ter uma idéia do que é o patriarcado em sua plenitude e das mulheres que se submetem a ele.

E podemos, então, tentar uma saída...

TERCEIRA PARTE

Mas Afinal, o Que Quer a Mulher?

Rosa de Luxemburgo — no início do século XX, a profetisa do século XXI

17

O Mundo Tecnológico

Antes de nos determos nas sociedades tecnologicamente avançadas, que aceleram seu desenvolvimento na segunda metade do século XX, que é a última parte deste livro, cabe aqui uma breve avaliação do que já foi dito.

O primeiro conceito que já pode ser induzido é que existe um fenômeno de *aceleração histórica.* Se o período de nossa existência sobre a Terra abrange uns dois milhões de anos, a primeira fase durou quase esse tempo todo, uma vez que o patriarcado como o conhecemos só existe há cerca de dez mil anos, isto é, 0,5% do nosso tempo de existência.

As culturas de coleta e partilha constituíram o mais longo núcleo da nossa existência. As culturas de caça não têm mais do que que quinhentos mil anos, e as horticultoras, uns cinqüenta mil. A história que começa com o patriarcado e as sociedades agrárias tem aproximadamente dez mil anos, e a industrialização, apenas duzentos.

O que aparece no entanto junto com tal constatação é que esta aceleração é também tecnológica. A cada fase di-

ferente da relação dos seres humanos com o meio ambiente (coleta, caça, horticultura, pastoreio, agricultura, industrialização) corresponde um avanço de tecnologia.

A coleta corresponde a conquista da palavra falada, da posição ereta, dos primeiros instrumentos de ataque e defesa. E o lento despertar da animalidade para a humanidade. Durou um milhão e meio de anos para chegar às culturas de caça, com seus machados de pedra lascada, o fogo, a roda, as cestas etc.

Depois vieram a horticultura, a cerâmica, arcos e flechas, agulhas, culto aos mortos, primeiros esboços de arte, domesticação dos animais etc., conquistas específicas da fase neolítica.

Nas sociedades agrárias, a humanidade dá o seu segundo grande salto, que foi a conquista da palavra falada e as técnicas de coleta, quando passa da animalidade à humanidade.

A fundição dos metais, permitindo fazer instrumentos que tornaram possível a agricultura pesada, transforma os povos nômades em sedentários, com as conseqüências que já vimos. Daí, as conquistas tecnológicas se aceleram enormemente. A palavra escrita vem mudar por completo a comunicação e o controle entre os seres humanos. Nascem os estados, o comércio, as burocracias e os impérios.

Na Renascença prenuncia-se o terceiro salto, que viria a ser o da industrialização. Nasce a ciência como a conhecemos hoje. A Terra já não é o centro do universo. A sociedade passa de teocrática a secular. Constroem-se as nações no sentido moderno do termo, e no século XVIII James Watt inventa a energia mecânica, que vem a dar origem à civilização industrial. No século XIX, constroem-se as grandes cidades, a população mundial explode, atingindo o primeiro bilhão de habitantes. As estradas de ferro aceleram o progresso, bem como o telefone, o telégrafo etc.

No fim do século, inventa-se o automóvel, o avião, e a história se acelera mais ainda. Na primeira metade do sé-

culo XX, a lâmpada elétrica, o rádio, a televisão e os outros inventos originam tal transformação que o século XX se toma mais diferente do século XIX do que este de todos os outros

Noventa por cento de todas as invenções tecnológicas da humanidade se realizaram no século XX. Em menos de trinta e cinco anos, o mundo passa por duas guerras mundiais, que matam dezenas de milhões de pessoas. E o lançamento da primeira bomba atômica em 6 de agosto de 1945 marca o início do quarto salto qualitativo da humanidade, pois a energia nuclear, então liberada, vem a mudar de novo a relação do ser humano com a natureza. Esta data inaugura aquilo a que chamamos *o mundo tecnológico*, que começa a funcionar plenamente depois da Segunda Guerra Mundial e do qual o que falamos até agora não foram senão os prenúncios.

A invenção da energia nuclear, devido às descobertas da física teórica, que atingiu um avanço além de qualquer imaginação, vem junto com outras invenções que tiveram origem e desenvolvimento no esforço de guerra. A medicina atinge proporções insuspeitadas com a descoberta dos antibióticos. A biologia consegue penetrar na estrutura dos genes, tornando possível a engenharia genética e a clonagem, construção de seres vivos idênticos a partir da cisão do mesmo embrião

No entanto, a invenção mais importante do século XX se dá na área eletroeletrônica. Em fins da década de quarenta, Norbert Wiener lança as bases da nova ciência, a cibernética e constrói o primeiro computador no início da década de cinqüenta.

O computador é o primeiro invento que substitui a energia intelectual humana. Se a máquina a vapor substituiu a energia muscular e já teve tantas conseqüências, o computador, substituindo a energia mental, teve conseqüências ainda mais fantásticas.

Já na década de cinqüenta o mundo começa a se transformar numa grande aldeia. Todos os pontos do planeta co-

meçam a unir-se pela televisão. Tudo o que acontece em qualquer lugar do mundo é conhecido no planeta inteiro instantaneamente. A importância deste fato fica patente quando nos lembramos que até o século XVIII, quando um país declarava guerra a outro, passavam-se meses para se iniciar as hostilidades, de tão vagarosas que eram as comunicações.

E a Segunda Guerra Mundial só teve proporções apocalípticas devida à instantaneidade das comunicações. Foi isto que fez quase todos os povos da Terra se envolverem com ela. Então, podemos dizer que agora não há mais acontecimentos locais e, sim, mundiais, e que no espaço de uma existência, digamos, cinqüenta anos, acontecem mais coisas do que em milhares de anos nos tempos antigos.

E essa a lei da aceleração histórica. As coisas não só acontecem mais rápido como também com mais intensidade. E nas fases mais agudas esta intensidade é tão grande que nosso sistema nervoso central não agüenta, pois nosso relógio biológico está aparelhado para um mundo menos veloz e leva tempo para mudar. É importante termos isto em mente, pois poucos de nós estão se dando conta das fantásticas transformações que estão se operando no mundo às vésperas do Terceiro Milênio. E, para conseguirmos assimilá-las em uma geração, será preciso um esforço enorme.

Isto posto, podemos agora ver quais são as velocidades destas transformações.

Em primeiro lugar, elas decorrem quase todas das aplicações dos computadores na vida cotidiana e em todas as áreas do conhecimento. Os primeiros computadores podiam fazer operações intelectuais simples milhares de vezes mais rápido do que o ser humano, e hoje esse número alcança bilhões.

Sem os computadores não seria possível colocar satélites no espaço, e muito menos naves e ônibus espaciais. Se os cálculos que colocaram o primeiro satélite em órbita fossem feitos a mão, levariam trezentos anos e seriam usados em tempo integral quarenta matemáticos.

Também seria impossível projetar a rota de um míssil balístico intercontinental (ICBM), um desses engenhos que durante trinta anos alimentaram a ameaça de uma Terceira Guerra Mundial, desta vez instantânea, pois causaria a destruição total do planeta.

Na nossa vida cotidiana, esses jogos eletrônicos aceleram enormemente os processos cognitivos das crianças, que usam hoje ao menos o dobro das capacidades cerebrais do que há um século.

A quantidade total do saber no mundo está dobrando a cada dois anos. Já estamos próximos de decifrar mistérios como a origem do universo ou o retardarmento indefinido da morte.

E o impacto disso tudo sobre a condição do homem e da mulher é imenso. No entanto, o que caracteriza esses avanços fantásticos da tecnologia é que eles não são homogêneos. Por estarmos vivendo num sistema competitivo, o seu controle é detido pelos mais fortes e usado como instrumento de dominação sobre o mais fracos.

Grande parte da Ásia, toda a África e a América Latina permanecem em estágios menos avançados de desenvolvimento: continuamos como sociedades agrárias e pouco industrializadas, fornecendo matérias-primas e mão-de-obra barata aos países desenvolvidos. Muitos dos nossos países, em vez de caminharem na trilha do progresso, marcham no caminho inverso, o da decadência antes de terem atingido o pleno desenvolvimento.

Oitenta por cento de todo o dinheiro e de todo o progresso do mundo concentram-se nos países ricos, ao passo que 75% da população mundial vivem nos países pobres.

A partir da década de setenta, os países desenvolvidos encontram uma forma sofisticadíssima de escravizar os países pobres: oferecem-lhes grandes somas de dinheiro para projetos de desenvolvimento e depois cobram-lhes juros cada vez mais altos. Com isso, os países pobres passam a transferir para os países ricos capital que vai financiar o seu consu-

mismo à custa da fome das camadas mais pobres das populações mundiais. Estes povos poucos benefícios recebem desse dinheiro assim emprestado. Em muitos casos — México, Argentina, Filipinas —, cerca da metade do dinheiro vai para os bolsos dos seus líderes corruptos.

Por outro lado, desde a primeira metade do século XX, grandes países como a URSS e a China, abolem a propriedade privada dos meios de produção e, com ela, a sociedade de classes. Contudo, para espanto dos outros povos, perplexos, o socialismo começa a explodir em fins da década de oitenta.

Portanto, é extremamente importante, para entendermos o mundo tecnológico e, dentro dele, a condição da mulher, conhecermos a condição feminina tanto nos países subdesenvolvidos como nos países socialistas antes de nos determos nas sociedades avançadas.

18

Os Países Subdesenvolvidos

O capitalismo vai se implantando pouco a pouco no mundo. Se seu pleno funcionamento se inicia na Europa e nos Estados Unidos durante o século XIX, é no século XX que as antigas sociedades agrárias começam a sua modernização. Hoje, dois terços da humanidade ainda estão nesta fase de capitalismo tardio e dependente, incluindo-se a América Latina, grande parte da Ásia e da África. A estes países chamaremos subdesenvolvidos.

O que caracteriza o subdesenvolvimento é a grande concentração da renda: criam-se pequenas elites, em geral aliadas ao capital internacional, que controlam e organizam a sociedade inteira de acordo com seus interesses. Assim, a economia permanece geralmente estagnada e atrasada, porque é sugada pelos interesses tanto dos países desenvolvidos como das elites locais. Em alguns países mais avançados, cria-se uma classe média urbana mais sofisticada que brota das camadas médias conservadoras comuns a todos os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, que

inicia o processo de modernização nacional; as classes dominadas porém permanecem intocadas pelo progresso tecnológico.

Por isso, os papéis sexuais diferem nos países subdesenvolvidos segundo as classes sociais, de acordo com o interesse do sistema: nas classes camponesas, onde a família ainda é a unidade de produção e reprodução, como nas sociedades agrárias antigas, permanece a opressão tradicional da mulher.

Nas classes operárias urbanas emergentes, mais e mais o trabalho da mulher é necessário para a sobrevivência da família. Esta não é mais a unidade de produção e reprodução, e sim apenas o *locus* da reprodução da força de trabalho, como em todas as sociedades industriais. Nestas classes, a condição da mulher é um pouco melhor do que na classe camponesa, pois o seu trabalho é cada vez mais necessário, não só para a sobrevivência da família como para uma acumulação maior do capital: é da exploração da mulher em relação ao homem (pois a mulher ganha no máximo a metade do que o homem pelo mesmo trabalho) que o capitalismo extrai um lucro bem maior do que se todos os operários fossem homens.

Nas classes dominantes, a família é o *locus* da concentração do capital. A mulher, apesar de todos os privilégios de que goza, é submissa ao marido para não perder posição, riqueza ou poder.

As largas faixas da classe média conservadora são as camadas que ocupam o grosso das áreas urbanas, ao menos nos países da América Latina. Esta classe é composta por pequenos proprietários e funcionários médios do sistema produtivo e do governo. Nestas classes sociais, as mulheres em geral vivem o papel tradicional que o sistema lhes oferece: o de mães e donas-de-casa, uma vez que não precisam trabalhar para viver. Na sua grande maioria, defendem os valores tradicionais no que se refere à sexualidade, à educação, à economia e à política.

Apenas nos centros grandes e sofisticados brota a partir desta uma outra classe média mais moderna, composta de intelectuais, profissionais liberais, artistas, funcionários de áreas produtivas sofisticadas, do sistema universitário e de pesquisa etc. Esta classe não produz valor, mas é imprescindível para que o sistema atinja estágios mais avançados. Seus membros são mais progressitas, as mulheres em geral seguem carreiras profissionais e são mais liberais em matéria de costumes e política.

Também não produz valor a grande masssa dos empregados, que, junto com os subempregados, formam o subproletariado e que em número são maiores do que a classe operária. Os membros do subproletariado são empregados nos tempos de expansão e despedidos nas épocas de recessão. E a existência dessa grande massa desorganizada e faminta que permite aos empregadores manterem baixos os salários de seus empregados.

Entre outros países subdesenvolvidos, estudaremos especialmente o Brasil, que está em acelerado processo de modernização, e a índia, que é uma das culturas mais tradicionais do mundo.

Brasil

Quando os primeiros portugueses aqui desembarcaram, no início do século XVI, vieram apenas cerca de três mil homens sozinhos para colonizar uma área maior do que a Europa. As mulheres brancas só vieram cerca de cinqüenta anos depois. No fim do século XVI, na nova colônia já havia uma população de cerca de cem mil pessoas. Esta população era composta de uma pequena casta de brancos de "sangue limpo", e o resto era de mestiços de portugueses com as índias e mais tarde com as escravas negras.

Premidos pela necessidade de povoamento urgente de um território cobiçado pelas grandes potências de então, os

reis de Portugal incentivavam intensamente a miscigenação. Por isso, a grande maioria das populações recém-formadas, tanto no Brasil como nas outras colônias portuguesas era mestiça.

As mulheres brancas em geral se casavam aos doze, treze ou no máximo aos quatorze anos quase sempre com homens muito mais velhos. No entanto, também quase sempre morriam antes de seus maridos, porque tinham que produzir muitos filhos. E, por serem máquinas de fabricar filhos, morriam em geral de parto. Conta Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, que a glória dos velhos coronéis era ter várias esposas, cada uma deixando vários filhos. Ao morrer, sua virilidade era glorificada pelo número de mulheres e filhos que apareciam em seu epitáfio.

Além disso, havia os inúmeros filhos que tinham com índias e, mais tarde, negras. Foi da mestiçagem dos portugueses com estas duas raças que se formaram as classes sociais inferiores: os caboclos, que povoam todo o interior do Brasil, e os mulatos nas regiões escravocratas. Deste modo, as classes dominantes eram compostas de brancos, e as dominadas, no interior, de caboclos, e no litoral, em geral negros e mestiços. E assim chegamos ao século XIX. No início deste século, a população brasileira recenseada era de 3.200.000 pessoas, das quais apenas 800.000 brancas.

No século XX, com a intensa corrente migratória provocada pela abolição da escravatura, grandes contingentes de europeus e asiáticos vêm para o Brasil, principalmente para o sul, dando origem a um maior desenvolvimento desta região. No fim do século XX, chegamos a uma estranha mistura de valores no tocante à condição da mulher em nosso país.

Nas regiões rurais existe a opressão maior. A mulher camponesa possui dupla ou tripla jornada de trabalho, dá à luz muitos filhos, e sobre seu comportamento sexual pesam as maiores sanções da sociedade. Por qualquer desconfiança de adultério ou perda da virgindade o marido ou pai

pode matar a mulher, sendo absolvido por "legítima defesa da honra".

Nas classes trabalhadoras urbanas, em geral migradas do meio rural, a mulher, como vimos, já tem maiores prerrogativas, mas ganha metade do salário do homem, e o preconceito sobre a sua condição ainda é bem grande.

No entanto, é nas classes médias modernas que a grande transformação está se processando. As mulheres já são mais da metade dos estudantes de universidade e, junto com as operárias e camponesas, perfazem quase 40% da força de trabalho, o que impulsiona as reivindicações de igualdade que deram motivo à conquista, em 1988, de uma das Constituições mais avançadas do mundo no que se refere à condição feminina. Assim, ao mesmo tempo em que a mulher média brasileira é uma das mais modernizadas do continente, outras camadas ainda se acham mergulhadas no mais profundo tradicionalismo.

Por outro lado, a mulher negra nas favelas das periferias das grandes cidades mostra um comportamento completamente diferente das brancas. E ela quem agüenta sozinha a barra das famílias mais pobres. A sociedade negra é matricêntrica e matrilocal, mas tem valores patriarcais. Contudo, o comportamento sexual das mulheres é bastante mais permissivo, dada a sua capacidade de sustentarem-se sozinhas. Em geral elas são chefes de família, bem como as camponesas, cujos maridos migram. Na América Latina, o número dessas famílias é muito grande, cerca de 10% do total, e quase todas nas áreas mais pobres, mostrando que a família nuclear só é possível em camadas acima de uma certa renda, e portanto é um privilégio de classe.

Finalmente, na classe dominante aparece um duplo padrão de comportamento: explicitamente a mulher tem um discurso puritano e familiar, mas ' 'por debaixo dos panos' ' rompe sem culpa nem punição as regras do adultério, do aborto etc. E assim, as leis da família e da Igreja contribuem para que seus filhos homens aprendam, desde que

nascem, a romper, da mesma maneira que a mãe rompe as regras do setor privado, as normas de legalidade do Estado e da economia, utilizando-as em seu benefício pessoal e de sua classe social.

Este exemplo do Brasil mostra como a condição da mulher varia de acordo com a classe social, isto é, como o lugar que ela ocupa no sistema produtivo serve para manter inalterada a sociedade de classes, porque é na família que a criança aprende, desde que nasce, os valores de sua classe social, aprende seja a submeter-se, seja a dominar e romper todas as normas. Ora, isto quer dizer, em última instância, que os nossos corpos são a máquina que faz o sistema funcionar, e nossa sexualidade, o seu combustível. E a família, a sua fábrica...

índia

A índia é uma das mais antigas sociedades agrárias do mundo: 70% de sua população ainda vivem nas regiões rurais e o regime vigente é uma antiqüíssima sociedade de castas que se mantém inalterado há mais de três mil anos. Cada casta possui um mundo separado próprio, com leis e costumes que não podem ser partilhados pelas outras castas. Há ali cinco castas (entre milhares) mais importantes: a dos brâmanes, que é a mais nobre de todas e à qual pertence a hierarquia religiosa; a dos reis e guerreiros *{satrias)* a dos *vashiaias*, os comerciantes e proprietários; e a dos *sudras*, à qual pertencem os artesãos e trabalhadores; e finalmente a dos intocáveis ou párias, que são os mais miseráveis, segregados de todos. Estes lidam com trabalhos que são proibidos para todas as outras castas: a manipulação de carcaças de animais, de cadáveres, de esterco e de lixo.

A distância entre as castas é tão imensa que em certas regiões rurais, quando uma pessoa passa na rua e encontra outra pessoa de uma casta inferior, aquele que é superior

atravessa a rua para que seus caminhos não se cruzem. Quando uma dona-de-casa perde sua empregada ou cia falta, sua casa fica desarrumada e não se faz a comida, porque isto é trabalho de casta inferior.

A sociedade de castas é muito mais violenta do que a sociedade de classes, porque para seus membros não há esperança de mudar de casta. Só por reencarnação. Se o homem ou a mulher tiverem cumprido perfeitamente a lei de sua casta, renascerão após a morte em uma casta superior. E assim a sociedade de castas se mantém inalterada, embora modernamente o governo indiano a tenha tornado ilegal, aliás sem qualquer sucesso: o povo continua seguindo os preceitos de sua religião, e este povo constitui um sexto de todos os povos da Terra.

A condição da mulher é semelhante em todas as castas. A estrutura familiar é estritamente patriarcal. A mulher não herda, não tem a mesma educação do homem, não tem direito à propriedade ou a pedir divórcio, nem pode participar da vida pública ou dos ritos religiosos. Tem que casar ainda criança, e quando sai à rua é obrigada a andar três passos atrás do marido. Não o acompanha às refeições nem tem contato com ele durante o dia.

O nascimento do menino é motivo de alegria, pois ele fica a vida inteira no clã paterno, e quando se casa é fonte de riqueza, pois toda mulher, para casar-se, tem que trazer um dote para a família do marido; em geral este dote é bastante pesado para a família da esposa. Assim, o nascimento de mais uma mulher implica mais trabalho e muitas vezes perdas financeiras. Por isso, até recentemente, muitas famílias praticavam o infanticídio feminino.

Quando a família do noivo julga que o dote não é suficiente, começa a maltratar a jovem esposa, e até hoje são comuns casos em que esta morre "acidentalmente" para que o rapaz possa conseguir outra mulher e outro dote. Como as meninas casam muito cedo e seu corpo não está apto ainda para as relações sexuais, quase sempre ficam doentes

por essa violação contínua de sua fisiologia. Entre outras coisas, contou-me a Embaixatriz do Brasil na índia, Alice Rainho, que viu uma fila de mais de duas mil dessas meninas à porta de um hospital. E não se podia chegar perto por causa do mau cheiro que aquela aglomeração exalava. A doença fazia as meninas perderem o controle dos esfíncteres, e por isso evacuavam de forma descontrolada. Além disso, a mesma embaixatriz, que me relatou todo esse cotidiano, entregou-me páginas e páginas de classificados nos jornais hindus, mas não para vender apartamentos ou automóveis, e sim oferecendo noivas e seus dotes. Os noivos só podem conhecer-se no dia do casamento e não têm direito a veto sobre o seu destino. A menina vai para a casa do noivo, ficando totalmente apartada de contato com sua família de origem. A jovem esposa são entregues os trabalhos mais penosos que ela deve executar sem reclamar, pois futuramente também poderá ser uma sogra tirana em relação às noras. Sua vida é tão dura que para impedir-lhe a fuga a tradição hindu obriga as moças oriundas de outras aldeias a só saírem veladas. As moças locais não precisam. Isto torna as fujonas facilmente reconhecíveis.

Até recentemente, quando o marido morria, muitas mulheres eram incentivadas, inclusive por motivos religiosos, a atirar-se na fogueira onde o corpo do marido estava sendo cremado. E isso era feito em meio a grandes festas e ao som muito alto de tambores, a fim de não se ouvirem os gritos da mulher queimada viva. Ainda hoje este costume *(satí)* é praticado nas regiões rurais da índia.

Nas emergentes classes médias urbanas, contudo, esses hábitos ferozes são mitigados. As mulheres têm direito a se educar e a ter acesso ao mercado de trabalho, mas ainda em condições precárias, ganhando bem abaixo do salário do marido. As mulheres das camadas mais baixas da população são tão pobres que estas tradições são quebradas em relação a elas. Elas têm tantas necessidades de trabalhar que não podem ficar isoladas em casa. Precisam lutar ombro a

ombro com os homens. Muitas vezes essas mulheres fazem trabalhos violentos na construção civil, quebrando pedras ou carregando sacos muito pesados, mas, por terem maior independência financeira, possuem maior liberdade sexual.

Outros Países

A terrível condição das mulheres numa sociedade como a hindu nos lembra alguns fatos de outras sociedades tradicionais da Ásia e da África. Por exemplo, na China, até o advento do socialismo, enfaixavam-se os pés das mulheres desde crianças. Como sua situação de casamento assemelhava-se à hindu, na realidade isso era feito para que elas não pudessem fugir, mas ideologicamente a bandagem dos pés era muito elogiada, e eram consideradas mais eróticas as mulheres com pés pequenos. Os poetas não se cansavam de cantar o doce balanço das chinesas e seus passinhos miúdos. Só as mais pobres não tinham os pés enfaixados, porque precisavam trabalhar nos campos.

No mundo muçulmano, até hoje a situação não é melhor. Todas as mulheres muçulmanas são obrigadas a andar veladas e não podem conversar, nem sequer ser notadas por outros homens que não os que seus pais escolheram para seus maridos. Passam a vida inteira reclusas em companhia de outras mulheres. Tal como as indianas, não têm quase nenhum contato com os maridos. E andar sem véu é tão vergonhoso para a mulher muçulmana como para nós ocidentais andar nuas pelas ruas. E se a mulher ousa aparecer sem véu em público, isto quer dizer que ela quer ser estuprada.

Em muitos países muçulmanos, especialmente os da África, existe o rito da circuncisão das mulheres: entre cinco e nove anos, lhes é retirado o clitóris, uma operação muito dolorosa, feita sem anestesia nem assepsia. Por isso, essa operação é muitas vezes seguida de infecção. Ela é feita para tornar as mulheres inorgásticas desde crianças, pois assim,

não conhecendo o prazer, não se revoltarão contra seus maridos. E este é o mais privilegiado dos ritos, pois a maioria dos homens das tribos muçulmanas prefere mulheres infibuladas. Em muitas regiões da África, se a mulher não foi infibulada não consegue marido e é fadada à prostituição. A infibulação consiste em costurar os grandes lábios da vulva. E deixado apenas um pequeno orifício por onde a mulher urina e tem relações sexuais. Cada parto é dolprosíssimo, pois primeiro seus pontos têm que se rasgar. E ela é novamente infibulada tão logo acaba o resguardo.

Em vinte e seis países muçulmanos, entre eles Sudão, Nigéria, Quênia, Tanzânia, Djibuti, Península Arábica etc., ainda existem oitenta milhões de mulheres hoje nessas condições. Em congressos internacionais, conheci várias dessas mulheres, e o que as distinguia das outras era seu total silêncio e falta de opinião própria. Por terem perdido o contato com seu prazer, não possuem também identidade própria.

No mundo árabe, a poligamia é permitida pelo Corão. Qualquer homem pode ter quantas mulheres possa sustentar (até quatro), mas existem haréns de chefes com até doze mil mulheres, cuja sexualidade é controlada por eunucos (homens castrados). Assim, nas camadas inferiores da sociedade, há muitos machos excedentes. Também o Corão os incentiva a responder ao grito de Guerra Santa *(Jihad*), pois esta é a única maneira de obterem mulher, mas... só depois da morte. A religião muçulmana concede a cada homem que tenha morrido na guerra santa sete *huris* — virgens belíssimas — no Paraíso. E assim o Islã se tornou o maior e mais estável império de todos os tempos. Há no mundo hoje cerca de um bilhão de muçulmanos.

Nas camadas inferiores é praticado o homossexualismo, embora rigorosamente proibido pelo Corão. O Islã é um mundo mais masculino do que o grego. Não há sequer uma brecha para a ascensão da mulher como povo. Há um ditado popular que diz: “Mulher para procriar, homem para amar”...

Na África negra, principalmente no Oeste africano, onde as tribos não são islâmicas, também há poliginia, mas nessas regiões cada mulher excedente é mais uma riqueza para o homem e um alívio para a primeira esposa, pois a segunda dividirá o trabalho da terra e da casa. Nessas regiões, a poligamia parece ser mais bem-vinda para os homens... O homem vive sem fazer nada, apenas administrando o trabalho de suas mulheres.

Contudo, quando os ingleses chegam à África e com eles o pressuposto da supremacia masculina, é aos homens e não às mulheres que eles vão ensinar as novas técnicas do cultivo da terra. E os homens, que viviam do trabalho das mulheres, ficaram com um dilema: ou trabalhavam com as novas técnicas ou as ensinavam às mulheres, que milenarmente faziam o trabalho de horticultura e agricultura simples. Como elas não foram ensinadas, perderam o incentivo para cultivar a terra. Assim a África, que até o século XX foi um continente de alimento e fauna abundantes, está passando agora pela maior fome da história, porque as mulheres foram marginalizadas das modernas tecnologias de cultivo. E a África chega ao fim do século XX como o continente mais pobre, com um violento processo de desertificação, extinção da fauna e fome crônica. Não mais o Terceiro, e sim o Quarto Mundo.

19

A Mulher nos Países Socialistas

Quando Marx e Engels escreveram o seu *Manifesto Comunista*, em 1848, certamente não esperavam que daí a cento e cinqüenta anos quase metade do mundo tivesse entrado para o regime socialista. O que foi que fascinou os povos da Terra para fazerem uma revolução tão rápida?

Nada mais do que a erradicação da sociedade de classes. A pedra de toque do socialismo é a abolição das classes dominantes e a passagem dos meios de produção para toda a coletividade. Os pressupostos teóricos de Marx foram codificados política e economicamente por Lenin no começo do século XX, criando o primeiro Estado socialista: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A URSS substituiu o antigo Império russo, que durava há mais de mil anos e há mais de mil anos apresentava relações de produção feudais e era um dos mais atrasados da Europa, ainda não industrializado nem modernizado, e onde o povo vivia em uma incrível miséria.

Com a passagem dos meios de produção para o Estado soviético e a industrialização acelerada que tornou em cinco décadas a URSS a segunda potência do mundo, a condição da mulher passa por várias fases.

Desde o século XIX, os intelectuais marxistas criam e organizam um movimento feminista importante, pleiteando a igualdade no trabalho e na vivência da sexualidade para homens e mulheres. Ora, estas reivindicações eram tão revolucionárias que aparentemente colocavam em questão as próprias bases da sociedade de classes e o patriarcado, pois os dois pilares da submissão da mulher eram a impossibilidade de ter acesso direto ao mercado de trabalho e a proibição de sexo fora do casamento. Parecia ao mesmo tempo um questionamento da sociedade de classes e da sociedade patriarcal que lhe é subjacente. No entanto, desde o começo havia uma polêmica entre os marxistas em relação à condição da mulher. Eles diziam e até hoje dizem que, uma vez erradicada a sociedade de classes, automaticamente se teria acesso à igualdade sexual e social entre homens e mulheres. A polêmica com as feministas da época, entre elas Alexandra Kollontai, Clara Zetkin e outras, era de que seria divisionista e "reivindicação burguesa' ' a luta específica das mulheres.

No entanto, as mulheres exerceram um papel central no desencadeamento da Revolução russa, a partir de 1917. Desde o início da Primeira Guerra Mundial, elas passaram a entrar em massa para a força de trabalho, em parte porque mais de quatro milhões de homens haviam sido mortos nessa guerra. Foram elas quem acenderam o estopim da revolta de 1917 quando, contrariando a opinião de todos os partidos, decidiram convocar uma greve geral para o Dia Internacional da Mulher.

Suas líderes convenceram não só as operárias, como as donas-de-casa e depois os homens metalúrgicos a juntarem-se a elas. Relutantemente e só depois de estarem seguros de que o exército não atiraria nelas, os homens entraram em

greve. Mais tarde, um artigo do *Fravda* afirmava: "As mulheres foram as primeiras a irem para as ruas em Petrogrado no Dia da Mulher. As mulheres de Moscou, em muitos casos, decidiram o destino das tropas, elas foram às barracas, convenceram os soldados, e estes se juntaram à Revolução. ' '

A luta continuou, e ainda em março de 1917 o czar foi forçado a abandonar o trono. Só em novembro no entanto os bolcheviques tomaram o poder. Durante a luta, as mulheres serviram como soldados de infantaria e cavalaria, portaram metralhadoras e comandaram trens cheios de tropas. As mais pobres enfrentavam o exército sem armas. Louise Bryant escreveu: "As mulheres se dirigiram diretamente para o tiroteio sem nenhuma arma. Era terrível vê-las... Os cossacos pareciam temerosos daquilo. E começaram a retirar-se." Em 7 de novembro de 1917, os bolcheviques começaram a governar a Rússia.

Imediatamente o governo criou leis libertando as mulheres da dominação masculina, obrigando igual pagamento para trabalho igual, idéia então impensável para o resto do mundo. O Código de Família de 1918 aboliu o conceito de filhos ilegítimos e garantiu às mulheres controle sobre seus ganhos e facilidade de divórcio. Foi abolida, também, a pensão alimentícia, pois esperava-se que todas as mulheres entrassem para a força de trabalho. Alexandra Kollontai, a primeira-ministra da Ação Social do novo regime, criou creches e cuidados pré-natais para todas. Em 1919, um grupo de mulheres fundou o Zhenotdely, a primeira federação de mulheres que começou a reivindicar alfabetização e educação especial para as mulheres.

Antes porém que as novas instituições pudessem funcionar, estourou em 1918 a Guerra Civil, que durou até 1921. Ela foi cruel para todos, especialmente para as mulheres. Mais de 10% de toda a população morreram, e sete milhões de crianças foram deixadas órfãs perambulando pelas ruas. A nação arruinada não tinha dinheiro para construir creches ou lavanderias coletivas. As leis não foram cumpri -

das, as mulheres só conseguiram os empregos mais mal pagos e menos qualificados, e em 1928 eram menos que 28% da força de trabalho.

Embora o analfabetismo entre as mulheres tivesse baixado de 95 para 70%, a lei do divórcio deixava a grande maioria delas ou desamparadas ou superexploradas. Em 1926, o número de mulheres com filhos e sem emprego alarmou o governo. A pensão foi restabelecida, mas em geral os homens, com vários casamentos, não podiam pagá-las. Embora na época as mulheres compartilhassem com os homens muitos problemas advindos da desestabilização da economia (falta de alimentos, péssimas condições de vida etc.), eram elas que ficavam com as crianças e viam-se assim obrigadas a uma dupla jornada de trabalho. A taxa de nascimento começou a cair.

Quando Stalin tomou o poder, ordenou a volta dos valores tradicionais da família, uma política pró-natalista e uma moral puritana, e extinguiu o Zhenotdely. Os empresários do Estado, temendo então a gravidez das mulheres, recusavam-se a empregá-las no então incipiente processo de industrialização. Quando em 1936 foram iniciados os grandes expurgos stalinistas, apenas 10% dos expurgados foram mulheres, mas foram as mais ativas e qualificadas as que desapareceram.

Quando a União Soviética entrou na Segunda Guerra Mundial, as mulheres voltaram outra vez a ser mais de 50% da força de trabalho empregada, devido à morte de vinte milhões de homens. Elas trabalhavam de quatorze a dezoito horas por dia sem se queixarem. E muitos regimentos que participaram da guerra contra a Alemanha eram inteiramente compostos de mulheres.

Depois da guerra, para cada cento e cinqüenta mulheres havia cem homens. O aborto tornou-se ilegal, e a política, ferrenhamente natalista. Assim, piorou para as mulheres o sistema de dupla jornada de trabalho.

Nos anos cinqüenta a minoria de mulheres tornou-se

especializada em várias ciências e técnicas, porém as mais pobres cavavam trincheiras, conduziam trens, limpavam as ruas em pleno inverno e faziam trabalhos pesados na construção civil. A situação da mulher, então, tornara-se, na prática, pior do que no tempo do czarismo.

Entretanto, durante as décadas seguintes (as décadas da Guerra Fria), a situação das mulheres começou a melhorar. A União Soviética tornou-se a segunda potência do mundo, devido ao esforço e à crueldade do stalinismo, mas a maioria das mulheres foi educada. Hoje não existe mais analfabetismo na (ex)União Soviética e as mulheres são encorajadas a ir para a Universidade.

Uma vez conseguido o diploma, porém, as profissões escolhidas por elas, especialmente a medicina e a advocacia, se "feminizam", isto é, passam a ser desvalorizadas e menos bem pagas do que as outras. Na média, hoje a mulher ganha 75% do que o homem ganha pelo mesmo trabalho. E eles ainda são a grande maioria nos níveis de decisão, especialmente as políticas. No Politburo, órgão máximo do sistema comunista, apenas um membro é mulher.

O aborto tornou-se legal, mas, por falta de acesso aos contraceptivos, seu número oficialmente excede o dos nascimentos em três por um; extra-oficialmente, no entanto, este número sobe para oito por um, situação única no mundo. Tudo isso não impede, contudo, que em certas áreas o número de mulheres soviéticas exceda o de suas companheiras do mundo ocidental. Há mais cientistas, mais engenheiras (40% contra 1,6%) do que nos EUA. E também o dobro de mulheres doutoradas e professoras em tempo integral.

Todas elas têm uma jornada dupla de trabalho. Além das horas de trabalho remunerado, trabalham semanalmente quarenta horas em casa, ao passo que os homens trabalham apenas cinco. E isto sem nenhuma das facilidades de suas irmãs ocidentais: não possuem aparelhos sofisticados, máquinas de lavar etc. Há fila para tudo, e as compras têm

que ser feitas todos os dias, pois há poucas geladeiras e *freezers*. Isto porque toda a política industrial da (ex)União Soviética é dirigida para a indústria pesada e bélica, devido à competição com os Estados Unidos, e não prioriza os bens de consumo para o povo.

O movimento feminista é temido no regime socialista tanto por homens como por mulheres, e, portanto, apesar de todas as conquistas, há muita violência contra a mulher, poucas creches e pouco cuidado médico pré-natal. As vítimas de estupro são culpadas, e não os estupradores. As clínicas de aborto, segundo a revista *Ms.,* são verdadeiros "açougues". As mulheres não recebem auxílios por aborto nem pelo cuidado das crianças pequenas quando não são casadas ou vivem sem homens, por isso são obrigadas a procurar trabalho e cuidado para a criança pequena da maneira que puderem. Várias das poucas feministas que existiam nos últimos anos na (ex)União Soviética foram presas ou exiladas e nenhuma publicação deste tipo podia ser feita na União Soviética. O feminismo é considerado pelo governo como frívolo e até uma traição à causa do povo.

E o que podemos concluir disso tudo?

Neste caso, como entre os primeiros cristãos, os primeiros protestantes, as primeiras milícias da Revolução francesa e praticamente todas as revoluções que aconteceram até hoje, as vanguardas foram compostas em sua maioria de mulheres. Quando no entanto o poder é conquistado, também no socialismo, como em qualquer outro sistema humano até hoje, a situação da mulher volta a ser inferior à do homem!...

China

A situação da mulher chinesa antes da Revolução era muito pior do que a da mulher russa. Não só a bandagem dos pés para impedi-las de fugir mas a impossibilidade de

herdar e a obediência cega ao homem as levavam a três tipos de submissão da qual não podiam livrar-se durante a vida inteira: ao pai, ao marido e, depois de viúvas, aos filhos. Muitas mulheres, então, preferiam o suicídio ao casamento, que em geral era sinônimo de escravidão. O suicídio de noivas era tão comum que já não era mais notado. Assim também o infanticídio feminino.

Isto acontece até o século XIX, quando os europeus invadem a China e boa parte da Ásia. Já no fim do século começam a estourar em toda a China movimentos de resistência sistemática à colonização. O general Sun Yat-sen funda o Kuomintang (KMT), o Partido Nacionalista Chinês. Por essa época também já estava sendo organizado o Partido Comunista Chinês.

Já nas primeiras rebeliões que aconteceram no século XIX, as mulheres haviam começado a tomar parte. Aqui elas passaram a ser aceitas e treinadas. Uma rebelião maior estourou em 1911, e a ela se juntaram legiões de mulheres clamando por seus direitos.

Cai, então, o Império Chinês; Sun Yat-sen assume a presidência da República e elabora uma nova constituição. Embora esta tivesse sido a primeira constituição a dar alguns direitos às mulheres e a tratá-las como cidadãs, a igualdade ainda não fora conseguida. As mulheres protestaram e organizaram grupos de resistência em todo o país pedindo educação e sufrágio. Alguns anos depois, em 1919, houve demonstrações maciças contra as potências imperialistas e demandas por nacionalismo e feminismo, e ainda contra os princípios do confucionismo, o sistema religioso filosófico dominante. Este movimento foi a primeira revolução cultural chinesa e continuou grassando nos anos seguintes.

Em 1921, é finalmente fundado, por Mao Tsé-tung e outros, o Partido Comunista Chinês, e, a partir daí, a questão feminina, tal como na União Soviética, ficou subordinada à luta de classes. O PCC foi fundado dentro do KMT, e este aceitava a participação dos comunistas. Porém Sun

morreu em 1925, e seu genro, Chiang Kai-shek, tomou o poder no ano seguinte. Ele, contudo, estava do lado das potências ocidentais, e começou a perseguir violentamentc os comunistas. Estes se retiraram e em 1929 se reagruparam, organizando os camponeses, tanto homens como mulheres. As mulheres camponesas exultaram com a mensagem comunista. Intensifica-se então, a partir dessa época, a luta pela libertação da China, em que as mulheres tomaram parte decisiva. Nas regiões controladas pelos comunistas, proibiu-se a bandagem dos pés, a venda de crianças, a prostituição e a tirania das sogras. Casamento, divórcio e propriedade tornaram-se acessíveis às mulheres tanto quanto aos homens.

Em 1937, o Japão invadiu a China, e relutantemente Chiang uniu-se ao PCC até 1945, quando terminaram a Segunda Guerra Mundial e a guerra sino-japonesa. Inicia-se então, durante quatro anos, uma guerra sem tréguas entre as forças comunistas (PCC) e as de Chiang Kai-shek (KMT). Durante esses anos, as mulheres entraram no sistema produtivo em grande número, fazendo, como sempre, os trabalhos mais pesados e ao mesmo tempo cuidando da casa e dos filhos. Mas, à medida que iam entrando para o domínio público, elas iam também se organizando. As Associações de Mulheres tornaram-se, então, uma parte essencial da vida das aldeias. Essas associações treinavam seus membros para fazer sabotagem, consertar pontes e estradas, espionar e portar mensagens, preparar comida para os soldados e tratar dos feridos.

Aos poucos o PCC foi tomando a terra aos mandarins e distribuindo pelo povo, não coletiva, mas individualmente, tanto aos homens como às mulheres... Pela primeira vez, ao menos no último milênio, as chinesas possuíam alguma coisa... As mulheres, que nunca haviam trabalhado no campo, começaram a fazê-lo, e também a abandonar seus maridos opressores.

20

A Mulher no Capitalismo Avançado

Depois da Segunda Guerra Mundial, as mulheres americanas passam por um choque. Durante os anos de esforço de guerra, são obrigadas a entrar para a força de trabalho, onde aprendem a agir no domínio público e também a desenvolver qualificações até então desconhecidas. E quando os homens voltam da guerra, as mulheres são não só incentivadas como obrigadas a voltar para casa a fim de devolver a eles os seus empregos.

Durante toda a década de cinqüenta, são bombardeadas com uma ideologia baseada em Freud de que a mulher verdadeira é a dona-de-casa e a boa mãe, isto é, aquela que não compete com o homem, a que não se masculiniza.

Por "coincidência", esta vem a ser a década em que de fato os Estados Unidos assumem o papel de primeira potência mundial. Para ter pleno emprego, o sistema produtivo trabalha a pleno vapor, e acaba havendo uma superprodução. Esta não pode ser escoada, a menos que o consu-

mo aumente. Assim, a propaganda começa a bombardear as mulheres, estimulando-as a consumir. Quebram-se deste modo os padrões de austeridade do século XIX, e a sociedade produtiva passa a se tornar uma sociedade de consumo.

A família passa, então, a não ser apenas o lugar da reprodução da força de trabalho, mas a unidade de consumo. Nesta época, 70% de todo o consumo são feitos pelas mulheres, o que permite ao país continuar tendo um sistema produtivo cada vez mais desenvolvido.

Mas, na década de sessenta, as coisas parecem não estar indo bem com essa mulher que parece ter tudo. A jovem psicóloga Betty Friedan corre o país entrevistando as mulheres ricas ou de classe média que moram nos subúrbios, onde estão as casas mais prósperas das grandes cidades, e percebe que a quase totalidade delas sofre de um mal sem nome. Essa frustração sem objeto é que as impele a consumir e a ter casos extraconjugais, a fim de diminuir o seu tédio.

E a psicóloga chega à conclusão de que a origem dessa neurose nada mais é do que a não-utilização de todas as capacidades humanas dessas mulheres. Ricas, tendo recebido educação universitária ou treinamento profissional, elas não se sentem felizes sendo só as "verdadeiras mulheres" que a sociedade exigia delas.

Treze anos antes (1950), uma jovem filósofa francesa, Simone de Beauvoir, lança em Paris seu livro O *Segundo Sexo.* Era o primeiro estudo consistente sobre a condição da mulher no patriarcado. Com isso, Beauvoir se tornou para as mulheres o que Marx fora para os operários ao criar uma teoria sobre sua opressão.

Mas o livro de Beauvoir só sai dos meios acadêmicos quando Friedan, em 1963, lança o seu *Mística Feminina.* O livro tem um sucesso tão grande que três anos depois nasce o primeiro movimento feminista dos tempos modernos: a National Organization of Women (NOW). As mulheres ti-

nham se reconhecido na descrição de Betty Friedan. A partir daí, famosa, ela passa a ser objeto de chacota de toda a imprensa masculina, surpreendida e ameaçada. Como no século XIX, as feministas do século XX também são acusadas de feias, machonas, mal-amadas, lésbicas ou prostitutas. Mas seus movimentos têm tamanha repercussão que no início da década de setenta já estão organizados em praticamente todo o mundo desenvolvido.

Várias foram as razões de tão fulminante sucesso do feminismo na segunda metade do século XX. A primeira foi que, devido à emergência da sociedade de consumo, o sistema produtivo funcionava a todo vapor nos países desenvolvidos. Havia mais máquinas do que machos na década de sessenta, e as mulheres entram em massa na força de trabalho.

E entram com todas as desvantagens dos seus dez mil anos de reclusão: são menos qualificadas, e pelo fato de serem mulheres vão para as posições menos bem pagas, recebendo metade do salário dos homens (isto nos Estados Unidos e na Europa) pelo mesmo trabalho. E a discussão do problema da mulher e suas organizações vem a ser o que lhes faltava para reivindicarem os seus direitos e construírem o seu próprio pensamento e a sua própria emancipação.

A segunda causa do sucesso do feminismo americano é que ele veio juntar-se a outros movimentos de libertação emergentes e integrou-se com eles, formando talvez a corrente de maior importância do capitalismo avançado.

Já no início da década de sessenta, os negros começaram a lutar pelos seus direitos civis e contra a terrível discriminação de que eram vítimas na sociedade americana.

Em 1965 começa a guerra do Vietnã. Os Estados Unidos, no auge do seu poder, não toleram o avanço do comunismo e mandam para a guerra mais de quinhentos mil dos seus jovens.

A essa altura, a juventude americana, educada nas universidades, não desejava morrer pelos interesses de uma pe-

quena fração da população americana, que era a elite econômica: mais de um milhão de jovens desertam da guerra e vêm a formar uma sociedade alternativa dentro da grande sociedade americana.

Durante o fim dos anos sessenta e toda a década seguinte, eles questionarão com seu próprio modo de viver os padrões da sociedade competitiva, patriarcal e racista. Os *hippies*, como se denominaram estes *outsiders*, rejeitam a competição, o dinheiro, e se voltam para os alimentos naturais. Muitos deles eram vegetarianos, e optaram pelo cultivo simples da terra. Rejeitaram a religião cristã por ser a religião dos dominadores e adotaram o hinduísmo ou o budismo, introduzindo no Ocidente a ioga como prática corporal milenar e, com ela, a expansão da mente e do corpo. Descobriu-sc então, concretamente, que mente e corpo eram uma coisa só, e os seus estados superiores seriam os estados alterados da consciência. A parapsicologia passa a ser a psicologia da nova era.

Nos anos setenta começa a ensaiar-se um novo tipo de pensamento pós-cartesiano, que integrava as descobertas da física atômica mais moderna ao pensamento tradicional religioso mais antigo (hinduísmo). Desta integração do pensamento mágico com o científico começa a surgir uma concepção mais integrada da vida. Nessa época nascem os movimentos ecológicos e antinucleares. Oitenta por cento deles são compostos de militantes mulheres. Recusa-se também nas novas comunidades o trabalho para a produção de excedentes econômicos. Consomem-se drogas alucinógenas e pratica-se a permissividade sexual.

Os movimentos de revolta das etnias não-brancas, principalmente os negros, põem a nu as articulações do racismo com a sociedade de classes.

Quanto às mulheres, uma vez tendo entrado no mercado de trabalho e recebido os primeiros salários, iniciam uma revolta generalizada. Começam a questionar a má qualidade de suas relações com os homens. Não querem mais

ser objetos sexuais nem inorgásticas. Podemos mesmo dizer que o orgasmo como direito das mulheres é fato dos anos sessenta. Ao mesmo tempo, lutam contra a discriminação econômica, e principalmente passam a reivindicar postos de decisão na política, nas empresas, nos sindicatos. Todos estes movimentos juntos vêm a constituir talvez o maior questionamento feito contra o sistema competitivo e jpatriarcal nos dez mil anos de sua existência. As relações de violência contra o meio ambiente são contestadas pelos movimentos ecológicos e pelos Partidos Verdes, que nascem nos anos setenta. A contestação contra as guerras é feita pela recusa de jovens dos países desenvolvidos em engajar-se nelas em massa. Os exércitos se fazem agora com negros e jovens de outras etnias, provenientes dos países subdesenvolvidos, que muitas vezes não têm outra opção de emprego.

As relações de dominação sobre a mulher são questionadas pelos movimentos feministas, que começam a criar poderosas correntes de opinião pública, inclusive nos países menos desenvolvidos. Cai a imagem da mulher inorgástica e reduzida ao setor privado. Ela entra em massa no setor público. E à medida que as mulheres vão entrando no mundo do trabalho, os homens começam a dividir com elas os trabalhos de casa e a criação dos filhos, isto é, começam a entrar para o domínio do privado. Assim, esboça-se um esforço de reintegração entre o público e o privado, fruto de uma incipiente integração entre o homem e a mulher.

Os antigos estereótipos começam a cair. As mulheres já podem ter acesso ao poder, e os homens mais jovens começam a se relacionar melhor com seu corpo e suas emoções.

Nos anos setenta, fica difícil, nos países desenvolvidos, encontrar os executivos disciplinados e competitivos essenciais para fazer o sistema andar. A maioria dos jovens queria trabalhar seis meses e viajar os outros seis. Grande número deles desiste no meio dos cursos universitários. O exército americano entra em crise por falta de procura por parte dos jovens.

No fim da década a situação começa a mudar. Apesar

da polêmica, a maioria da população americana é conservadora, e nunca aceitou o questionamento dos princípios que sempre nortearam a sua existência. A direita há muito tempo já se organizara.

Desde o fim da Segunda Guerra, a economia americana crescera de tal maneira que suas empresas se tornaram transnacionais. Elas possuíam limites econômicos que não tinham nada a ver com os limites políticos das nações: dividiam o mundo entre si a seu modo. Por isso, foram criadas organizações políticas que tratavam de dar suporte ao expansionismo econômico dos países desenvolvidos. Foram estas organizações que fizeram, desde o início do século XX, o controle e a administração das políticas internas e externas dos países a partir dos interesses dos países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos.

Nada acontece ao nível econômico ou político no capitalismo avançado sem um planejamento a longo prazo e ao nível macroscópico. O capitalismo concorrencial do século XIX é substituído agora pelos monopólios e oligopólios, e se desenvolve uma sofisticadíssima técnica de controle econômico e político a níveis nacional e internacional, descrita minuciosamente e de maneira fascinante por René Dreifuss em seu admirável livro *A Internacional Capitalista*. Entre estas técnicas estão o planejamento de golpes de Estado no Terceiro Mundo, tais como a tomada do poder pelos militares na América Latina, por exemplo, e as alianças econômicas entre os países do Primeiro Mundo, como aquela entre os Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental que teve lugar nos anos setenta, culminando com a formação da Comissão Trilateral cuja finalidade era dar suporte político à ação econômica internacional das empresas desses três países.

Ora, o que a Trilateral descobriu em meados da década de setenta e com ela outros grupos do gênero, como a Hermitage Foundation e a American Enterprise Association, foi que a liberalidade em termos de sexualidade leva-

va a um comportamento liberal de esquerda em termos econômicos; isto é, desde que se questionasse a repressão sexual também se questionaria a dominação econômica. E por isso a direita organizada nessas instituições tomou suas medidas. Não foi por acaso que em 1980 sobem ao poder os conservadores Ronald Reagan (nos EUA), Helmut Kohl (Alemanha), Margaret Thatcher (Inglaterra) e o Papa João Paulo II. Este último sobe ao poder após um brevíssimo pontificado e uma morte ao menos misteriosa de um Papa progressista: João Paulo I, que estava disposto a fazer uma devassa nas finanças do Vaticano.

Quanto aos outros três, a campanha política que os colocou no poder teve a mesma estrutura: ela se dirigiu às classes médias conservadoras, prometendo-lhes menos impostos, mais gastos militares que intensificassem a Guerra Fria, cortes nos programas sociais e, principalmente, a volta à moral conservadora.

São chamadas algumas feministas de direita para cantarem a insatisfação das mulheres depois de quinze anos de conquista no mercado de trabalho e frustração na vida familiar. O *rock* pesado é substituído por música romântica, há um movimento cultural de volta aos valores dos anos cinqüenta, agora chamados de "anos dourados".

Ao *hippie* como mito e modelo de vida se substitui o *yuppie (young urban professional*), o jovem profissional urbano pago a peso de ouro, altamente disciplinado e sofisticado. E principalmente aparece a AIDS.

Se não fosse a AIDS não teria havido a virada conservadora no comportamento individual que levou a um novo consumismo ao nível econômico. E desde essa época há forte corrente de opinião levantando a hipótese de que essa doença teria sido fabricada, ao menos em parte, pela engenharia genética (genética viral), nos laboratórios de Maryland, nos Estados Unidos, dedicados à pesquisa para a guerra química. Em fins de 85 a polêmica explodiu na opinião pública, mas foi logo abafada.

É impossível mudar o comportamento de camadas inteiras de muitas sociedades só com discursos. E necessário um fato concreto, com a força da peste. De acordo com o raciocínio desse tipo de direita, é melhor sacrificar cem milhões de pessoas do que desestabilizar um sistema econômico que afeta bilhões de seres humanos. Foi essa a declaração de um almirante americano publicada na *Folha de São Paulo* (primeira página) do dia 6 de agosto de 1985, quando se comemorava o 40? aniversário do lançamento da primeira bomba atômica. E neste filme já vimos como agiu Hitler.

No fim dos anos oitenta, o feminismo fora esmagado e considerado antiquado nos Estados Unidos e cooptado pelo sistema dominante na Europa.

Também no fim dos anos oitenta a virada conservadora atinge os países socialistas. O socialismo literalmcnte explode. E em 25 de dezembro de 1991 acaba a União Soviética.

A história parece, realmente, ter chegado ao seu fim.

21

O Pós-Patriarcado

Acredito que a leitura deste livro até aqui tenha dado a noção do crescendo dos desafios que nos são propostos e que vão desde os pequenos problemas das sociedades de coleta até a explosão do socialismo e o fim da história. E mais, que esses desafios vão se colocando cada vez com maior velocidade, tal como quando colocamos um motor para funcionar e ele vai primeiro em velocidade lenta e gradativamente a uma aceleração cada vez maior.

Os desafios que estamos enfrentando vêm cada vez mais pesados e cada vez mais rapidamente. Meu sentimento pessoal é de que cada vez menos consigamos nos adaptar a eles, pois, neste fim do segundo milênio, parece que eles estão pressionando até nossa capacidade biológica de adaptação.

Nosso cérebro, que tem milhões de anos, talvez esteja ainda, em termos de adaptação, no tempo dos primeiros grupos agrários. Assim é, ao menos, com sua parte mais arcaica, o hipotálamo, que liga nossos sentimentos mais irracionais ao reino animal.

E afirmamos isto porque não se colocou neste livro ainda o último desafio, que é aquele que está na cabeça de todos nós: a destruição do planeta.

Se formos fazer em uma frase uma avaliação destes últimos dez mil anos de patriarcado e principalmente dos dois últimos séculos de industrialização, chegaríamos a uma conclusão surpreendente. Dois terços dos seres humanos passam fome para o terço superior comer exageradamente. Já é possível também destruir o planeta instantaneamente mais de cem vezes com o arsenal atômico acumulado nestes últimos quarenta anos e, o que é pior, a competição cada vez mais enlouquecida por riqueza está destruindo o meio ambiente de tal modo que, calculam as associações ambientalistas internacionais, em cerca de dez-quinze anos chegaremos ao ponto de não-retorno.

Jogamos anualmente oitocentos bilhões de toneladas de monóxido de carbono nas camadas superiores da atmosfera, o que está acarretando o efeito estufa e o possível derretimento das calotas polares em menos de cinqüenta anos, o que submergiría todas as cidades costeiras do planeta. E isto foi publicado pela NASA, e não por algum escritor de ficção científica.

O uso do clorofluorcarbono nos *sprays* e aerossóis está se combinando com o ozônio da alta atmosfera e fazendo-o desaparecer. No verão do Pólo Sul, aparece anualmente um buraco que já é do tamanho dos Estados Unidos e da altura do Himalaia. E é o ozônio que impede os efeitos letais dos raios solares sobre os seres vivos.

Quase todos os rios do mundo estão poluídos por dejetos industriais ou detergentes. Quase todas as florestas do planeta já foram queimadas. Cresce anualmente em 10% o total das terras agricultáveis no mundo inteiro que se tornam irremediavelmente desertificadas.

Este quadro fica ainda mais estarrecedor quando vemos que ele se coloca para a consciência coletiva da humanidade de uns vinte anos para cá e é fruto dos últimos du-

zentos anos de industrialização e exacerbação de competitividade.

E é isso que nos faz afirmar que nossas estruturas psíquicas não estão adaptadas para este último desafio por serem ainda competitivas e acharem "natural" o tipo de estruturas político-econômicas tão destrutivas em que vivemos.

E, de fato, se a nossa cabeça não mudar, na melhor das hipóteses, nos próximos vinte anos, nada mais poderá ser feito.

O que nos fará compreender melhor esta afirmação será um entendimento talvez mais claro dos mecanismos que fazem funcionar o sistema competitivo. Em primeiro lugar, a sua lei maior é a obtenção do lucro a qualquer preço. Para obter este lucro que traz o dinheiro que traz por sua vez o poder, estimulam-se não só uma produção cada vez maior, como também um consumo crescente, criando camadas de população que podem não só pagar o que consomem, como desenvolver necessidades artificiais cada vez mais sofisticadas para sustentar esse mesmo consumo. Portanto, desenvolvem tecnologias e também esquemas publicitários que alcancem cada vez mais pessoas, ultrapassando as fronteiras nacionais e tentando influir nas culturas locais a partir do nível internacional.

A segunda lei do sistema competitivo que decorre desta é a sua lei interna: a expansão sem limites. Quem deixa de se expandir acaba desaparecendo. Para isso, são usados todos os métodos, inclusive os mais manipuladores e violentos, como as guerras, as barreiras alfandegárias, manipulação das leis internacionais de troca a fim de que favoreçam sempre os mais ricos etc.

A terceira lei básica que decorre das duas anteriores (o lucro e a expansão) é a de que apenas os mais fortes sobrevivem. Na corrida desenfreada pelo poder, quem não prejudica o outro é prejudicado. Quem não mata, morre. Isso vai desde os conflitos sangrentos pela terra até a luta mais

sofisticada por segmentos do mercado em todos os níveis. Enfim, em última análise, é esta ideologia que está liquidando com as nossas possibilidades de sobrevivência sobre a terra.

O sistema competitivo patriarcal capitalista que hoje fascina o mundo inteiro, devido a esses três componentes (lucro, expansão, agressão) é um sistema polarizante, isto é, faz os ricos ficarem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. No início do período industrial, isto é, há duzentos anos, os povos mais desenvolvidos eram apenas cinco vezes mais ricos que os pobres. Neste século, as proporções passam em 1960 para 20 por um e no início dos anos 80 de 46 para um. Vemos, pois, que a velocidade do afastamento entre pobres e ricos tende a crescer mais ainda no início do Terceiro Milênio, tornando cada vez mais remota a possibilidade de os pobres alcançarem padrões de desenvolvimento que os igualem aos mais ricos. E dentro de cada país, vai também aumentando a diferença entre as classes sociais. O caso do Brasil, por exemplo, é típico: o salário mínimo criado em 1940 é hoje 40% do que era na época em que foi instituído e o número de brasileiros que vive desse salário (ou menos) é mais de 60% da população total.

O esquema da dívida externa que no início dos anos 70 possuía juros muito baixos, e hoje atinge taxas altíssimas, é mais um fator importante que escraviza os países pobres aos ricos. A dívida está sendo paga pelo Terceiro Mundo com inflação, desemprego, crise endêmica na economia e a morte dos menos favorecidos.

Por outro lado, os Estados Unidos têm uma dívida de um trilhão de dólares. Esta dívida é simplesmente rolada porque não interessa aos outros países exportadores que baixe o poder aquisitivo do povo americano. Ela está, pois, sendo em parte compensada pelos juros cada vez mais altos cobrados aos países do Terceiro Mundo.

Os países ricos ditam unilateralmente as leis de troca

internacionais, os juros da dívida; valorizam os produtos que mais lhes interessam e desvalorizam outros muitas vezes essenciais à sobrevivência física das populações, como as matérias-primas e os produtos agrícolas.

Esse sistema não pode viver sem vastas regiões e populações a quem explorar, tais como o Terceiro Mundo que jamais poderá sair da sua pobreza caso persistam os atuais padrões, as mulheres, cuja libertação é combatida com unhas e dentes, pois elas são as operárias dos homens, e, principalmente, a natureza que é explorada desenfreadamente, como se suas capacidades fossem ilimitadas. E são montados todos os esquemas em plano individual e coletivo que perpetuem esta exploração, como o preconceito cultural e econômico contra o Terceiro Mundo, os estereótipos em relação à mulher, mas algo muito importante está acontecendo hoje. E isto diz respeito ao meio ambiente.

Não é mais possível explorar indefinidamente a natureza. A espécie humana já está se ressentindo das limitações materiais do meio ambiente e suas conseqüências para todo o planeta. A esse respeito há que se frisar que são os padrões de consumo dos ricos que estão destruindo a cadeia biológica. Vinte por cento dos povos do mundo estão gastando 80% de todos os recursos naturais. Um só americano gasta cem vezes mais energia que 100 indianos. E apesar disso, criou-se no Primeiro Mundo uma corrente de opinião pública muito forte de que o grande impacto sobre o meio ambiente viria da "explosão populacional" do Terceiro Mundo, de que trataremos adiante. E, devido ao constante crescimento dos ricos e ao achatamento dos pobres, o consumo do bilhão mais rico aumenta cada vez mais em detrimento do 4,5 bilhões mais pobres dos seres humanos.

Por outro lado, há em curso uma outra revolução silenciosa: as mulheres conseguiram invadir como povo o mundo masculino. Hoje somos, no mundo inteiro, quase 50% da força de trabalho (no Brasil este número é de 45 %, segundo o IBGE). Assim, conseguimos superar a dicotomia

entre o público e o privado que caracterizou o patriarcado desde o seu início e que sempre foi a sua característica mais fundamental. Tecnicamente, estaríamos, pois, ao mesmo tempo que chegamos ao limiar do milênio, também ao limiar de um pós-patriarcado. E isto ao mesmo tempo em que chegamos à consciência de que se continuarmos nos atuais padrões de consumo não sobreviveremos como espécie. E esta consciência das duas ' 'colônias' ' essenciais ao funcionamento do sistema competitivo/patriarcal — as mulheres e o meio ambiente — despertaram ao mesmo tempo. Quais são, então, as conseqüências dessa mudança tão drástica, talvez a mais drástica de todos os tempos?

22

Os Novos Valores

No decorrer deste trabalho vimos como as relações entre homens e mulheres e dos homens entre si seguem passo a passo as relações do grupo com o meio ambiente, isto é, como as relações entre os seres humanos dependem da maneira como os grupos produzem a sua própria subsistência.

Nas culturas de coleta, onde o alimento é abundante, as relações com o meio ambiente e dos seres humanos entre si são harmoniosas. Não há poder e, sim, predominância; os grupos e os gêneros são ligados por laços frouxos, as comunidades são governadas não pela força, mas pela persuasão, não pela autoridade do chefe, e sim, por consenso. Há rodízio de lideranças, não há guerras nem dentro nem fora dos grupos.

Esta situação vai se modificando à medida que as relações com o meio ambiente vão se tornando mais hostis. Já nas sociedades de caça, onde a relação com a natureza é mais agressiva, começa a haver dominação do homem sobre a mu-

lher e do mais forte sobre o grupo. Na medida em que os milênios vão passando e a tecnologia vai sendo desenvolvida, especialmente nas sociedades pastoris e agrárias, as mais avançadas, já se instalam nítidas relações de poder e de controle e as guerras entre os grupos se tornam rotineiras. Quando o patriarcado se inicia, essas relações de dominação e escravização se solidificam e se cristalizam, como vimos exaustivamente, até chegarmos aos dias de hoje, com a dominação planetária e o perigo de extinção da espécie.

Vimos, também, como, na medida em que essas relações vão mudando, vai se transformando, concomitantemente, através das gerações, a estrutura psíquica de homens e mulheres. Nas culturas de coleta, em que não havia estratificação de gênero, as crianças eram educadas igualmente para conseguirem autonomia diante da natureza. Eram respeitadas e não tinham medo do afeto, pois a solidariedade e a partilha era a lei dos grupos pequenos e frágeis.

Num período de transição, em que os homens começam a predominar sobre as mulheres, eles passam a exprimir sua inveja das funções maternas (couvade e rituais de iniciação imitando o parto) e já as dominam pela força, mas as mulheres ainda exercem muita influência.

Quando o patriarcado se instala plenamente nas culturas pastoris e agrárias, as relações entre os sexos se tornam relações de medo. O homem, portador do pênis, o sinal da superioridade e do poder, foge do afeto que se lhe torna perigoso e até mortal nas sociedades patriarcais mais rígidas. Sua libido se cinde e parte dela se dirige para objetos não corpóreos, como o trabalho, o conhecimento, o poder. A racionalidade, então, passa a ter prevalência sobre o pensamento mágico e a emoção. E sobre essa racionalidade dissociada, como já vimos, passa a ser construída a história. E instalam-se a violência e a competição em todos os níveis.

Contudo, cindem-se no inconsciente do homem a racionalidade em detrimento da emoção, o corpo é reprimido em favor da alma, a intuição cede lugar à inteligência

racional e linear. A partir desta cisão interna o homem se separa da mulher, separação essa concretizada na divisão do domínio público e privado e também na divisão sexual do trabalho. Os grupos entram em conflito pelas guerras em busca de terra ou de mais poder e divide-se também a humanidade da natureza em virtude das relações de exploração e violência que se instalam, então.

Mas, por baixo dessa estrutura competitiva universal, a mulher continua ligada aos antigos valores de solidariedade e partilha. Reduzida ao domínio do privado, sua função agora é apenas cuidar da geração e da manutenção da vida, seja a vida biológica, seja a do cotidiano (estrutural). Desde criança ela se percebe como inferior, dominada; contudo, como a mulher já vem "castrada", a psique feminina não se divide como a do homem. A mulher conserva, então, uma estrutura psíquica ainda semelhante às culturas mais arcaicas. Sua emoção não se corta da razão, o corpo não se divide da alma e ela não foge do afeto. Assim como a divisão interna do homem o torna apto para exercer seu papel no domínio público, a maior integridade da mulher a torna adequada para suas funções de depositária do amor, do cuidado, da intuição, da emoção, da partilha alocadas então ao domínio privado. Estas características, embora essenciais para a continuidade da vida, são desvalorizadas no domínio público, pois lá, quem não compete morre.

Num nível ainda mais profundo, a adequação da mulher para o privado e do homem para o público é concretizada na própria identificação sexual de ambos. Quando o menino vai se identificar sexualmente e está no meio do triângulo amoroso entre o pai e a mãe, as coisas se passam assim: para se identificar com o pai (que odeia inconscientemente) tem que afastar-se da mãe que ama. Então, na hora de se assumir como homem, só lhe resta o amor de si, pois o amor do outro (do pai ou da mãe) é mortal em sua imaginação. Assim, para o resto da vida, o homem se torna ' 'egoísta' ', isto é, ama primeiro a si mesmo e se torna

portanto capaz de destruir o outro que lhe obstaculiza o caminho sem culpa, "naturalmente".

Já a mulher se separa da mãe (porque crê que a tornou inferior por ser igual a ela) e passa a erotizar o pai. Quando a mãe entra nessa relação, a menina não tem medo da morte. Quando se assume como mulher, continua ligada à mãe que é a fonte arcaica do prazer e ganha ainda a relação com o pai. Portanto, identifica-se sexualmente não na solidão e na autonomia como o homem, mas, numa dupla relação. O amor do outro é que a salva. Se fosse amar a si primeiro perderia pai e mãe, isto é, as fontes do prazer. E é assim que para o resto de sua vida a mulher coloca primeiro o amor do outro, antes do amor de si e é, portanto, preparada para a partilha, a solidariedade e o amor como definição da sua própria identificação feminina.

No fim do século XX, pelo fato de o sistema competitivo ter feito mais máquinas do que machos, nós mulheres conseguimos fechar um ciclo que começou há cerca de dez mil anos com a divisão do privado e do público e a fabricação da conseqüente estrutura psíquica competitiva que este corte originou. Hoje, no final do século XX, acabamos com esta primeira dicotomia. Falta agora mudar a cabeça de homens e mulheres! O problema não é fácil, nem sua solução automática. Aliás, como já vimos, nada é automaticamente libertador no sistema patriarcal competitivo...

Diabolicamente o sistema nos carimbou a todos até o mais íntimo do nosso ser, até a nossa própria identificação como seres sexuados; e isto através de um processo que dura há milênios. Agora, contudo, entramos no mundo masculino e temos uma dupla jornada de trabalho (doméstico e produtivo) justamente por causa deste caráter "egoísta" do homem e "altruísta" da mulher. Mas, o que está acontecendo pouco a pouco, é que a divisão sexual do trabalho (que já mudou) está mudando também a posição de ambos os gêneros dentro do domínio do privado. Nos primeiros tempos em que a mulher entrou no domínio público,

ela o faz sobrecarregada com os preconceitos de dez mil anos de isolamento c sentimento de inferioridade: ela foi para os postos menos qualificados; embora muitas vezes tenha melhor educação e qualificação do que o homem, ganha um salário muito inferior pelo mesmo trabalho (a média mundial é de 25% do salário do homem) e ainda faz esta dupla jornada de trabalho.

Numa fase posterior, a mulher reivindica adentrada do homem no domínio do privado. Hoje o homem começa a ajudá-la nos afazeres domésticos em alguns países, e tal como o homem primitivo, começa a ter participação no processo reprodutivo, cuidando do bebê e do cotidiano, tarefas antes consideradas só femininas. E isto pode ter duas conseqüências: ou nós assumimos coletivamente os valores masculinos de competitividade ou então trazemos para o domínio público os valores de que somos tão profundamente portadoras. Ao mesmo tempo eles nos tornam menos aptas do que o homem ao sucesso no mundo público competitivo e, por outro lado, já podemos perceber que só os valores de solidariedade e partilha poderão salvar a nossa espécie da destruição.

E então?

23

Conclusão: A Mulher no Terceiro Milênio

No decorrer deste livro, mostramos exaustivamente como as relações entre homens e mulheres vão se modificando de acordo com a mudança da relação dos grupos humanos com o meio ambiente e como o sistema de partilha e solidariedade vai se transformando no sistema competitivo, à medida que progride a tecnologia e a população aumenta. Acabamos de mostrar também, no capítulo anterior, como as psiques masculina e feminina vão sendo fabricadas nas centenas de milhares de anos seguintes, dependendo destas mesmas relações.

Neste limiar do Terceiro Milênio, por sua vez, está acontecendo uma revolução fantástica: pelo fato de o capitalismo ter fabricado mais máquinas do que machos, as mulheres invadem o mundo masculino e, tecnicamente, acabam com a separação entre o mundo privado e o público. Podemos, assim, falar num embrião de superação do patriarcado. Mas,

paradoxalmente, elas estão fazendo isto com a estrutura psíquica que o sistema competitivo lhes alocou, isto é, o domínio arcaico da solidariedade e da partilha, ao passo que ao homem couberam a competitividade e a agressão.

Vimos, também, que a origem da destruição do meio ambiente e da ameaça à sobrevivência da espécie, problema maior com que nos defrontamos desde que existimos, é o padrão de consumo desenfreado dos povos mais ricos, fruto máximo da competição generalizada. E, se a competição é a causa da destruição, podemos agora inferir que a reversão do processo de destruição poderá se fazer apenas com o retorno dos valores de solidariedade e de partilha que governaram a vida humana por um tempo muito maior do que o sistema competitivo: este, como instituição fundante, junto com o patriarcado, é muito recente.

E estes valores, embora pertençam, em teoria, a qualquer ser humano, são estatisticamente características mais das mulheres do que dos homens. E estamos entrando, como povo, no domínio público exatamente no momento em que o sistema competitivo está destruindo tudo. Isto quer dizer, a rigor, que o processo de destruição da espécie paradoxalmente está dependendo em grande parte de como as mulheres venham a se comportar neste fim de ciclo patriarcal que caracteriza o fim do milênio...

Antes de refletirmos sobre este fato, desejamos sublinhar o quanto é difícil reinserir os valores de solidariedade dentro de um sistema competitivo.

Sempre existiram tentativas deste tipo que acabaram fracassando. Entre estas duas, uma feita há dois mil anos e outra mais recente, são exemplos da maior relevância. A primeira delas foi o cristianismo no seio do Império Romano. Procurou-se fazer a transformação radical das consciências ao nível individual sem no entanto modificar as estruturas. O reino de Deus não seria deste mundo, e as estruturas dominantes, alguns séculos depois, acabaram transformando o processo de solidariedade e partilha na mais

terrível das dominações: a dominação a partir da transcendência à qual é impossível resistir.

A segunda tentativa foi feita desde o século XIX com a instauração do socialismo. Este procurou transformar as estruturas sem se interessar em modificar as mentalidades, afirmando que esta transformação aconteceria automaticamente. E, menos de um século depois, suas novas estruturas tinham se tornado as mais corruptas e autoritárias do mundo, piores do que os regimes contra os quais o socialismo lutava. E é por isso que o socialismo está desmoronando com uma velocidade assustadora: as novas estruturas que deveriam ser solidárias são cooptadas pelas mentalidades tradicionais competitivas.

Fica então a pergunta: o que está se passando hoje? No mundo inteiro, a entrada recente da mulher no domínio público, na prática e independentemente de qualquer ideologia, está trazendo uma transformação das estruturas psíquicas tanto de homens quanto de mulheres e concomitantemente uma mudança das estmturas sócio-econômicas pelos caminhos mais surpreendentes, modificação esta que vem se realizando sem que seja quase percebida. Se não, vejamos: já dissemos que, na medida em que a mulher entra para o domínio público, o homem se vê obrigado a entrar para o domínio do privado, ajudando a companheira nos trabalhos domésticos e no cuidado com os filhos. Ora, esta simples mudança traz as mais profundas conseqüências. Em primeiro lugar, desmonta as articulações concretas e milenares que imbricavam a sociedade de classes com a cultura patriarcal. Desde que a criança nascia, na família tradicional, via o pai mandando e a mãe obedecendo. E, como as impressões que recebemos no primeiro ano de vida são indeléveis, pois permanecem não só no inconsciente mais profundo como ficam impressas até no próprio corpo, a criança tende a "naturalizá-las". Assim, desde que nasce ela acha natural que uns mandem e outros obedeçam. E fica para sempre no fundo do inconsciente de homens e mu-

lheres a aceitação de uma sociedade autoritária, coercitiva, desigual e portanto injusta.

Foi assim que a sociedade escravista ganhou a luta contra o cristianismo e o sistema competitivo contra o socialista. E foi porque a mulher não estava integrada no sistema produtivo, tanto na época do cristianismo como nos primórdios do socialismo, que as estruturas de dominação puderam vingar. Mas, o que está acontecendo agora que*a mulher vem entrando, em termos mundiais, dentro do sistema produtivo?

Em primeiro lugar, desde que nasce, a criança já não vê mais o pai mandando e a mãe obedecendo, mas sim dois centros de poder diferentes atuando com igual dignidade. Por isso, o menino passa a não ter mais o medo mortal do afeto, pois, em vez de se identificar com um opressor, se identifica com um aliado, um igual. E, assim, passa a sublimar menos e a ter mais integrada a sua racionalidade e a sua emoção. Portanto, passa a achar "natural" não uma sociedade em que haja dominantes e dominados, mas uma sociedade pluralista e democrática em que há consenso, rodízio de lideranças, partilha e solidariedade. Para sempre, então, tenderá a rejeitar qualquer autoritarismo e qualquer opressão.

Ora, nestas últimas décadas do século, não é por acaso que estão explodindo todos os autoritarismos, sejam os da América Latina, sejam os do mundo socialista. Há um desejo de democracia e participação que está tornando estas formas de governo pouco a pouco obsoletas. Regimes que até há menos de meio século dominavam quase o mundo inteiro hoje já são peças de museu. Evidentemente, não podemos dizer que a causa única da superação dos totalitarismos tenha sido o crescimento da mulher no domínio público, mas este desmoronar do patriarcalismo, no seu cerne, certamente está contribuindo de maneira decisiva para que isto esteja acontecendo. A modernização das cabeças está na base da modernização das estruturas

O socialismo real, que é uma estrutura nova colocada em funcionamento por cabeças antigas, desaba porque o seu povo se tornou por demais educado e moderno para aceitar como natural uma ordem justa no papel e iníqua na prática. O mesmo se pode dizer sobre a queda legal do *apartheid* na África do Sul, pois o que está acontecendo com a categoria gênero acontece também com a variável raça. E assim por diante. Só restam por serem superados os estados teocráticos do Oriente Médio, em que a opressão da mulher é das mais brutais do mundo.

Evidentemente, ainda que a superação do patriarcado e do sistema competitivo não seja para a geração presente, tem que forçosamente acontecer nas duas ou três próximas gerações, se não quisermos correr o risco de ela simplesmente não acontecer em tempo hábil.

Por outro lado, isto não acontecerá se este trabalho feito ao nível individual não corresponder a um outro coletivo e institucional que o reforce e o faça crescer, impedindo assim que o capitalismo/patriarcado retome o que foi conquistado. A grande lição que nos deixaram tanto o cristianismo quanto o socialismo é que transformações estruturais e mentalidades devem vir juntas, complementando-se umas às outras.

Evidentemente, as transformações necessárias para reverter o processo de destruição do planeta são incomparavelmente maiores do que a revolução da mulher. Elas terão que formar um conjunto de mudanças muito mais profundas do que foi a Renascença ou a passagem das sociedades nômades para a economia agrária. Elas incorporam os assombrosos conhecimentos que caracterizam o século XX, como a descoberta da estrutura do átomo, a tecnologia nuclear, a conquista do espaço, o progresso no conhecimento da origem do universo e da vida, a aceleração asfixiante trazida à economia pela velocidade da informática, o conhecimento do funcionamento do cérebro, o corpo e a mente expandida, tudo isto acontecendo a partir da segunda me-

tade do século XX. Mas, já estamos vendo o quão destrutivas podem ser estas ciências se elas não vierem acompanhadas de uma transformação do ser humano desde o mais profundo de si mesmo, o que só pode acontecer com a integração das mulheres — metade da humanidade — no mundo masculino e vice-versa.

À integração do público e do privado corresponde a do homem e da mulher, que, por sua vez, dão.origem, nas novas gerações, à integração, dentro de cada ser humano, do corpo e da mente, da emoção e da racionalidade, superando, assim, a longo prazo o domínio hegemônico da racionalidade na ciência e no conhecimento a expensas da emoção e da ética. Assim, o dualismo platônico que caracterizou o mundo ocidental e a tecnologia nos últimos milênios pode ser superado, dando origem a novas formas de conhecimento mais integradas.

Isto está acontecendo a partir dos anos 80, com a emergência de novas correntes de pensamento. As filosofias pós-modernas, por exemplo, estão fazendo um trabalho de desconstrução das verdades "eternas" da Filosofia e até do próprio conhecimento. Foucault, Derrida, Guatári, Rorty, Culler e muitos outros mostram que aquilo que pensamos ser eterno e essencial é fabricado e relativo. As teóricas feministas — Nancy Chodorow, Jane Flax, Carol Gilligan, Zilah Eisenstein e inúmeras outras — constroem metodologias que reincorporam a emoção e a subjetividade ao processo de conhecimento científico até então baseado numa objetividade e numa racionalidade dissociadas e, portanto, aéticas e destrutivas. Um conhecimento que não se afaste do concreto e do vivido, integrando-se com o geral e o abstrato, já será em si essencialmente ético, pois, por definição, a ética é o cuidado do coletivo dentro da vivência individual. A ética só existe como disciplina separada dentro de um sistema competitivo baseado na destruição do interesse do outro em benefício do interesse próprio.

A esse projeto pós-platônico e pós-cartesiano na área

da epistemologia correspondería uma era pós-econômica. Nesta metodologia nova e desconstrutiva, o objetivo da teoria econômica não seria mais a produção e o lucro, e sim o direito à satisfação das necessidades básicas e a fmição, hoje substituídos pelo consumo compulsivo. Não mais uma economia baseada sobre a Teoria dos Jogos de von Neumann, uma das mais impressionantes teorias matemáticas do século XX. Nesta teoria, é impossível que um jogador consiga o máximo sem que o outro tenha o mínimo. Von Neumann, com sua genialidade, descobriu como quantificar as leis que regem o sistema competitivo.

Uma era pós-econômica baseada na satisfação das necessidades teria que ser assentada nas leis da solidariedade e da partilha. Teria que ser feita uma matemática da distribuição equilibrada que pudesse regular a selvageria tanto da oferta quanto da procura. Neste contexto, poder-se-ia criar modelos alternativos de desenvolvimento que não os liberais que hoje tanto fascinam o mundo mas que não podem existir sem a exploração de vastos setores de populações, mecanismos estes que hoje estão mais escamoteados do que nunca. E o modelo de desenvolvimento liberal que leva ao consumo desenfreado e à destruição do meio ambiente.

Para que os novos modelos de desenvolvimento possam ser bem-sucedidos, faz-se necessário a criação e a implementação de um Estado que seja verdadeiramente democrático e de consenso, gerido pela sociedade civil. Um socialismo democrático e pluripartidário como sonhou Rosa de Luxemburgo em sua obra política (quase desconhecida), e foi por essa sua idéia, gestada dentro do totalitarismo coercitivo e violento do Estado Soviético, que tiveram origem a sua perseguição pelos burocratas e seu assassinato no começo do século. E são essas mesmas concepções que, a nosso ver, a tornam a mais importante *pensadora* do século XX. Talvez tenha sido ela a grande profetisa do que pode vi»- a ser o Estado no século XXI.

Isto tudo e muito mais deverá ser conseguido em tempo hábil, isto é, de duas a três gerações, para que possamos sobreviver. A necessidade de sobreviver é a única mola que impulsiona qualquer utopia. Só quando pudermos ver no outro um irmão, um aliado e não um opressor ou um inimigo, é que poderemos saber que as duas instâncias mais difíceis e mais longas de integração exigidas para a continuação de nossa espécie, que são a dos seres humanos entre si e da humanidade com o meio ambiente, serão conseguidas.

Estamos certas de que isto não será conseguido sem muita perplexidade e talvez muito sofrimento. Aqui vale a pena lembrar uma palavra do Gênese inviabilizada pela cultura patriarcal e que poderá nos dar uma luz sobre o que dissemos. Depois de Deus ter expulsado Adão e Eva do Paraíso e de ter-lhes imposto as várias maldições, preocupou-se e disse: "Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Ora, não aconteça que estenda a sua mão e tome também da árvore da vida e coma e viva eternamente." (Cap. 3 vers. 21 a 24.)

E continua o Gênese: "O Senhor Deus o lançou, pois, fora do jardim do Éden para lavrar a terra de que fora tomado. É havendo lançado fora o homem, pôs no oriente do jardim do Éden um querubim e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados para guardar o caminho da árvore da vida."

Esta preocupação de Deus é uma implícita aceitação do fato de que, ao induzir Adão a comer o fruto do Bem e do Mal, Eva e a serpente estavam certas, pois o homem acabou se tornando "como um de Nós", isto é, como um deus. E Deus tem medo de que o homem siga em frente no seu projeto de obter a imortalidade e, assim, tornar-se realmente igual ao Todo-Poderoso. Por isso veda para sempre a entrada do homem e da mulher no Jardim das Delícias, com uma espada que se volve para todos os lados.

Desta forma, enquanto o Deus patriarcal estiver vigian-

do a porta do Jardim, não há chance nenhuma de retornarmos a ele. O texto não deixa dúvida alguma quanto a isto. Só poderemos voltar ao jardim da Árvore da Vida, isto é, à fruição, se destronarmos ou destruirmos o Deus patriarcal e fizermos dele ao menos um Deus que seja ao mesmo tempo macho e fêmea (cap. 1 vers. 27).

No fim, mesmo o Deus patriarcal reconhece a sabedoria da mulher e a sua condição de libertadora do homem. Quem diria!

24

Bibliografia

Abernethy, Virgínia. “Female Hierarchy: An Evolutionary Perspective.” In Tiger and Fowler, *Hierarchies.*

Agonito, Rosemary. *History of Ideas on Women.* New York: G. P. Putnam’s Sons/Paragon, 1977.

Anderson, Peter. ‘‘Reproductive Role of the Human Breast.” *Current Anthropology* 24, 1 (Feb. 1983): 25-43.

Baclinter, Elisabeth. *Um Amor Conquistado.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

Bainton, Roland H. *Women ofthe Reformation.* Minneapolis, Minn.: Augsburg Publishing House, 1977.

Balikci, Asen. “The Netsilik Eskimos: Adaptive Process.” In Lee and DeVore, *Hunter.*

Balsdon, J. P. V. D. *Roman Women*: *Their History and TheirHabits.* Westport, Conn.: Greenwood Press, 1962.

Bamberger, Joan. “The Myth of Matriarchy: Why Men Rule in Primitive Society.’’ In Rosaldo and Lamphere. *Woman.*

Beard, Mary R. *Woman as Force in History.* New York: Macmillan Collier Books, 1971.

Bell, Susan Groag, ed. *Women from the Greeks to the French Revolution.* Stanford, Calif.: Stanford Univ. Press, 1973.

Benhabib, Seyla e Drudlla Cornell. *Feminismo como Crítica da Modernidade: Re leitura dos Pensadores Contemporâneos do Ponto de Vista da Mulher.* Rio de Janeiro; Editora Rosa dos Tempos, 1991.

Bernard, Jessie. *The Female World.* New York: Free Press, 1981.

Beauvoir, Simone. 0 *Segundo Sexo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Billigmeier, Jon-Christian, andjudy A. Turner. “The Socio-Economic Roles of Women in Mycenaean Greece: A Brief Survey from Evidence of the Linear B Tablets.” *Women's Studies*, 8 (1981): 3-20

Block, Raymond. *The Etruscans.* New York: Frederick A. Praeger, 1958.

Brown, Judith K. “Iroquois Women: An Ethnohistoric Note.” In Reiter, *Anthropology.*

Burry, J. B., S.A. Cook and F. E. Adcock. “The Law of Ancient Babylonia.” In *Man in Adaptation: The Institutional Framework.* Ed. Y. A. Cohen. Chicago: Aldine, 1971.

Campbell, Joseph. *The Masks of God: Occidental Mythology.* New York: Viking Press, 1970.

Capellanus, Andreas. *The Art of Courtly Love.* Trans. John J. Parry. New York: Columbia Univ. Press, 1941.

Chance, Michael R. A. and Clifford Jolly. *Social Groups of Monkeys, Apes, and Men.* New York: E. P. Dutton, 1970.

Cherfas, Jeremy, and John Gribbin. “Updating Man’s Ancestry.” *New York Times Magazine.* Aug. 29, 1982.

Chodorow, Nancy. *Psicanálise da Maternidade*: *Uma Crítica a Freud a Partir da Mulher.* Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1990.

Clark, Alice. *Working Life of Women in the Seventeenth Century.* 1919. Reprint, New York: A M. Kelley, 1968.

Cranstone. B. A. L. "Animal Husbandry: The Evidence from Ethnography. ' ' In *The Domestication and Exploiíation ofPlants and Animais.* Eds. Peter J. Ucko and G. W. Dimbleby. Chicago: Aldine Publishing, 1969-

Croll, Elisabeth. *Feminism andSocialism in China.* New York: Schocken, 1980.

Dahlberg, Francês, ed. *Woman the Gatherer.* New Haven, Conn.: Yale Univ. Press, 1981.

Davis, Elizabeth Gould. *The First Sex* New York: G. P. Putnam's Sons/Penguin Books, 1972.

De Rougemont, Denis. *Love in the Western World.* New York: Pantheon, 1956.

Divale, William, and Marvin Harris. "Population Warfare, and the Male Supremacist Complex.'' *American Anthropologist,* 78 (1976): 521-538.

Draper, Patrícia. "Kung Women: Contrasts in Sexual Egalitarianism in Foraging and Sedentary Contexts.'' In Reiter, *Anthropology.*

Dreifuss, René. *A Internacional Capitalista.* Rio de Janeiro: Espaço & Tempo, 1987.

Elkin, A. P. 'Studies in Australian Totemism: Sub-section, Section, and Moiety Totemism." *Oceania* 4, 2 (1933-34): 6-90.

Estioko-Griffin. "Woman the Hunter: The Agta." In Dahlberg, *Gatherer.*

Freyre, Gilberto. *Casa Grande 8c Senzala.* Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1946.

French. Marilyn. *Beyond Power: on Women, Men, and Morais.* New York: Summit Books, 1985.

Friedan, Betty. *Mística Feminina.* Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

Friedl, Ernestine *Women and Men. An Anthropologist's View.* New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

Foucault, Michael. *Microfísica do Poder.* Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

Gallop, Jane. *Daughters and Seduction*, New York: Cornell University Press, 1982.

Gergen, Mary McConney, ed. *Feminist Thought and the Structure of Knowledge.* New York: New York University Press, 1988.

Gilligan, Carol. *Uma Voz Diferente: Psicologia da Diferença Entre Homens e Mulheres da Infância à Idade Adulta.* Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1990.

Goldberg, Steven. *The Inevitability ofPatriarchy.* New York: Morrow, 1974.

Gimbutas, Marija. *The Gods and Goddesses of OldEurope,* Berkeley, Calif.: Univ. of Califórnia Press, 1974.

Goodale, Jane C. *Tiwi Wives.* Seatle. Wash.: Univ. of Washington Press, 1971.

Goodman, Naomi. "Eve, Child Bride of Adam." In *Psychosexual Imperatives\ TheirRole in ldentity Formation.* Eds. Marie Coleman Nelson and Jean Ikenberry. New York and London: Human Sciences Press, 1979.

Hamburg, David A., and Donald Munde. ''Sex Hormones in the Development of Sex Differences in Human Behavior." In Maccoby, *Development.*

Helm, June. ''The Nature of Dogrib Socioterritorial Groups." In Lee and DeVore, *Hunter.*

Jaggar, Alison M. and Susan R. Bords, eds. *Gender/Body/Knowledge-. Feminist Reconstructions ofBeing and Knowing.* New Brunswick: Rutgers University Press, 1989.

Joll, James. ''Why Men Do Not Revolt." *New York Review of Books* Sept. 28, 1978.

Kelly, Joan. "Early Feminist Theory and the *Querelle des Femmes*, 1400-1789." *Signs* 8,1 (Autumn 1982):4-28.

Kors, Alan C., and Edward Peters. *Witchcraft in Europe*: *1100-1700: A Documentary History.* Philadelphia Univ. of Pennsylvania Press, 1972.

Kraditor, Aileen. *The Ideas of the Woman Suffrage Movement, 1890-1920.* New York: Columbia Univ. Press, 1965.

Lacey, W. K. *The Family in Classical Greece.* Ithaca, N.Y.: Cornell Univ. Press, 1968.

Mamonova, Tatyana. "The USSR: It's Time We Began witfi Ourselves." In Morgan, *Sisterhood Is Global.*

Marshack, Alexandre. *Roots of Civilization.* New York: Doubleday, 1972.

McGrew, W. C. "The Female Chipanzee as Human Evolutionary Prototype". In Dalhlberg, *Gatherer.*

Mead, Margaret, ed. *Cooperation and Competition Among Primitive Peoples.* New York: McGraw Hill, 1937.

Mellaart, James. *Catai Huyuk.* New York: McGraw-Hill, 1967.

Miler, Rosalind. *A História do Mundo Pela Mulher.* Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1988.

Minai, Naila. *Women in Islam.* New York: Seaview Books, 1981.

Monter, E. William. "The Pedestal and the Stake Courtly Love and Witchcraft.'' In Bridenthal and Koonz, *Visible.*

Murdock, G. P. *Social Structures.* New York: Macmillan, 1949-

Nedelson, Leslee. "Pigs, Women, and the Men's House in Amazônia." In Ortner and Whitehead, *Sexual Meanings.*

Nowak, Mariette. *Eve's Rib.* New York St. Martin's Press, 1980.

Nye, Andréa *Eeminist Theory and the Philosophies ofMan.* New York: Routledge, 1989.

Pomeroy, Sarah B. *Goddesses, Whores, Wives andSlaves.* New York: Schocken Books, 1975.

Reiter, Rayna R., ed. *Towardan Anthropology of Women.* New York: Monthly Review Press, 1975.

Rohrlich, Ruby, and June Nash. “Patriarchal Puzzle: State Formation in Mesopotamia and Mesoamerica.” *Heresies 13*. 4, 1 (1981): 60-65.

Rohrlich-Leavitt, Rubby. “Women in Transition: Crete and Sumer.” In Bridenthal and Koonz, *Visible.*

Rosaldo, Michelle. “Woman, Culture, and Society: An Overview.” In Rosaldo and Lamphere.

Sahlins, Marshall. *Stone Age Economics.* Chicago: Aldine-Atherton, 1972.

Schlegel, Alice. “Male: Female in Hopi Thought and Action.” *In Sexual Stratification*. Ed. A. Schlegel. New York: Columbia Univ. Press, 1977.

Tanner, Nancy. *On Becoming Human.* New York: Cambridgc Univ. Press, 1981.

William, Leonard. *Men and Monkeys.* New York: Viking, 1969.

Zimmer, Heinrich. *Philosophies of índia.* Ed. Joseph Campbell. New York: Pantheon Books, 1956.

Seja um Leitor Preferencial Record
receba informações sobre nossos lançamentos.
Escreva para
RP Record
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ - CEP 20922-970
dando seu nome e endereço
e tenha acesso a nossas ofertas especiais.

Válido somente no Brasil.

Ou visite a nossa *home page*:
http://www.record.com.br

Impresso no Brasil pelo
Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
IDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
na 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000

UMA HISTÓRIA DA MULHER E SUAS PERSPECTIVAS PARA 0 FUtURO

Às vésperas do Terceiro Milênio está se fechando um ciclo da História da Humanidade, onde todos os autoritarismos e o próprio patriarcado pouco a pouco vão desmoronando. Depois de oito mil anos de submissão, as mulheres retornam ao mundo público como povo, realizando a mais profunda e silenciosa revolução do período histórico com as mais surpreendentes conseqüências para as instituições como o Estado, a nação, as empresas e todas as organizações no plano local, nacional, internacional, inclusive tornando concreta a tentativa de reverter o processo de destruição da Espécie e do Planeta que até hoje parece inexorável. **Rose Marie Muraro,** uma das primeiras a levantar o problema da mulher no Brasil moderno, nos traz neste livro uma nova visão da importância da mulher no limiar do Terceiro Milênio.

ISBN 85-85363-45-2

EDÍTORA
ROSADOS
TEMPOS

Capa: Laura Cardoso Pereira

9 788585 363451